

30/03/2000 - anexa  
já tem na base no syst. 0276746  
no adm. 276855

9509

VALÉRIA GAUZ

CONSIDERAÇÕES SOBRE O USO DO CATÁLOGO DE OBRAS RARAS  
NA BIBLIOTECA NACIONAL

Subsídios para viabilizar a automação do Catálogo Principal  
e otimizar o atendimento ao público local e a  
outras bibliotecas

Dissertação de Mestrado apresentada  
para obtenção do grau de Mestre em  
Ciências da Informação do IBICT/UFRJ.

Orientadora: NICE MENEZES DE FIGUEIREDO, PhD

Rio de Janeiro

1990

## SUMÁRIO

|   | Páginas |
|---|---------|
| AGRADECIMENTOS .....  | i       |
| RESUMO .....  | iii     |
| ABSTRACT .....  | iv      |
| CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO   |         |
| 1. Bibliotecas Nacionais .....                                  | 1       |
| 2. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro..                    | 10      |
| 3. A Questão das Obras Raras na Biblioteca Nacional .....       | 25      |
| CAPÍTULO II - HISTÓRIA DOS CATÁLOGOS E DA CATALOGAÇÃO           |         |
| 1. Catálogos Manuais .....                                      | 33      |
| 2. Automação dos Catálogos .....                                | 42      |
| 3. Automação dos Catálogos no Brasil .....                      | 52      |
| CAPÍTULO III - ESTUDOS DE USO DE CATÁLOGO.....                  | 56      |
| CAPÍTULO IV - METODOLOGIA .....                                 | 78      |
| CAPÍTULO V - ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS                        |         |
| 1. Análise do Questionário Aplicado na DIORA .....              | 83      |
| 2. Análise das Planilhas SIAH/DIORA .....                       | 121     |
| 3. Análise do Catálogo do SIAH .....                            | 127     |
| 4. Análise dos Questionários Enviados a Outras Bibliotecas..... | 128     |
| CAPÍTULO VI - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES ....                   | 147     |
| NOTAS .....   | 158     |
| BIBLIOGRAFIA .....  | 164     |
| ANEXOS .....  | 178     |

## AGRADECIMENTOS

Não é tarefa fácil agradecer a todas as pessoas que passaram pelas diversas etapas desse trabalho, sem correr o risco de esquecer algum nome; a essas, meus sinceros agradecimentos.

Dedico esse estudo ao Carlos Paiva, o "culpado" pela escolha do curso, num momento em que questionava a profissão; você salvou uma bibliotecária. Mais que isso, você ajudou muito. Thanks.

Aos parentes queridos, pelo incentivo constante em todos os aspectos, meus super-agradecimentos.

À minha Orientadora Nice Figueiredo, pelas sugestões apresentadas, pela amizade e pela paciência e compreensão demonstradas em todo o decorrer desse trabalho.

À Eliane Mey, que em muito contribuiu para a delimitação desse tema no início, além de valiosamente discutir alguns pontos técnicos da catalogação.

Aos amigos, que durante dois anos souberam compreender minha ausência.

Aos incentivadores, formais e informais, que leram e contribuíram na elaboração desse trabalho.

Ao pessoal da ECO e do IBICT, pela cordialidade e presteza nos serviços (principalmente os da biblioteca). À Ilce, especialmente, pela revisão bibliográfica.

Ao Rogério, ex-estagiário do Laboratório de Computação da UFRJ, pela força no uso dos micros no início dessa dissertação.

À Fundação Getúlio Vargas, nas pessoas de Joaquim Francisco Alves e Carlos Afonso Figueiredo, do Centro de Processamento de Dados e do NAU, principalmente. A ajuda e a boa vontade foram marcantes nessa minha etapa profissional.

Ao Danilo "Vilaverde" Fonseca e Fábio, do Controle de Qualidade da AMIL, pela paciência e horas de labuta no uso do programa estatístico que tabulou os dados dos questionários.

Ao André, pela amizade e liberação dos micros; ao Toquinho, pelas inúmeras tentativas de continuar a digitar essa dissertação. E, finalmente, à Maria da Penha, do IEI/UFRJ, pela conclusão desse trabalho em máquina.

Por último, e mais importante, meu reconhecimento e gratidão aos Espíritos que clarearam meu raciocínio e me sustentaram nos momentos menos agradáveis dessa Dissertação.

## RESUMO

Apresenta-se um histórico da Biblioteca Nacional do Brasil e da questão das obras raras, tanto do ponto de vista técnico quanto do administrativo, e também a situação das coleções de obras raras de outras bibliotecas no país para as quais a Biblioteca Nacional presta assistência técnica.

Para embasamento teórico da pesquisa, levantou-se a história dos catálogos, da catalogação, e os estudos de uso de catálogo, no exterior e no Brasil. O estudo foi realizado tendo como objetivos determinar como o usuário da Divisão de Obras Raras (DIORA) utiliza o catálogo, visando à melhoria no atendimento e, principalmente, a automação do catálogo. Paralelamente, procurou-se verificar a real situação de outras coleções de livros raros no país para melhor adequar o assessoramento que a Biblioteca Nacional oferece.

Os resultados do estudo demonstraram que a forma como vem sendo realizada a catalogação em planilha nos últimos 8 anos (livros dos séculos XVI e XVII) é extremamente detalhada e pode não atender às necessidades de informação dos usuários quando colocadas no catálogo automatizado. Quanto às outras coleções dopaís, observou-se que ainda estão em estágio inicial de identificação e tratamento técnico, necessitando de orientação básica quanto aos serviços que uma seção de obras raras deve oferecer aos seus usuários.

Recomendações são feitas, entre outras, para que a catalogação de livros raros da Biblioteca Nacional seja repensada no sentido de atender às reais necessidades de informação dos usuários, isto é, deve ter em vista a simplificação como finalidade de automação, que é a tendência registrada na literatura estrangeira. Em relação às outras coleções brasileiras, recomenda-se uma reformulação nos serviços do PLANOR no que diz respeito aos aspectos técnicos e administrativos tendo em vista a otimização da assessoria que a Biblioteca Nacional presta a essas bibliotecas.

## ABSTRACT

A brief history of the National Library of Brazil is presented as well as some issues related to rare books collections in the country. A study on the development of catalogs and cataloging including catalog use - based on national and international approaches - pinpoints major findings to back the research. The work also contemplates users' study identifying traits and trends aiming to collect meaningful data for automation and service betterment purposes. At the same time, a questionnaire was sent to other rare books collections in the country in order to assess their actual situation.

The results of the study showed that the way cataloging has been done in the last 8 years is extremely detailed, and may not attend the users needs. Recommendations were made in order not only to simplify it for automation purposes, but also to attend these needs. For other rare books collections in the country, recommendations were made in order to improve their organization and services, with the National Library consulting.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

## I. INTRODUÇÃO

### 1. Bibliotecas Nacionais

O papel das Bibliotecas Nacionais tem sido definido internacionalmente, como o de adquirir e preservar o material bibliográfico original dos respectivos países. Nas nações desenvolvidas estas bibliotecas se destacam pela riqueza da coleção, a qualidade da pesquisa que ensejam e realizam e a imponência de seus prédios.

O ano de 1958 é assinalado como um marco dos primeiros estudos sobre Bibliotecas Nacionais em vários países, segundo ANDERSON<sup>(1)</sup> e WORMANN<sup>(2)</sup>. Com exceção da Library of Congress que, mesmo durante a Segunda Guerra manteve o seu papel de depositária da produção nacional e, através dos programas de aquisição cooperativa, obteve a literatura estrangeira relevante aos seus objetivos, as bibliotecas européias sofreram consideráveis prejuízos em suas atividades, afetadas tanto quanto os demais segmentos da sociedade, pois dependiam do Estado para sobreviverem.<sup>(3)</sup>

Cabe mencionar que o órgão internacional de fomento das bibliotecas naquela época, a UNESCO, dedicava-se à melhoria das bibliotecas públicas. Por outro lado, após a Segunda Guerra, com a expansão das bibliotecas especializadas acompanhando a explosão do conhecimento, tornou-se necessário fazer uma análise da posição das bibliotecas nacionais na conjuntura da época.

Assim, a fim de definir o papel das Bibliotecas Nacionais, a UNESCO patrocinou, em 1958, o Symposium on National Libraries in Europe, também conhecido como Simpósio de Viena. Este Simpósio analisou funções e atividades realizadas pelas bibliotecas nacionais, em geral, concluindo que é de responsabilidade das Bibliotecas Nacionais: <sup>(4)</sup>

1. Aquisição e preservação da produção nacional impressa;
2. Coordenação de esforços para aquisição de literatura estrangeira identificada como relevante para cada biblioteca;
3. Padronização de regras para a compilação de catálogos;
4. Coordenação dos serviços bibliográficos do país.

No entanto, segundo WORMANN <sup>(5)</sup> se aquisição e preservação da produção nacional impressa são essenciais para uma biblioteca nacional, ela não pode se restringir somente a essas funções, uma vez que o uso do acervo é o que a tornará viva, em seu papel de biblioteca-chave do país. Para isso, ela precisa assumir uma posição ativa em toda a nação, e não apenas para alguns pesquisadores e, nesse sentido, ela é também uma biblioteca pública. Outra visão do papel da biblioteca nacional foi, também, a de oferta de serviços, considerada prioritária no Simpósio de Viena. No relatório final, ficou claramente estabelecido que a Biblioteca Nacional só poderia assumir um papel central se os serviços oferecidos fossem de boa qualidade e ganhassem o respeito e a confiança dos usuários.

Foi levantado, ainda, nessa reunião, o problema adminis

trativo que esse tipo de biblioteca enfrenta, especialmente em relação à verba, pessoal e organização, em geral. Autonomia administrativa e econômica são vitais para o bom funcionamento de uma instituição. Principalmente as questões econômicas são essenciais, por serem pré-requisitos para o oferecimento de bons serviços.

Mais tarde, seria estabelecido que, enquanto instituição-chave no desenvolvimento do controle bibliográfico universal, a Biblioteca Nacional poderia ser considerada também como o componente nacional no sistema de comunicação internacional. Sobre esse assunto, LINE<sup>(6)</sup>, relembrando Humphreys, que identificara as funções de uma Biblioteca Nacional categorizando-as em fundamentais, desejáveis e não essenciais, declara a função "sistema de comunicação internacional" como uma função não necessariamente desenvolvida por uma Biblioteca Nacional.

ANDERSON<sup>(7)</sup> chama atenção para o papel das bibliotecas nacionais em países recém-independentes. Normalmente, a demanda existente, nesses casos, é para a criação de bibliotecas públicas, o que requer da Biblioteca Nacional um desempenho de dupla função, como é o caso da Biblioteca Nacional da Guiana Inglesa, e como foi previsto no Simpósio de Viena.

MAURICE LINE<sup>(8)</sup>, por outro lado, analisa as funções das bibliotecas nacionais em países desenvolvidos onde, na

Finlândia e na Noruega, por exemplo, as bibliotecas nacionais assumem, também, função de universitárias. MCHOMBU<sup>(9)</sup>, analisando os casos de países em desenvolvimento, cita a Nigéria e a Etiópia, cujas bibliotecas universitárias servem como nacionais em vários aspectos pois, na maioria das vezes, são essas as bibliotecas mais bem equipadas desses países.

Em alguns países do continente africano tentou-se implementar bibliotecas nacionais, mas o alto custo somado a necessidades sociais mais prementes provaram não ser viável sua criação. Mchombu questiona a instituição "Biblioteca Nacional" na forma como existe, indistintamente, em países desenvolvidos e em desenvolvimento. Fala, ainda, na tendência de alguns bibliotecários do Terceiro Mundo em igualar objetivos e funções de uma Biblioteca Nacional com uma instituição específica chegando a usar, como modelo, bibliotecas nacionais de países desenvolvidos, como a Library of Congress, a British Library e a Bibliothèque National de Paris. MAURICE LINE<sup>(10)</sup> aborda esse mesmo assunto quando exemplifica alguns casos de bibliotecas nacionais da América Latina que utilizaram essas mesmas bibliotecas de países desenvolvidos como modelo, no século XIX, numa época em que isso significava motivo de orgulho nacional, principalmente devido ao acervo raro que possuíam, uma vez que quase todas foram formadas com base em coleções reais.

De acordo com o autor africano, o nível de desenvol-

vimento social de um país é, ou deve ser, a base na qual as bibliotecas são criadas, e não o oposto. Uma visão simples, ou apenas dogmática, sem análise das conjunturas nacionais, resulta na criação de bibliotecas pouco eficientes, embora teoricamente perfeitas. Bibliotecários com experiência no exterior têm por obrigação adaptar o conhecimento adquirido às necessidades locais, às condições e ao nível de desenvolvimento de seu país. As classificações rígidas que se observam em bibliotecas de países industrializados (escolares, públicas, nacionais, universitárias etc.), não se adequam, na maior parte das vezes, à realidade de países em desenvolvimento. LEMOS<sup>(11)</sup> discorre sobre a questão da tipologia de bibliotecas que transplantamos de outros países:

"Existiria lugar e seria conveniente, em nossa sociedade, manter limites tão rígidos e precisos entre biblioteca nacional, bibliotecas universitárias, bibliotecas escolares, bibliotecas especializadas e bibliotecas públicas? De um modo geral, essa tipologia tem resultado em instituições estanques, compartimentadas, que não se comunicam e que, muitas vezes, competem entre si como se fossem estabelecimentos comerciais. Por que essas bibliotecas são instituições cativas de clientelas autônomas, infensas ao apelo para que sirvam a setores mais amplos da sociedade que as mantêm?"

E, mais adiante:

Parece-nos que existe uma concepção, equivocada em nosso entender, e que decorre do suposto universalismo, ainda que nominal, das técnicas bibliotecárias, segundo a qual a biblioteca como instituição pode ser transplantada de um país para outro sem que seja preciso passar por adaptações e modificações... Não se pode fazer caso omisso de que a biblioteca, da mesma forma que outras organizações sociais, é o resultado de pressões e demandas que a forjam dentro de uma sociedade específica constituída de indivíduos que diferem, por sua formação educacional, tradições, necessidades e aspirações, dos de outras sociedades. A biblioteca como instituição e as técnicas que a fazem funcionar devem coadu-

nar-se com a realidade social de um determinado país e não com formas ideais, que a sociedade desse país pode vir a rejeitar".

A questão da desvinculação do contexto social também é apontada por VIEIRA<sup>(12)</sup> quando aborda os estreitos limites técnicos dos currículos das Escolas de Biblioteconomia e as dificuldades encontradas pelos países em desenvolvimento, como: carência de recursos financeiros, deficiência de recursos humanos qualificados, inviabilidade tecnológica, etc.

MCHOUMBU<sup>(13)</sup> cita o exemplo da Biblioteca Pública da Tanzânia, onde noventa por cento dos usuários são estudantes, embora menos de vinte por cento da verba seja direcionada a esse público; a biblioteca é regida pela concepção de bibliotecas públicas de países desenvolvidos, onde a verba é quase que integralmente aplicada para o público, em geral, provendo os usuários com material não escolar. Esquece-se, muitas vezes, que as bibliotecas públicas de países desenvolvidos atendem à comunidade local porque os estudantes são atendidos em bibliotecas escolares, bibliotecas essas que praticamente inexistem em países em desenvolvimento. Concluindo, diz que o sucesso das bibliotecas nacionais de países industrializados tem como base uma série de condições sócio-econômicas não encontradas em países em desenvolvimento, que têm, assim, que procurar seus próprios papéis e objetivos, de acordo com os interesses e necessidades do país.

O artigo de revisão de JOYCE LINE<sup>(14)</sup>, de 1989, ana-

lisa a situação atual de algumas bibliotecas nacionais em países desenvolvidos e em desenvolvimento, e os principais textos produzidos ultimamente sobre o assunto. Há consenso em certos autores nesse artigo (Humphreys e Pflug, por exemplo) quando dizem, em suas projeções para um futuro próximo, que uma das funções de uma Biblioteca Nacional é a de se transformar em bibliotecas de bibliotecários, ou de outras bibliotecas. Humphreys ressalta que haverá menos importância nas necessidades dos usuários e uma maior preocupação da biblioteca em ser centro de informação para outras bibliotecas, e Pflug aponta que essa transformação se dará além da assistência dada ao usuário. Essa é uma nova tendência das Bibliotecas Nacionais atualmente, em países desenvolvidos.

No que diz respeito à aquisição de material, Jean Meyriat, citado por BANDARA<sup>(15)</sup>, lembra as dificuldades encontradas ao tentar se adquirir toda a produção bibliográfica de um país, mesmo para uma Biblioteca Nacional. Para que isso se tornasse possível, seria necessário que a Lei do Depósito Legal fosse estritamente cumprida, e que a biblioteca tivesse um perfeito sistema de verificação e controle do recebimento do material; além disso, a biblioteca deveria estar provida de pessoal e verba suficientes para tratar tecnicamente e colocar toda essa informação à disposição do usuário. Isso significa dizer que o controle bibliográfico completo em cada país seria um pré-requisito para o controle internacional. Meyriat completa a idéia dizendo que, mesmo no contexto das bibliotecas nacionais

européias, hoje, isso não acontece. Em relação aos países em desenvolvimento, há, ainda, menos chance disto acontecer.

No momento em que se observa uma contenção de despesas em todas as áreas do Estado, afetando, conseqüentemente, as bibliotecas nacionais, as coleções de livros raros se vêm obrigadas a competir com acervo recém-adquirido, tanto no que diz respeito à aquisição como à criação de registros bibliográficos, conservação e serviços oferecidos para o público; via de regra, na disputa financeira, a coleção de livros raros é o lado perdedor. FOOT<sup>(16)</sup> analisa o assunto em bibliotecas inglesas, lembrando que as bibliotecas acadêmicas têm sido forçadas a reduzir a verba para a aquisição de material corrente publicado no país; daí a expectativa dos usuários de que essa atividade passe a ser desenvolvida integralmente pela British Library. Por outro lado, como a coleção rara dessa biblioteca é uma das mais expressivas, a mesma expectativa existe por parte dos usuários que essa qualidade seja mantida. O que se nota, no entanto, é que muitas coleções de livros raros, em várias bibliotecas no mundo, têm recebido decisivo apoio de sociedades de amigos e doadores particulares para a manutenção de vários serviços internos, montagens de exposições e conservação desses acervos.

A restrição financeira afeta não somente a aquisição, mas também a manutenção/contratação de pessoal. A British Library, nos últimos seis anos, teve uma redução

de 18,3% em seu quadro de funcionários, e futuros cortes estão, ainda, previstos. Isso significa que mais trabalho está sendo feito por menos pessoas, pois continua crescendo o número de livros editados e de usuários nessa biblioteca. Juntando-se a isso a pressão para agilizar a catalogação e colocar rapidamente nos catálogos as novas aquisições, obviamente verifica-se uma diminuição na qualidade desse serviço, tanto no acervo corrente como no raro.

A situação da British Library é um reflexo do que ocorre, em geral, nas Bibliotecas Nacionais, mesmo nos países mais adiantados. Estes problemas observados na British Library são exarcebados nos países em desenvolvimento, acrescidos da controvérsia, como ressaltado na literatura, do objetivo principal de uma Biblioteca Nacional: biblioteca para pesquisa de usuário de alto nível, biblioteca atendendo às necessidades sociais servindo como pública, isto é, suprimindo a carência de outras bibliotecas, e biblioteca para pesquisa de outras bibliotecas, funcionando como centro de referência.

## 2. A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Quando, em novembro de 1807, por ordem de Napoleão, as tropas francesas invadiram Portugal, D. João, Príncipe Regente, a Rainha D. Maria I e toda a Família Real refugiaram-se no Brasil, trazendo, entre outros, a Real Biblioteca da Ajuda que D. José I, avô de D. João, organizara para substituir a biblioteca que o terremoto e o incêndio de 1755 devastaram. Entre os anos 1770 e 1773, esse acervo foi enriquecido com a coleção do bibliófilo Diogo Barbosa Machado (cerca de 5.700 volumes) e o acervo do Colégio Jesuíta de Todos os Santos, da Ilha dos Açores. Com a Família Real veio, também, a Livraria chamada do Infantado, cujos impressos foram incorporados à Real Biblioteca.<sup>(17)</sup>

De início, a biblioteca se instalou nas salas do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, na Rua Direita, hoje Rua Primeiro de Março. Não era, ainda, aberta ao público, o que veio a acontecer em 1814 quando, então, estudiosos podiam consultá-la mediante prévia autorização real. Nessa época contava, então, com mais de 60.000 volumes. Sua administração era confiada aos padres Gregório José Viegas e Joaquim Damaso, ambos vindos com a Família Real para o Brasil.

Voltando D. João a Portugal em 1821, levou grande parte dos manuscritos deixando, porém, os impressos. A

Real Biblioteca passou a ser, então, propriedade do Império do Brasil, pela Convenção Adicional ao Tratado de Paz e Amizade celebrado entre Brasil e Portugal, a 29 de agosto de 1825.

Em 1822 o governo determinou que fosse doado à Biblioteca Imperial e Pública da Corte um exemplar de todas as obras impressas na Tipografia Nacional. O aperfeiçoamento dessa legislação resultou no que hoje é conhecido como Decreto da Contribuição Legal, de 1907.

O ano de 1853 marcou o início da luta pela conquista de um espaço maior e mais adequado para a biblioteca, dirigida por Frei Camilio Montserrat. Comprado o novo prédio em 1855 mudou-se, em 1858, a coleção da Real Biblioteca para a Rua do Passeio nº 48, onde hoje funciona a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desde 1878 passou a chamar-se Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, já possuindo um acervo de 170 mil volumes.

Na segunda metade do século XIX, destacou-se a administração de Benjamin Franklin Ramiz Galvão, bem como a de José Alexandre Teixeira de Melo, diretor no período 1895 a 1900, e o primeiro a registrar a necessidade de um novo prédio para a Biblioteca, ainda na Rua do Passeio.<sup>(18)</sup>

Tendo sido a República proclamada em 1889, D. Pedro II, exilado, deixa à Biblioteca sua coleção particular de aproximadamente 50 mil volumes encadernados, com a condi-

ção de esse material levar o nome de sua esposa, D. Tereza Cristina Maria.

Várias tentativas foram feitas para que a Biblioteca Nacional obtivesse um espaço maior para a guarda de seu precioso acervo. Somente em 1903 foi conseguida verba para a construção de um novo prédio, iniciada em 1905. A inauguração da nova casa deu-se a 29 de outubro de 1910, local em que continua a funcionar até hoje, na Avenida Rio Branco nº 219, no Centro do Rio. O atual prédio é em estilo eclético, uma mistura de elementos neoclássicos e **art nouveau**.<sup>(19)</sup> Foi inaugurado tendo suas instalações correspondido às exigências técnicas da época, mas já há algumas décadas não suporta o peso e a quantidade de volumes do atual acervo (aproximadamente seis milhões de peças) que continuam, a cada dia, a enriquecer a coleção.

Em 1911 é instalado, no novo edifício, o primeiro curso de Biblioteconomia do país e da América Latina, iniciado, efetivamente, em 1915. Tinha esse curso, como modelo, a École Nationale des Chartes, da França. Era um curso de nível superior, e sua ênfase era para a área de Ciências Humanas, ensinando Paleografia e Diplomática, Iconografia, Numismática e Bibliografia. Essa última, consistia no estudo da Catalogação, Organização e Administração de Bibliotecas.<sup>(20)</sup> Isso aconteceu na administração de Manoel Cícero Peregrino da Silva como diretor de 1900 a 1924 (com algumas interrupções). Já nessa época se clamava por uma autonomia econômica e administrativa para que se pudesse

formar um quadro de pessoal compatível com a instituição, dar continuidade aos serviços de forma cada vez mais satisfatória já que, na época, o problema de espaço havia sido solucionado.

Rubens Borba de Moraes, diretor de 1945 a 1947, trazendo experiência no campo da Biblioteconomia norte-americana, apresentou relatório reservado a Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde, sobre a situação da Biblioteca Nacional. Nesse documento, relatou a precariedade do acervo, desvios na coleção e o mal estado de conservação do prédio. Ressaltou, igualmente, a necessidade da autonomia administrativa como forma de permitir à Biblioteca condições de trabalho adequadas.<sup>(21)</sup>

Até 1943 é possível fazer a reconstrução da história da Biblioteca Nacional através dos relatórios dos seus diretores, publicados nos Anais. Interrompidos nessa data, até 1971, quando foi iniciada a administração de Jannice Monte-Mór verifica-se uma lacuna que impede o registro do que nessa instituição se passou durante esse período. A própria MONTE-MÓR analisa a mudança ocorrida em várias bibliotecas nacionais em todo o mundo:

"Tradicionalmente, as bibliotecas nacionais ocupavam uma posição de excepcional liderança e prestígio em seus países. No entanto, nesse período, a situação mudou drasticamente. O espantoso aumento do volume de publicações editadas afetou as atividades das bibliotecas nacionais... O rápido crescimento das coleções levou à conseqüente falta de espaço físico nos edifícios... O processamento técnico das coleções adquiridas tornou-se extremamente complexo e caro. O atendimento aos usuários resultou numa grande perda de qualidade".

Somada a essas dificuldades, é a época em que se expandem as bibliotecas especializadas e os centros de documentação, concentrando assuntos específicos e, conseqüentemente, atendendo melhor aos usuários através de uma intensa cooperação. Esse fato também pode ser observado no Brasil: a Biblioteca Nacional não só perdeu prestígio, como viu-se obrigada a lidar com problemas burocráticos e desatualização de suas coleções.<sup>(22)</sup>

Na década de 60 surgiu a idéia da criação de uma Biblioteca Nacional Central em Brasília, que tinha por objetivo dividir as responsabilidades com a BN-RJ. A de Brasília seria uma grande biblioteca geral, que gozaria, também, da lei do Depósito Legal, enquanto a do Rio de Janeiro seria uma biblioteca nacional de referência para todo o país.<sup>(23)</sup> A idéia, porém, não chegou a ser concretizada.

Em 1970, o governo brasileiro projetou a implantação de um sistema de informações sobre Ciência e Tecnologia: "para captação, tratamento e difusão, sistemática e permanente, de informações atualizadas na área de Ciência e Tecnologia".<sup>(24)</sup>

Na realidade, esforços isolados já existiam por parte de alguns ministérios e do CNPq - Conselho Nacional de Pesquisa. De Início, o então MEC - Ministério da Educação e Cultura - não participou do grupo responsável pelo planejamento desse sistema, embora fosse óbvia sua contribuição indireta, principalmente através da Biblioteca Na-

cional - fonte e divulgadora de informação entre as instituições interessadas. Não poderia a Biblioteca ficar à margem de um plano do governo na área da informação, como preveniu MONTE-MÓR.<sup>(25)</sup> Esse fato pode ser interpretado como um reflexo da situação pela qual a Biblioteca passava na época, esquecida do papel que deveria desempenhar de alguma forma nos avanços científicos e tecnológicos do país.

Em 1971 a Biblioteca sofreu grande reforma administrativa com a direção de Jannice Monte-Mór. Apesar dos projetos desenvolvidos a fim de se acompanhar as mudanças que se faziam necessárias, a BN continua sem independência na tomada de decisões, que seria obtida somente através de sua transformação em órgão autônomo do MEC quando, então, poderia receber recursos, vender publicações, etc., o que não aconteceu, inteiramente, até hoje.

O problema de espaço se agravava, e a construção de um anexo e a restauração do atual prédio eram das principais metas do programa. Estudos então realizados pela FGV - Fundação Getúlio Vargas - mostravam um déficit de cerca de quatro mil metros quadrados; a previsão era de dezesseite mil metros quadrados de área útil necessária para os próximos 50 anos. O prédio, tombado em 1974, necessitava de um anexo, e melhor solução não havia que o terreno ao lado, ocupado pelo prédio do Supremo Tribunal Federal. O assunto foi estudado, o documento aprovado através de pareceres do Patrimônio da União, do IPHAN - Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - e da CEF - Caixa Econômica Federal -, que viabilizaria o financiamento do novo edifício, foi assinado pelos Ministros da Educação e Cultura e da Justiça, e encaminhado ao Presidente da República através da Exposição de Motivos nº 0252, de 03 de agosto de 1978, mas o assunto não foi considerado prioritário naquele governo.<sup>(26)</sup>

O programa de microfilmagem de periódicos e a aquisição racional de material bibliográfico estrangeiro foram, igualmente, desenvolvidos no início dessa década, assim como um curso de atualização para o pessoal de nível superior da BN, com duração de dois meses, ministrado com o objetivo de integrar os funcionários às mudanças ocorridas na área.

Muitas diretrizes se traçaram, então. Algumas, como a utilização de processo de automação, só mais tarde puderam ser implantadas (o BIBLIODATA/CALCO, por exemplo, foi implantado em 1982).

Nessa década foram, ainda, desenvolvidas atividades de pesquisa, não só com visitas de técnicos estrangeiros da área de conservação e restauração de documentos, mas também através de convênios com outras instituições, como a participação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro nas pesquisas desenvolvidas nessa área com biólogos e químicos. Na área da investigação histórica, estudo de usuário e automação, significativas pesquisas marcaram

avanços que confirmaram a posição e a importância da Biblioteca Nacional na época.

Segundo Edson Nery da Fonseca<sup>(27)</sup> esse período caracterizou-se pela reconstituição da instituição Biblioteca Nacional, que alternava-se entre períodos de fastígio e decadência, embora isso não tenha acontecido necessariamente por desinteresse dos diretores anteriores - muito depende do governo vigente. Essa década, de fato, significou a recuperação da imagem da Biblioteca e, conseqüentemente, da Biblioteconomia Brasileira no contexto mundial.

Os anos de 1979 e 80 assinalam a gestão de Plínio Doyle como diretor da casa. Sua administração foi marcada pelo estudo de viabilização do projeto de construção de dois anexos subterrâneos, de quatro andares cada, nos jardins da Biblioteca, resultando num acréscimo de 4.500 m<sup>2</sup>, na tentativa de solucionar o problema de espaço, já bastante agravado. Nessa época, foi, igualmente, elaborado um projeto para detenção de incêndio, havendo recarregamento de extintores. Foram realizadas contratações de serviços de vigilância, limpeza e imunização contra insetos.<sup>(28)</sup>

O ano de 1982 marca o início da administração de Célia Zaher, uma das mais profícuas e, sem dúvida, a de maior repercussão, dentro e fora da Biblioteca. Incorporada à Fundação pró-Memória desde o ano anterior, a Biblioteca alterou sua situação administrativa permitindo, dessa forma, a atualização necessária para as inovações que se

apresentariam (embora isso ainda não solucionasse, por completo, o problema da autonomia).

A reestruturação da Biblioteca Nacional foi iniciada com a elaboração de um novo regimento interno que permitiria o estabelecimento de um fluxo mais funcional das atividades da instituição.<sup>(29)</sup> Abaixo estão relacionados os feitos mais importantes ao ano de 1982:

1. Criação das Coordenadorias de Sistemas de Bibliotecas e Informação e Restauração e Microrreprodução;
2. Desmembramentos das Divisões de Aquisição e Processamento Técnico;
3. Início do projeto de automação;
4. Criação do Subprojeto Integração do Acervo Histórico (SIAH), que visava fazer a identificação, seleção e processamento técnico (e posterior restauração) de um considerável número de obras localizadas no último andar dos armazéns de livros. A fim de viabilizar esse projeto, foram contratados 21 bibliotecários, um especialista em Letras Clássicas, dois técnicos em restauração e pessoal de apoio para realização da tarefa;
5. Capacitação da Biblioteca Euclides da Cunha para atendimento de público de 1º e 2º graus;
6. Restauração do prédio e das seções;
7. Instalação da Seção de Música e Arquivo Sonoro no 3º andar do prédio do MEC;
8. Treinamento de recursos humanos.

Foi uma época favorável para a instituição, que vol-

tou a ocupar lugar de destaque na Biblioteconomia Brasileira, marcando presença e estando à frente de vários eventos culturais no país. Não se pode deixar de registrar, no entanto, o total apoio por parte de entidades governamentais que, somadas à competente administração, tornaram possíveis tantas realizações.

Com os serviços automatizados implantados, o ano de 1983 caracterizou-se pela normalização e compatibilização dos processos técnicos. Houve compra de 131 títulos, dos quais 39 nacionais e 92 estrangeiros, e de uma coleção de fotografias. Inaugurou-se o Laboratório de Restauração e projetou-se a criação de um setor de encardenação para atender às demandas da Biblioteca. No campo da divulgação, a fim de prestar informações sobre serviços e acervo da Biblioteca, foi elaborado, publicado e distribuído para o público um folheto sobre a Biblioteca Nacional.

Em 1984 Maria Alice Barroso assume a direção da instituição em substituição à Célia Zaher. Este ano também marca a incorporação do Banco de Teses, vindo da CAPES, totalizando um volume de oito mil teses. Houve continuidade e consolidação da reforma técnica e administrativa iniciada na gestão anterior. Foram criadas, também, a CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes - e a Brigada Contra Incêndios. Na área ajardinada, onde havia sido projetado o anexo para a Biblioteca, foi construída uma câmara subterrânea a fim de sanar problemas de instalação elétrica ocasionados pela sobrecarga advinda dos novos

computadores e aparelhos de ar refrigerados desde a administração anterior.<sup>(30)</sup>

Apesar de a Biblioteca ter procurado, nos últimos anos, dar continuidade ao desenvolvimento de suas atividades, problemas de ordem financeira, principalmente, vêm afetando significativamente seu funcionamento. Um deles foi a redução orçamentária sofrida em janeiro de 1986, de 32%.<sup>(31)</sup>

Somado a isso, a carência de espaço físico, cada vez mais agravada, obrigou a colocação de jornais e revistas em locais inadequados, sendo isto prejudicial tanto pelo aspecto da conservação quanto pelo fato de representar risco à segurança do acervo. Projetado para abrigar 450 mil peças, o atual prédio contava, então, com quase cinco milhões de peças.

Outro problema que afeta a BN ainda hoje é o de baixos salários de seu pessoal. Em dezembro de 1986 foi implantado, provisoriamente, o Plano de Cargos e Salários da Fundação Nacional pró-Memória. A maioria dos funcionários foi enquadrada em níveis que não correspondiam ao tempo e tipo de tarefa que realizavam, por erro da Fundação e/ou forma como foi conduzido esse enquadramento. Além disso, os pisos salariais não correspondiam à realidade, sendo significativamente baixos. Somente em junho de 1989 alguns funcionários obtiveram melhoria no que diz respeito ao enquadramento.

Os três problemas acima ressaltados (falta de autonomia administrativa e financeira, espaço e pessoal) já haviam sido alertados na década de 70 por Monte-Mor, e consoantes com os resultados e declarações do Simpósio de Viena.

A troca de instalações elétricas realizada na administração de Barroso consistia em duas fases: a primeira era a da Força e a segunda a da Luz. Cabe lembrar a importância dessa obra, não só por ter a BN um sistema elétrico há anos deficiente, que prejudica o trabalho dos funcionários, mas principalmente porque a construção dessa fase possibilitaria a criação do sistema de detecção de incêndio da instituição cultural mais importante do Brasil. A fase da Força não pode ser concretizada devido a mais um corte (dessa vez de 64,3%) no orçamento do exercício de 1987.<sup>(32)</sup>

No que diz respeito aos projetos da área de conservação do prédio, estes não puderam ser iniciados por cortes de verba, e as principais realizações da Biblioteca Nacional nessa área ficaram restritas a obras de pequeno porte, como reforma da rede telefônica interna, obras para eliminar infiltrações, restauração das paredes externas das clarabóias do vão central, entre outras.

Talvez a maior realização do ano de 1987 apesar dos recursos reduzidos, tenha sido a publicação dos volumes referentes aos anos de 1984, 1985 e 1986 da Bibliografia Brasileira.

Os anos de 1988 e 1989 marcaram o início de uma negociação mais ativa ente os funcionários e a Fundação Nacional pró-Leitura no que diz respeito a benefícios e acordos, sempre buscando uma isonomia salarial dentro do Ministério da Cultura. Com a saída de Maria Alice Barroso da Direção-Geral em julho de 1989, Lia Temporal Malcher, então Diretora-Adjunta, é efetivada e dá continuidade aos trabalhos já iniciados, inclusive aos que dizem respeito ao enquadramento dos funcionários no Plano de cargos e Salários da Fundação, que alega não haver vagas suficientes para enquadrar corretamente todos os funcionários da Biblioteca Nacional. A história se repete, só que dessa vez com os mesmos personagens, pois o mesmo motivo alegara a Fundação Nacional pró-Memória em 1986 para não enquadrar de forma justa os mesmos funcionários da Biblioteca Nacional. Procurou-se uma vantagem que justificasse, para a Biblioteca Nacional, a troca de Fundação.

Em março de 1990, com a mudança ocorrida no governo federal, o Congresso aprovou o que viria a ser a Lei nº 8029, de 12 de abril de 1990, que tornou a Biblioteca Nacional uma Fundação, englobando as funções do Instituto Nacional do Livro e da Fundação Nacional pró-Leitura. Nessa nova posição, a Biblioteca Nacional não só cresce enquanto entidade cultural no país, mas também realiza o tão antigo e desejado sonho da autonomia. Resta saber se, à nova Biblioteca Nacional, serão dadas condições para desempenhar essas novas funções, e se ela terá capacidade para definir o que é, o que tem a oferecer e a quem, pois

que, somadas às antigas funções, há as novas a serem realizadas, num âmbito maior que o anterior. Para isso, há que se repensar os objetivos da instituição e, principalmente, o aprimoramento de seu pessoal. A definição do que se irá oferecer de agora em diante implica em delimitar a aquisição de material, já que colecionar tudo sobre todos os assuntos é irreal, mesmo em bibliotecas nacionais. A nova tendência, registrada em literatura recente, é determinar um núcleo do que deve ser colecionado de cada assunto, também nas BNs. Isso, no momento, acontece em países desenvolvidos. A que tipo de público a Biblioteca Nacional irá oferecer os seus serviços de agora em diante é uma tarefa ainda não resolvida. De um modo geral, ela atende a universitários e estudantes do 2º grau, embora haja procura por parte de estudantes do 1º grau, daí a necessidade desta biblioteca se definir quanto a exercer uma função social sendo pública, ou ser uma biblioteca apenas para atendimento ao usuário a nível de pesquisa, ou, ainda, ser um centro de referência para outras bibliotecas. Com a escassez de bibliotecas escolares e públicas, e com acervos não adequados, a Biblioteca Nacional, a exemplo de algumas bibliotecas nacionais em países em desenvolvimento, vem desempenhando não só o seu papel de nacional ao adquirir e preservar a produção bibliográfica nacional; é, igualmente, pública, quando é procurada apenas como sala de estudo ou para leitura de romances; é escolar, quando atende a muitos estudantes do 2º grau em busca de resoluções para seus trabalhos escolares.

Definidas essas três questões (o que é, o que tem a oferecer e a quem), a Biblioteca poderá ter, então, condições de trilhar seu caminho como Coordenadora do Sistema Nacional de Bibliotecas, assumindo seu papel de Nacional.

Cabe mencionar que os problemas levantados anteriormente, principalmente em relação à verba e pessoal persistem (já que o problema de espaço possa, talvez, ser solucionado com o Anexo adquirido recentemente). Ao que tudo indica, neste momento, a instituição caminha em busca dos verdadeiros objetivos e funções que deve desempenhar na sociedade.

No campo das obras raras, pode-se dizer que a Biblioteca Nacional coordena de fato as atividades biblioteconômicas no país; ela oferece atendimento ao público local e a outras bibliotecas através de estágios e cursos, o que é, também, uma tendência das bibliotecas nacionais atualmente, ou seja, a instituição funcionando como centro de informação para outras bibliotecas. Além disso, tem como responsabilidade a padronização de regras e de serviços bibliográficos no que diz respeito às obras raras, e o treinamento de pessoal para trabalhar com esta coleção especializada.

### 3. A Questão das Obras Raras na Biblioteca Nacional

Consideram alguns autores que não há setor de uma biblioteca menos conhecido e compreendido do que o de material raro, tanto do ponto de vista dos padrões do que é comum em uma biblioteca, como também no que diz respeito ao público especial que faz uso desta coleção. O fato torna-se inevitável, também, pelas próprias restrições ao uso deste tipo de documento. Por outro lado, não há material melhor para se divulgar a biblioteca do que o material raro, por ser pouco comum e, muitas vezes, único no país.<sup>(33)</sup>

Os critérios para a qualificação de uma obra rara, internacionalmente conhecidos, elaborados por CUNHA e adotados pela Biblioteca Nacional são:<sup>(34)</sup>

1. Primeiras impressões - os primeiros livros impressos no mundo, dos séculos XV e XVI, onde estão incluídos os incunábulos;
2. Impressões dos séculos XVII e XVIII até 1720;
3. Edições de tiragens reduzidas, isto é, poucos exemplares disponíveis no mercado;
4. Edições especiais (por exemplo: edições de luxo para bibliófilos);
5. Edições clandestinas;
6. Obras esgotadas;
7. Exemplares de coleções especiais, com encadernações elaboradas, autógrafos ou marcas de propriedade, como

carimbos, ex-libris, etc.;

8. Exemplares com anotações manuscritas de importância, incluindo dedicatórias.

No Brasil, considera-se, igualmente, raro, o livro aqui publicado até 1841, devido à produção gráfica ter se desenvolvido a partir do Segundo Reinado.

Outros critérios, ainda segundo Cunha, podem ser estabelecidos de acordo com os interesses próprios de cada instituição, desde que com apoio bibliográfico, ou seja, consulta a bibliografias de renome, catálogos de livreiros e outras fontes de informação e referência.

Criada em 24 de janeiro de 1946 pelo Decreto nº 20.478 chamava-se, na época, Seção de Livros Raros. Com a Portaria MEC nº 470, de 10 de outubro de 1975, passou a denominar-se Seção de Obras Raras, subordinada à Divisão de Referência Especializada. Hoje, vinculada ao Departamento de Referência Especializada, chama-se Divisão de Obras Raras, e tem os objetivos de:<sup>(35)</sup>

1. Atender ao usuário na consulta do acervo e no uso dos catálogos da seção;
2. Zelar pela guarda e preservação do acervo;
3. Colaborar com o Departamento nos programas de composição e divulgação do acervo;
4. Manter atualizados os catálogos da seção.

Observa-se assim que, de acordo com esses objetivos, cabe à DIORA a identificação e o tratamento técnico do acervo raro integrante do patrimônio da Biblioteca Nacional.

Em 1982, durante a gestão de Célia Zaher, foi criado o SIAH - Subprojeto Integração do Acervo Histórico - que tinha por objetivo a recuperação das obras dos séculos XV a XX localizadas no último andar dos armazéns do edifício da Biblioteca Nacional. Essas obras, consideradas raras na sua maioria, permaneciam há tempos nos armazéns sem qualquer tratamento técnico, sujeitas às intempéries e em estado de deterioração acelerado, como foi anteriormente relatado. A fim de viabilizar este subprojeto foram contratados 21 bibliotecários, pessoal de apoio e um especialista em línguas clássicas. O objetivo era colocar à disposição dos leitores essas raridades bibliográficas - alguns documentos únicos na América - dos séculos XVI e XVII, principalmente, por sua cronologia e valor histórico. Uma vez que o acesso a esse tipo de acervo se daria através dos catálogos da Divisão de Obras Raras, esse trabalho deveria ter sido realizado em conjunto com essa seção, ainda mais que na mesma época a DIORA também catalogava livros dos séculos XVI e XVII, concluindo uma etapa do inventário de livros e folhetos. Lidando com o mesmo tipo de acervo, dentro da mesma instituição, as duas equipes deveriam ter se unido para um melhor aproveitamento, mas isto não ocorreu, sendo causa de problemas técnicos e entre as diferentes equipes, do que se ressentia a Biblioteca até hoje, apesar das tentativas conciliatórias.

O SIAH é considerado o embrião do PLANOR - Plano Nacional de Restauração de Obras Raras -, ligado à Coordenadoria de Conservação e Restauração da Biblioteca Nacional. Criado em 31 de outubro de 1983, esse plano foi estabelecido com os objetivos de: <sup>(36)</sup>

1. Identificar os principais acervos de obras raras existentes em bibliotecas e outras instituições culturais;
2. Orientar a organização e catalogação desses acervos, de acordo com as normas adotadas pela Biblioteca Nacional, e manter intercâmbio com os catálogos internacionais de obras editadas dos séculos XV a XVIII;
3. Elaborar o catálogo das obras raras existentes no país;
4. Identificar e orientar o registro do acervo editado no país, a partir do século XIX, considerado raro;
5. Dar assistência técnica na instalação de laboratórios de restauração e promover programas de treinamento de pessoal;
6. Organizar campanhas nacionais de restauração de documentos em suporte de papel;
7. Definir técnicas e padrões de guarda e encadernação para material bibliográfico raro.

Em 1984, a equipe original do SIAH (agora PLANOR) não mais existia, praticamente, pois os funcionários haviam sido transferidos para outras seções. Novos bibliotecários foram, então, contratados e iniciados nas técnicas da Biblioteconomia de Livros Raros pelo PLANOR, que já recebia profissionais de outras bibliotecas para estágio nessa época.

Analisando os relatórios da Direção Geral da Biblioteca Nacional referentes aos anos de 1986 e 1987, nota-se, curiosamente, a assertiva que diz caber ao PLANOR a **"identificação e o tratamento técnico de obras editadas a partir do século XVI integrantes do patrimônio da Biblioteca Nacional e de (outras) instituições culturais"**. Ao PLANOR, no entanto, não cabe a identificação e o tratamento técnico das obras raras da própria Biblioteca Nacional, pois à DIORA cabe essa tarefa. Ao PLANOR cabe a identificação das obras raras existentes no país, conforme o item 1 dos seus objetivos. Não se conseguiu obter informações de como esses objetivos foram alterados.

Mais curioso, ainda, tem sido o documento distribuído pelo PLANOR desde 1989, no XI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação/I Encontro Nacional do Livro Raro, realizado no Rio de Janeiro, intitulado Proposta de Trabalho, em anexo, no qual o PLANOR diz, também, ser de sua responsabilidade:

"Promover a capacitação do corpo técnico da Biblioteca Nacional, visando estabelecer padrões de técnicos de serviços e de materiais e equipamentos para a organização e preservação de obras raras".

Não só quem promoveu a capacitação do corpo técnico do PLANOR foi a Divisão de Obras Raras com sua equipe especializada há mais de 10 anos, como o PLANOR não poderia sequer existir sem a DIORA, uma vez que o SIAH/PLANOR teve como primeira coordenadora uma antiga chefe da então Seção de Obras Raras. O que se nota é uma total inversão de valores e situações que privilegiam pequenos grupos cujos

interesses não são os da Biblioteca Nacional. Foram, dessa forma, alterados os objetivos do PLANOR, desde sua criação até o momento.

Em 1987, com a mudança ocorrida na Coordenadoria de Conservação e Restauração, e contando o PLANOR com um gerente vindo de outra instituição, considerou-se, finalmente, que um plano, apenas, não poderia prestar assistência tão especializada em nome da Biblioteca Nacional para todo o país sem o apoio da DIORA, cujos funcionários compunham a mão de obra verdadeiramente especializada para esta tarefa. A própria equipe do PLANOR, em conclusão, reconheceu a importância de uma interação entre os dois grupos para que tivessem subsídios para concretizar os objetivos do PLANOR. Em 1988, os dois grupos iniciaram atividades em conjunto no que diz respeito à assistência técnica e consultoria. Pouco durou essa interação.

Atualmente, o PLANOR oferece a outras instituições praticamente os mesmos serviços da DIORA, quais sejam:

1. **Estágio interno** - Vários bibliotecários que estagiaram na Biblioteca Nacional através do PLANOR sentiram necessidade de estagiar na DIORA, pois faltava um complemento dos cursos pelo plano oferecidos, uma vez que não atende público, não tem catálogos, etc.

2. **Orientação técnica** - A DIORA presta orientação técnica

ca, tanto por telefone quanto por carta, assim como o PLANOR.

3. **Visita técnica** - Outra atividade já solicitada às chefias da Divisão de Obras Raras e Departamento de Referência Especializada.

4. **Treinamento técnico** - Nada mais são que os cursos oferecidos há anos pela DIORA. A exceção se faz, somente, ao curso de Inventário, cujo objetivo é a preparação de fichas para publicação no Catálogo Coletivo de Obras Raras.

5. **Catálogo Coletivo** - Tem sido observado que alguns livros que constam do Repertório Bibliográfico (Catálogo Coletivo) são cópias dos livros do acervo da DIORA, o que faz com que a Biblioteca corra um grande risco de inventariar e publicar erros, já que não tem a obra em mãos.

Ao se reconhecer a baixa produtividade e conflitos que podem ser gerados em uma instituição que possui dois grupos trabalhando em áreas idênticas sob diferentes administrações, espera-se que, brevemente, possam ser eliminadas as causas deste problema, propiciando o trabalho harmonioso de uma equipe especializada na busca de um dos objetivos maiores da Biblioteca Nacional Brasileira.

Tendo em vista equacionar os problemas apresentados no que diz respeito à coleção de obras raras da Biblioteca Nacional, o presente estudo propõe levantar subsídios que

permitam a automação do acervo em médio prazo e a otimização do atendimento ao usuário a partir do estudo do uso do Catálogo Principal da DIORA. Além disso, propõe, também, o estudo das planilhas elaboradas nos últimos 8 anos, a fim de se verificar a possibilidade de simplificar a catalogação de livros face às necessidades dos usuários, buscando a metodologia mais adequada da representação descritiva do acervo para o catálogo automatizado.

Tal abordagem se justifica modernamente, pois é importante o estudo do comportamento do usuário, no caso, no uso do catálogo, base para a melhoria do atendimento e da seleção dos dados catalográficos para automação deste catálogo. Embora uma Biblioteca Nacional, talvez mais que as de outros tipos, tenha que seguir padrões internacionais para se comunicar com as demais bibliotecas do mundo, não deve, contudo, afastar-se de seu objetivo principal que é o atendimento adequado aos seus usuários.

Outro objetivo do presente estudo é o de examinar a situação de outras coleções de livros raros no país, visando um diagnóstico que oriente a Biblioteca Nacional no estabelecimento de prioridades e tomadas de decisão em relação a uma política nacional de tratamento técnico de obras raras.

Catálogo Manual

... a primeira vez que se utilizou o termo catálogo para designar um instrumento de trabalho de uma biblioteca. Este termo foi usado pela primeira vez em 1876, no livro "The Catalogue of the University of Cambridge" de John James. Este livro foi o primeiro catálogo de uma biblioteca universitária a ser publicado em Inglaterra. Desde então, o termo catálogo passou a ser usado para designar qualquer instrumento de trabalho de uma biblioteca, seja ele impresso ou digital.

**CAPÍTULO II**

**HISTÓRIA DOS CATÁLOGOS E DA CATALOGAÇÃO**

... a história dos catálogos e da catalogação é muito antiga. Desde os primeiros tempos da civilização, os homens têm procurado organizar e classificar os seus bens materiais. No entanto, a catalogação como a conhecemos hoje, surgiu com o desenvolvimento das bibliotecas modernas e a necessidade de organizar e classificar os seus livros e documentos.

## II. HISTÓRIA DOS CATÁLOGOS E DA CATALOGAÇÃO

### 1. Catálogos Manuais

A história dos catálogos e da catalogação teve início, aproximadamente, no ano 2000 AC mas, com exceção do legado grego de se anotar um livro por seu autor, pouco ou nada restou do tratamento tradicional de catalogação dado aos livros na Antiguidade, na Idade Média e na Renascença. Quanto ao formato, o catálogo sofreu alterações; inicialmente de manuscrito, passou a impresso e, no século XX, principalmente, em fichas e, após, automatizado. O uso do catálogo manuscrito era reservado, aparentemente, apenas aos bibliotecários. Com o rápido crescimento das coleções, causado pela mecanização dos processos de impressão do papel, no fim do século XIX, o catálogo em ficha mostrou-se mais prático e eficiente até por volta da década de 50, quando surgiu um novo interesse no catálogo impresso. Logo após esse período surge o catálogo automatizado, devido à aplicação de computadores em bibliotecas.

Os maiores desenvolvimentos na área de catálogo e catalogação fizeram-se notar a partir do século XIII, com a tentativa inglesa de se compilar, em lista única, o acervo de várias bibliotecas monásticas. No século seguinte, surgiu a idéia de se listar não somente os livros, mas também o conteúdo e as diferentes edições.

O século XV trouxe importantes desenvolvimentos para a catalogação. A invenção dos tipos móveis metálicos por Gutenberg, a destruição dos monastérios e a proliferação das universidades contribuíram para que esses avanços ocorressem. Assim, com a publicação de sua bibliografia por prenome de autor em 1545, e do índice de assunto um pouco mais tarde, Konrad Gesner estabeleceu um novo padrão para esse trabalho. Ainda nesse século, o bibliógrafo e bibliotecário alemão Johann Trithem compilou uma bibliografia por ordem cronológica, cujo índice obedecia a uma ordem alfabética de autor.(37)

No final do século XVI, em 1595, o livreiro inglês Andrew Maunsel compilou uma bibliografia por sobrenome de autor, prática até hoje amplamente utilizada. No início do século XVII, o diplomata inglês Thomas Bodley ofereceu-se para reconstruir a biblioteca da Oxford University. A abordagem (de usuário) adotada por Bodley na organização do catálogo e no programa de aquisição mostra, mais uma vez, a influência de pessoas leigas trazendo suas contribuições nos arranjos de bibliotecas. Foram introduzidas as entradas analíticas no catálogo, além de fazer constar no código de catalogação utilizado um arranjo classificado, com índice alfabético de autor por sobrenome.(38)

Alguns trabalhos sobre o assunto foram publicados nessa época. Na França, por exemplo, Gabriel Naudé ressaltou a importância dos catálogos como instrumento de busca e identificação bibliográfica, recomendando a compilação de

um catálogo dividido, com uma seção para assunto e outra para autor; também sugeriu um arranjo que permitisse expansão nas estantes.

O século XVIII veio caracterizar os catálogos mais como instrumentos de busca do que como simples inventários, embora no início desse século ainda houvesse uma indefinição em relação ao arranjo alfabético ou classificado. A entrada por sobrenome já era largamente utilizada, a página de rosto era transcrita literalmente como aparecia no livro, a imprensa era registrada e notas "encadernado com" também eram utilizadas. STROUT ressalta esse século um marco no desenvolvimento dos princípios de catalogação. Cabe lembrar que, na época, se iniciava a pesquisa especializada e se criava uma nova sistematização para as ciências.<sup>(39)</sup>

Já no século XIX encontra-se uma mudança significativa no enfoque da catalogação. A mecanização aplicada à produção de livros em várias edições e traduções forçou uma nova visão no tratamento técnico desses livros. Foi quando surgiu Panizzi, na Inglaterra; examinando os catálogos e a catalogação daquela época na British Library, Panizzi elaborou suas famosas "91 Rules", espelhando sua teoria de catalogação de obras, e não de livros.

Nesse mesmo século XIX ocorreram desenvolvimentos na catalogação nos Estados Unidos, com o aparecimento dos códigos de Jewett (1853) da Smithsonian Institution e de

Cutter (1876). O primeiro é conhecido como marco na publicação de códigos, também sendo considerado o precursor da catalogação única. A idéia de Jewett de fornecer a outras bibliotecas entradas catalográficas elaboradas na Smithsonian e em outras instituições significava que a catalogação seria feita somente uma vez. O código de Cutter, por sua vez, com suas "Rules for a Printed Dictionary Catalog", foi considerado como fator de enorme influência para a evolução da catalogação na época.<sup>(40)</sup>

Nos primeiros anos do nosso século, William Coolidge Lane, da Chicago University, já ressaltava a necessidade de se obter uma padronização internacional na catalogação. Até 1900, já era possível contar centenas de bibliotecas que haviam desenvolvido suas regras próprias, seus próprios códigos de catalogação. Como exemplo, podemos citar o British Museum, Bodleian e Cambridge na Inglaterra; os códigos de Jewett, Cutter e Lindérfelt e as regras da Library of Congress nos Estados Unidos; as "Instructions", de Dziatzko, que serviram de base para a elaboração do código Prussiano. Outros códigos também foram elaborados na Bélgica, Itália, França, Vaticano, Holanda e Países Escandinavos.

A idéia de Jewett de um catálogo único no século passado não pode ser viabilizada devido à falta de condições tecnológicas de então, no que diz respeito ao armazenamento da informação. Já no início do século XX, aperfeiçoando essa idéia, a Library of Congress colocou-se à

frente na catalogação centralizada, dando origem, mais tarde, a um catálogo único nacional. Pouco depois, em 1901, quando essa biblioteca começou a imprimir e distribuir suas fichas catalográficas, iniciaram-se novos programas que permitiram que outras bibliotecas também se aperfeiçoassem nesse setor.

Até a segunda metade do século XX não houve alterações significativas na catalogação de livros mas, a partir dessa data, observa-se um período de rápidas mudanças. Com o crescimento no fluxo de publicações após a Segunda Guerra e a disponibilidade de recursos financeiros nos Estados Unidos para a compra de livros em bibliotecas, houve necessidade de se repensar a política de catalogação então vigente. Ao mesmo tempo, a tecnologia desenvolvida durante o período da guerra possibilitou a mecanização de alguns serviços biblioteconômicos.<sup>(41)</sup>

A Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação (CIPC) realizada em Paris, em 1961, foi talvez o encontro maior e mais representativo de especialistas nessa área, inclusive do Brasil: 53 países, 12 organizações internacionais, 105 delegados e 104 observadores de 20 países se fizeram presentes. Os princípios se aplicavam à "escolha e forma dos cabeçalhos e entradas, isto é, dos principais elementos que determinam a ordem das entradas". Essa reunião instalou um fórum internacional para trabalhos futuros na uniformização da catalogação.<sup>(42)</sup>

Os resultados da CIPC originaram a elaboração do AACR - anglo American Cataloging Rules -, do qual foram feitas duas versões: uma americana, e outra inglesa, com algumas diferenças.

Oito anos após a CIPC, foram examinadas a teoria e a prática da catalogação desde a Conferência no International Meeting of Cataloguing Experts (IMCE, conhecido no Brasil pela sigla RIEC -Reunião Internacional de Especialistas em Catalogação), em Copenhague. Como resultado dessa reunião houve a publicação, em 1970, do esboço da SBD - Standard Bibliographical Description -, que deu origem às ISBDs - International Standard Bibliographical Description - influenciado, em grande parte, por bibliógrafos e bibliotecários ingleses. Em 1971 foi publicada uma versão preliminar da ISBD e distribuída entre vários países, logo aprovada e adotada por muitas bibliotecas, tornando-se a base para a revisão do Capítulo 6 do AACR (trata da catalogação descritiva), em 1967.<sup>(43)</sup>

Foram desenvolvidas outras ISBDs para diferentes tipos de documentos: material cartográfico, periódicos e, mais tarde, livros raros, etc. Devido a desvios ocorridos na estrutura da ISBD na confecção dessas ISBDs especializadas, o grupo de trabalho responsável preparou, em 1977, a ISBD(G), texto cuja estrutura seria geral, numa tentativa de uniformização da descrição de materiais de bibliotecas.

O AACR teve sua primeira edição em 1967, e, logo após, estudos começaram a ser realizados visando uma revisão do código. Ficaram responsáveis por esta revisão representantes da ALA - American Library Association -, da British Library, da National Library do Canadá e da Library of Congress. Quatro objetivos foram formulados na elaboração do que seria o AACR2:<sup>(44)</sup>

1. A elaboração de um único texto para as versões inglesa e americana do AACR;
2. A incorporação de todas as emendas aprovadas desde 1967;
3. A incorporação das emendas ainda em discussão;
4. A divulgação do AACR internacionalmente.

Esses objetivos foram intensificados durante os estudos visando uma contribuição maior para o desenvolvimento de um código de catalogação levando em consideração os progressos que vinham sendo alcançados na área da automação.

No Brasil, algumas tentativas foram feitas no sentido de se criar um código brasileiro de catalogação.<sup>(45)</sup> Em 1934, as "Regras Bibliográficas", no Rio de Janeiro; em 1941, em São Paulo, as "Regras Gerais de Catalogação e Redação de Fichas"; nesse mesmo ano, uniram-se a Biblioteca Nacional, o DASP e o Instituto Nacional do Livro para submeter aos bibliotecários brasileiros as "Normas para Organização de um Catálogo Dicionário de Livros e Periódicos", projeto de um código brasileiro de catalogação.

Até a década de 70, muitas bibliotecas ainda utilizavam o Código da Vaticana para uma catalogação detalhada de seus acervos. Nessa época, algumas tentativas foram feitas no sentido de simplificar a catalogação, tanto no Brasil quanto no exterior. Como bem lembra MEY, foi da autoria da Professora Cordélia Cavalcanti a publicação de maior sucesso - e polêmica - sobre catalogação simplificada. Também ressalta, sem diminuir o valor da obra de Cavalcanti, que os trabalhos realizados nesse período "não advieram de um conhecimento do meio sócio-cultural ou do universo de usuários".<sup>(46)</sup>

MEY, no segundo capítulo de sua tese, referindo-se aos estudos do início desse século, analisa a visão de Cutter e Ranganathan, ambas voltadas para o usuário na definição dos objetivos do catálogo, diferente da colocação de Lubetzky, considerado o grande teórico da catalogação no século XX, centrada na relação catálogo/acervo, e não acervo/usuário. Segundo Lubetzky, as funções do catálogo seriam, apenas, localizar e agrupar os documentos. Da mesma forma, a autora assinala a Conferência de Paris como um retrocesso no progresso que se fazia nessa área, pois essa conferência em muito colaborou para o distanciamento entre o catálogo e o usuário, vinculando suas funções às entradas e características do documento e identificando-o como um instrumento de verificação, apenas. O que a Conferência identifica como "função" do catálogo, Cutter considerava "meios". Assim, entrada e descrição documento não seriam funções, mas meios pelos quais os objetivos são atingi-

dos.<sup>(47)</sup> Essa mesma autora identifica como funções da catalogação, sob o ponto de vista do produto catálogo:

1. Permitir a um usuário:
  - . localizar um item específico;
  - . escolher entre as várias manifestações de um item específico;
  - . escolher entre vários itens semelhantes, sobre os quais, inclusive, possa não ter conhecimento prévio algum;
  - . expressar, organizar ou alterar sua mensagem interna, isto é, "dialogar" com o catálogo.
2. Permitir a um item encontrar seu usuário (como consequência da escolha pelo usuário entre os vários itens).
3. Permitir a outra biblioteca:
  - . localizar um item específico, não existente em seu próprio acervo;
  - . saber quais os itens existentes em acervos que não o seu próprio.

Assim, deve ser objetivo da catalogação **"vincular mensagens contidas nos itens a mensagens internas dos usuários"**, e objetivo do catálogo **"vincular essas mensagens através da catalogação"**. Foi, ainda, assinalado, que talvez devido à ausência do porquê de se registrarem determinados elementos e outros, não, nas fichas catalográficas, formou-se uma mentalidade distorcida em relação ao catálogo e à catalogação, ou seja, a idéia da existência da catalogação a partir do catálogo, e não o oposto, que seria mais lógico. Essa constatação pode ser comprovada pelas práticas ainda hoje existentes na Biblioteconomia.<sup>(48)</sup>

## 2 - Automação dos Catálogos

Paralelamente aos desenvolvimentos na área de catalogação e de catálogos, ocorriam avanços na área de computação. Assim, assinala-se o início da mecanização em bibliotecas nos anos 50, cujas origens encontram-se nas bibliotecas de Engenharia norte-americanas que utilizavam o UNITERMO (técnica de indexação coordenada). À medida em que os sistemas de automação foram evoluindo, novas possibilidades de busca foram-se tornando possíveis.<sup>(49)</sup>

Em 1960 teve início a produção de fichas catalográficas em computadores de terceira geração; dois anos depois, a biblioteca da IBM foi a primeira a aplicar o sistema automatizado para a Disseminação Seletiva da Informação.

Dessa forma, os sistemas automatizados em bibliotecas tiveram aplicabilidade não só na produção de fichas, mas também em outros serviços, como na circulação de material, no tratamento das publicações seriadas, na aquisição de documentos e, como consequência natural; forçaram uma padronização até então inexistente.

Nessa época, cada biblioteca desenvolvia seu próprio sistema e formato, tornando difícil a comunicação. Com a elaboração do formato MARC pela Library of Congress no final da década de 60, tornou-se possível o intercâmbio dos

registros bibliográficos. Essa padronização encorajou a utilização do formato MARC e o aparecimento de redes nos Estados Unidos.<sup>(50)</sup>

A idéia original de tornar possível a comunicação entre bibliotecas através de computadores teve desenvolvimento ao logo dos anos. No início, havia registros bibliográficos não muito detalhados nos sistemas automatizados; hoje, outros itens do registro bibliográfico são necessários a fim de se fornecer um bom serviço. A automação nas bibliotecas americanas recebeu grande impulso nos anos 70, quando apenas uma descrição bibliográfica simplificada era registrada. Essas bibliotecas utilizavam vários formatos diferentes de catalogação.

Ultimamente, à medida que vão convertendo suas coleções, as bibliotecas estão elevando o nível de qualidade dos registros, isto é, convertendo para o formato MARC, a fim de compartilhar das redes de catalogação disponíveis.

A automação teve, assim, grande impacto nos códigos e regras de catalogação dos livros modernos, o mesmo acontecendo em relação à catalogação dos livros raros. Se, no início, os bibliotecários resistiram à idéia de automatizar seus acervos preciosos, acabaram por aderir aos desenvolvimentos nessa área no final da década de 70. As bibliotecas de livros raros, inicialmente, preferiram manter suas catalogações tradicionais, tratando um livro de cada vez, isoladamente, cada uma com seus próprios pa-

drões. Isso, sem dúvida, produziu catálogos muito elaborados, mas os rápidos avanços ocorridos na área de automação precisavam ser incorporados com vistas a agilizar e melhorar a catalogação de livros raros.<sup>(51)</sup> A maior justificativa era a economia; o crescimento das redes bibliográficas e a habilidade de prover uma catalogação mais barata vinha também facilitando a comunicação entre bibliotecas, além do fato de ser mais lucrativo automatizar a biblioteca no todo. O movimento entre bibliotecas de todos os tipos, dentro e fora dos Estados Unidos, no sentido da padronização e da cooperação era grande, e a coleção de livros raros não poderia nem deveria ficar à margem dos avanços, embora os formatos da época não fossem, ainda, adequados, e não possibilitassem os tipos de acesso à informação necessários ao leitor de livros raros. Mesmo assim, já nessa época, haviam sido propostos acessos através do nome do impressor, data de publicação do livro, etc. Já se trabalhava com a possibilidade de acesso múltiplo, por exemplo: permitir levantar todos os panfletos holandeses do século XVII (associação de gênero de material, local e data). Também já se iniciavam os estudos de padronização de alguns tipos de terminologia descritiva para material raro, que dariam origem, mais tarde, aos tesouros de gênero físico, gênero intelectual e encadernação.<sup>(52)</sup>

BELANGER & DAVIS, em artigo de 1979, alertaram os bibliotecários de livros raros para que não se deixassem atropelar pelos computadores, pois estes tinham vindo para ficar.<sup>(53)</sup> Lembraram, também, da importância de se deter-

minar como recuperar a informação antes de colocá-la no sistema, já que o acesso seria determinado pela forma como essa informação fosse inserida no computador.

A história da padronização da catalogação de livros raros começou em 1979, com a publicação da ISBD(A). Até então, as instituições vinham desenvolvendo seus próprios métodos e práticas de registrar a informação. Havia sido detectado que os códigos existentes não atendiam às necessidades específicas que a catalogação de livros raros exigia. Essa falta não causou muitos problemas na época, pois o processamento técnico automatizado estava começando a atingir o acervo raro das bibliotecas. Assim, com a automação, fizeram-se necessárias regras alternativas que originaram a ISBD(A).<sup>(54)</sup> No prefácio desse código é dito que ele não é um conjunto de regras para uma descrição bibliográfica completa de livros antigos, tanto que é aconselhada a consulta a quatro outras obras relativas à Bibliografia Descritiva, reafirmando a origem bibliográfica da catalogação de livros.

Em 1981, com o aparecimento da BDRB/LC (Bibliographical Description for Rare Books/Library of Congress), os bibliotecários americanos se aproximaram de um consenso na catalogação de livros raros. As práticas locais, a catalogação inadequada e outras dificuldades não impediram que a automação ocorresse nesse tipo de coleção.

As regras da BDRB/LC são baseadas no AACR2 e na

ISBD(A), e foram desenvolvidas com o objetivo de descrever qualquer documento que exigisse uma descrição especial: panfletos, folhas volantes, etc. Nem todos os livros raros e/ou antigos deverão necessariamente ser catalogados por esse código; de acordo com o nível de descrição que se quiser dar, livros, panfletos, etc. podem ser catalogados pelo AACR2, principalmente se a publicação puder ser identificada por uma referência em fonte bibliográfica descritiva. Esse código, portanto, deve ser visto como complementação do AACR2, pois que é considerado como as regras do AACR2 interpretadas pela LC.

Os códigos utilizados para a catalogação de livros raros em grande parte das bibliotecas americanas são o AACR2 e a BDRB/LC, além de os catalogadores utilizarem o LC Rules Interpretations of AACR2, de enorme importância por explicar as regras desse código.

Computadores são uma realidade nas bibliotecas dos Estados Unidos. Muitas bibliotecas têm terminais para uso interno, e algumas para uso do público. Nestas coleções - onde se incluem as de livros raros -, os computadores são, geralmente, utilizados para os serviços de catalogação e outros serviços técnicos. Algumas bibliotecas possuem terminais na área de referência, no atendimento ao público, mas nunca como substitutos dos catálogos em fichas; funcionam como apoio, pois os bibliotecários concordam que os sistemas de catalogação são muito complexos para o entendimento do público em geral, exigindo ajuda constante por parte do bibliotecário de referência.<sup>(55)</sup>

Das quatro grandes redes de catalogação norte-americanas (OCLC - Online Cataloging Library Center; RLIN - Research Libraries Information Network; WLN - Washington Libraries Network e UTLAS - University of Toronto Library Automation System, essa canadense, mas abrangendo bibliotecas americanas), RLIN é a mais utilizada para a catalogação de livros raros, dada sua eficiência e facilidade de uso. Ao contrário das demais, essa rede fornece informação específica sobre a cópia de cada instituição. Este é um detalhe significativo, pois uma das razões de ser desse tipo de coleção é preservar o livro enquanto objeto físico, refletindo a cultura e a história da sociedade a qual fez/faz parte. Assim uma biblioteca pode possuir uma cópia aparentemente insignificante de uma obra do século XIX, mas que pertenceu a alguma personalidade notável que fez extensivas anotações manuscritas, e esta é uma característica importante.

O formato utilizado para os registros no RLIN é o MARC, e outras bases de dados podem ser acessadas através do RLIN como, por exemplo, o ESTC (Eighteenth-Short-Title Catalog), uma base de dados de livros impressos em língua inglesa no século XVIII, catalogados segundo o AACR2 no formato MARC. (56)

Os catálogos especiais americanos para obras raras são de vários tipos: autógrafos, panfletos, estilos de encadernação, tipógrafos, etc. Alguns problemas técnicos que ainda não tinham solução e que dificultavam a alimentação

dos catálogos especiais no início da década de 80 (como autoridade para coleção, por exemplo), começaram a ser resolvidos e padronizados com a finalidade de serem introduzidos no sistema. Como bem ressaltaram BELANGER & DAVIS:

"... o que importa não é adotar a melhor forma, se Churchill ou Marlborough, Istambul ou Constantinopla, mas qual termo será utilizado, e quais os mecanismos de escolha que serão aplicados aos demais termos". (57)

Muitos desenvolvimentos têm ocorrido nessa área nos últimos nove anos nos Estados Unidos, como podem comprovar os vários artigos de DAVIS. Novos padrões para a descrição bibliográfica, acesso e formatos têm sido elaborados para atender às necessidades das coleções raras. Em estudos realizados no início dessa década foi detectada a diferença nas funções dos catálogos de livros raros em relação aos catálogos de livros tradicionais. Segundo Cutter, as principais funções dos catálogos eram localizar livros por autor, título, etc., e localizar todos os trabalhos escritos por um determinado autor. Muitas bibliotecas de livros raros têm, além dessas, outras necessidades, como por exemplo:

- localizar itens publicados em determinado local ou ano;
- localizar itens com o mesmo gênero físico ou intelectual, por exemplo: almanaques, folhas volantes, etc.;
- localizar itens com a mesma característica física, por exemplo: técnicas de ilustração, estilos de encadernação, etc.;

- localizar itens associados a uma mesma pessoa (coleção).

Apesar da participação dos livros raros nos sistemas automatizados, o interesse principal desta colaboração não é a catalogação cooperativa, embora essa seja uma consideração secundária (até se pensa em desenvolver um catálogo nacional de obras raras nos Estados Unidos), pois, na maioria das vezes, os documentos raros são únicos, ou poucas cópias deles existem.<sup>(58)</sup> Em muitos casos, a informação específica de determinada cópia é o que importa, daí a prioridade na participação da rede - normalmente a RLIN - não ser a cooperação, pois a consulta à rede não servirá para derivar uma outra catalogação, necessariamente. Por outro lado, fazendo uso da rede, as bibliotecas de livros raros podem obter fichas catalográficas impressas, criar registros no formato MARC para uso posterior em linha e compartilhar informações, dando a conhecer seu acervo único (com informações específicas sobre cada cópia) para outras instituições, pesquisadores, bibliotecários, etc.

Mais e mais catálogos têm sido convertidos recentemente. Uma das maiores dificuldades encontradas na conversão é a grande variação existente nas regras de catalogação nas últimas décadas, que torna difícil uma padronização. Também as inúmeras bases de dados disponíveis prejudicam a comunicação entre bibliotecas. A fim de tirar o máximo de proveito do sistema, as bibliotecas começaram a converter suas coleções como um todo, incluindo as coleções de livros raros, cujos dados recebem o mesmo trata-

mento que os livros modernos, mais as informações adicionais relativas a esse tipo de material.<sup>(59)</sup>

É interessante notar que a automação de livros raros é um processo duplo. Não apenas os computadores forçaram mudanças na catalogação do material raro a fim de possibilitar o intercâmbio de informação entre instituições, mas também esse "casamento" ocasionou uma adaptação no sistema, melhorando a qualidade dos serviços através de uma recuperação mais flexível e do fornecimento de mais produtos impressos.<sup>(60)</sup>

Em seu último artigo, DAVIS assinala não mais a LC como agência centralizadora das atividades no campo das obras raras nos Estados Unidos, mas o Rare Book and Manuscripts Standards Committee da ALA, que está coordenando os trabalhos na uniformização bibliográfica das coleções especiais. Os tesouros desenvolvidos por membros desse comitê têm sido amplamente utilizados na catalogação de livros raros, como os tesouros para encadernação, gênero de material e características físicas. Outros tesouros estão, ainda, sendo elaborados.<sup>(61)</sup>

Como diz DAVIS, "**catalogação é meio e automação apenas instrumento**", e os administradores de coleções especiais devem conhecer detalhadamente os objetivos da instituição para um bom planejamento. A melhor abordagem para o planejamento da automação de coleções especiais é a elaboração de um estudo de usuário, um estudo da coleção, dos

serviços oferecidos e dos objetivos da instituição.<sup>(62)</sup>

Nesse mesmo artigo, DAVIS faz algumas projeções para um futuro próximo, no que diz respeito às coleções de obras raras:

1. Continuação da compilação de tesouros;
2. Estudo da possível aplicação da catalogação simplificada para algumas categorias de material raro;
3. Estudo do estabelecimento de diretrizes para a conversão dos catálogos em fichas para catálogos automatizados;
4. Cooperação com outros tipos de material especial, que também requerem acessos especiais, como música, manuscritos, fotografias, etc.

### 3 - Automação dos Catálogos no Brasil

Na reunião de especialistas em catalogação realizada na Colômbia em 1973, cujo objetivo principal era a criação de centrais de catalogação e sua respectiva automação (criação do MARCAL-MARC para a América Latina), o Brasil apresentou o CALCO - Catalogação Legível por Computador, formato baseado no MARC II da Library of Congress.

Resultado da Dissertação de Mestrado de Alice Príncipe Barbosa, o CALCO despertou interesse em várias bibliotecas brasileiras, e até mesmo estrangeiras. Vencidas as dificuldades iniciais, aperfeiçoados os dados, formou-se um grupo de trabalho para uniformiz<sup>ar</sup> as normas de catalogação: IBBD, BN, INL, Câmara Brasileira do Livro e Sindicato Nacional dos Editores de Livros, treinados para utilizarem o AACR2.

O CALCO tem como objetivos: (63) -

1. Elaborar um catálogo que arrole a maior parte da produção bibliográfica atual, servindo de instrumento para pesquisa em qualquer lugar do país;
2. Produzir bibliografias especializadas;
3. Trocar informações não só no país, mas fora dele;
4. Produzir catálogos coletivos especializados;
5. Normalizar as regras de catalogação e cabeçalhos de assunto;
6. Acelerar a duplicação de fichas;

7. Reduzir tempo e mão de obra no processamento técnico de bibliotecas.

A Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional tem a maior parte de seu acervo catalogado segundo as regras da ALA, no Catálogo Principal. A partir de 1982, quando foi implantado o CALCO, as obras raras ainda não processadas (tanto as do Subprojeto Integração do Acervo Histórico quanto as do inventário da Divisão de Obras Raras) começaram a ser catalogadas segundo o AACR2 e a ISBD(A) - International Standard Bibliographic Description (Antiquarian). Essas obras eram dos séculos XVI e XVII, basicamente. A partir de 1984, com a inclusão da BDRB/LC-Bibliographical Description for Rare Books/Library of Congress -, essas obras passaram a ser catalogadas por este novo código, juntamente com o AACR2. Ainda nessa época, e baseadas nesses códigos, foram elaboradas as notas especiais a serem utilizadas na catalogação de livros raros, até hoje em vigor.

Até 1987 esteve o SIAH/PLANOR à frente das atividades no campo das obras raras na Biblioteca Nacional. Talvez devido a isso tenha sido implantado um tipo de catalogação extremamente minucioso, uma vez que o Subprojeto não atendia ao público. Acredita-se, mesmo, que os catálogos eram elaborados para bibliotecários, dado o enorme número de detalhes e vocabulário técnico. Esse fato teve como consequência a impossibilidade de as obras raras compartilharem do Sistema Bibliodata/CALCO, pois tanto o catálogo em fichas como o sistema automatizado ficariam sobrecarregados.

Desde 1988 a Biblioteca Nacional, através do PLANOR e da Divisão de Obras Raras, oferece cursos e treinamentos no sentido de padronizar o tratamento técnico de obras raras em todo o país. Ao final de cada curso de catalogação, costumava-se fazer uma rápida explanação da situação da automação de livros raros no país e no exterior, seguida de debate. Nessa oportunidade abordava-se aspectos técnicos, assim como incentivava-se a participação em redes de catalogação, na tentativa de se estabelecer uma rápida e efetiva comunicação entre as coleções raras das bibliotecas brasileiras.

Nota-se, através da literatura e da experiência de outras bibliotecas, que também no Brasil há uma tendência no uso de microcomputadores nos serviços técnicos da Biblioteconomia. Esse fato foi alertado por DAVIS na bibliografia estrangeira<sup>(64)</sup> e analisado por McCarthy na nacional<sup>(65)</sup> e é de grande importância para a Biblioteconomia do Brasil de hoje. Ao mesmo tempo em que os micros podem facilitar e acelerar o processamento técnico de livros (e aqui não só os raros), podem, por outro lado, fazer com que se retorne ao tempo da catalogação antiga, das práticas locais, desenvolvendo cada biblioteca seu próprio formato. O uso de redes de catalogação vem dando consistência e uniformização aos registros catalográficos, facilitando a comunicação entre bibliotecas. A catalogação em formatos diferentes poderia, assim, tornar-se desastrosa em termos de cooperação e comunicação. Por outro lado McCarthy levanta um problema vivenciado pelas bibliotecas brasileiras atualmente, em relação à automação:

"Catalogação referenciada ou simplificada, conforme as normas da ABNT ou de Cavalcanti, não é difícil de automatizar, mesmo em microcomputador. É possível processar dados da catalogação na fonte em micro utilizando um pacote de **software** tipo dBase, para produzir fichas para catalogação simplificada. O custo benefício de sistemas desse tipo é muito atraente para bibliotecas brasileiras no momento. Se o produto final necessita estar de acordo com as regras de catalogação do Código de Catalogação Anglo-Americano, a automação será mais complexa. Se, além de um produto final sofisticado, determina-se que os dados sejam registrados em forma magnética conforme um formato sofisticado, tal como o CALCO, acrescenta-se mais um nível de dificuldade. Neste último caso a automação do catálogo torna-se uma opção complexa para bibliotecas com pouca experiência na área".

Parece que o estágio em que hoje se encontram as bibliotecas brasileiras, com raras exceções, não permite que disponham de verba e pessoal especializado o suficiente para automatizar suas coleções, principalmente as raras. Sem falar na possibilidade de as bibliotecas já estarem atendendo de maneira adequada aos seus usuários através do catálogo em fichas. Se, por um lado, o formato CALCO ainda não penetrou nas instituições - seja por seu alto custo ou complexidade -, e pode haver uma tendência no uso de microcomputadores para o processamento técnico, por outro sabemos que a utilização de diferentes formatos virá acarretar ruídos na comunicação entre bibliotecas num futuro próximo.

Não se pretendeu fazer uma análise detalhada das descrições bibliográficas existentes atualmente no país para registro bibliográfico (existe trabalho minucioso na área). Apenas colocou-se em questão o formato CALCO por ser este o formato utilizado para a catalogação do acervo na Biblioteca Nacional.

CAPÍTULO III

ESTUDOS DE USO DE CATÁLOGO

### III. ESTUDOS DE USO DE CATÁLOGO

Os estudos de utilização do catálogo da biblioteca pelos usuários tiveram início a partir da década de 30 nos Estados Unidos, e até meados dos anos 60 tinham sido examinados 46 catálogos. Esses primeiros estudos empregaram, como método de coleta de dados, o questionário e a entrevista, raramente combinados, e foram realizados em diferentes tipos de bibliotecas. A abrangência desses estudos também variou bastante, tornando difíceis algumas generalizações a partir da análise de dados, pois os resultados não eram comparáveis ou somatórios. De qualquer forma, essa época marca o começo de uma preocupação maior com os objetivos dos serviços biblioteconômicos, ou seja, com a avaliação do que era oferecido aos usuários.

O artigo de revisão de KRIKELAS, de 1972, cobre estudos de uso de catálogo realizados entre 1931 e 1970. Segundo esse autor, antes de 1930,

"apesar de muitos bibliotecários afirmarem que os catálogos eram preparados para os usuários, havia apenas alguns registros de observações casuais de desempenho e satisfação dos leitores junto ao catálogo". (66)

Randall, citado nesse mesmo artigo, levantava a questão, já em 1931, que não poderia haver melhoria nos catálogos apenas através do exame das regras de catalogação, mas através de um estudo da utilização feita pelo usuário. No mesmo ano surge o estudo pioneiro de Akers, cujos resulta-

dos tinham por objetivos determinar que tipo de informação bibliográfica, contidas nas fichas catalográficas, eram utilizadas pelos usuários.

Embora os objetivos desses primeiros estudos diferissem, pode-se agrupá-los por algumas características comuns, como:

**ESTUDO DE CARACTERIZAÇÃO DO USUÁRIO:** Muitos estudos foram realizados em bibliotecas universitárias, sendo, portanto, constatado que a maior parte dos entrevistados era composta de estudantes.

**FORMA COMO O USUÁRIO ABORDA O CATÁLOGO:** as duas abordagens mais comuns eram a busca através de item conhecido (autor, título, editor, etc.) e a busca através de assunto. Os estudos de FRAREY e da ALA (American Library Association) concluíram que essas duas categorias eram quase que igualmente utilizadas. Foi, também, detectado, que os estudos apresentavam variações de acordo com o tipo de biblioteca estudada:

"Os dados indicam que há relação entre nível educacional e forma como um leitor procura um item no catálogo; quanto maior o nível educacional, maior a tendência do indivíduo em fazer a busca através de um item conhecido".

**OBJETIVOS DO USO DO CATÁLOGO:** Identificação de material para trabalhos de escola ou faculdade, lazer e uso pessoal.

LEVANTAMENTO DO TIPO DE INFORMAÇÃO RELEVANTE PARA O USUÁRIO: a utilidade da informação fornecida para o usuário foi objeto do primeiro estudo de uso de catálogo por Akers. Foi constatado que poucos dados contidos no catálogo eram utilizados pelo leitor; os itens mais procurados eram autor, título, assunto, número de chamada e data - não necessariamente nessa ordem -, seguidos por local de publicação, editor e notas de conteúdo.

DESEMPENHO DO USUÁRIO: o critério convencional para se medir a eficiência do catálogo era a satisfação do usuário com o material identificado.

PENALOSA, em estudo realizado em 1956, assinala que o usuário acha muitas informações bibliográficas na ficha, mas não informação suficiente sobre o conteúdo do livro. Normalmente, ele lê o título, o autor, a data e o assunto, ou seja, não mais que o necessário para identificar o documento. Uma das descobertas desse estudo foi a de que os bibliotecários se sentiriam perdidos se não tivessem informação bibliográfica nas fichas. Isso é o mesmo que dizer que as fichas são feitas tendo como alvo, além do público, bibliógrafos e bibliotecários. Os catalogadores tentam atingir dois tipos de público através do mesmo canal, daí a falha na comunicação com o público usuário. Os estudos de Frarey e Tauber também chegaram à mesma conclusão.<sup>(69)</sup>

O estudo da ALA foi o primeiro realizado em grande escala, por um período de doze semanas em 39 bibliotecas

americanas de várias categorias: universitárias, públicas, de pesquisa, etc. Nesse estudo, publicado em 1958, foi constatado, entre outros, que as entradas de autor e título eram quase tão utilizadas (48%) quanto as buscas por assunto (52%). Sua importância é evidenciada pelos dados recolhidos de forma sistemática, que permitiu comparações entre os estudos de outras bibliotecas. Também foi possível a comprovação que algumas práticas de catalogação (tais como falhas na escolha de um termo específico remetendo para o geral num catálogo de assunto) afetavam o desempenho do catálogo, enquanto outros itens colocados na ficha catalográfica não eram utilizados pelo leitor, ou eram pouco utilizados. É um trabalho pioneiro na tentativa de identificação dos principais fatores que determinam se uma busca é bem sucedida ou não.<sup>(70)</sup>

A década de 60 pode ser assinalada como de transição, devido ao aparecimento da mecanização nos serviços de bibliotecas. Esse fato ocasionou a necessidade de se ter um conhecimento melhor daquilo que seria mecanizado - e porque -, a fim de que fossem projetados catálogos mais corretos, evitando repetir as deficiências do catálogo em fichas. No final dos anos 60, tal como fora constatado em 1931 no estudo de Akers, pouco ainda se sabia sobre estrutura, conteúdo de catálogos e entradas catalográficas que refletissem uma catalogação mais eficiente; os catálogos não satisfaziam totalmente as necessidades de informação dos usuários, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra.<sup>(71)</sup>

Em 1965, a ILO (International Labour Office) realizou estudo do uso feito dos catálogos e das necessidades de informação de seus usuários. Objetivou-se organizar os índices da forma mais conveniente através do registro de como a informação era requerida e qual seria o tipo de busca mais conveniente. Constatou-se que a busca por título era mais freqüente, seguida por entidade coletiva, assunto e autor (pessoa); de acordo com a conveniência do leitor, o assunto aparecia em primeiro, seguido pelo autor, título e entidade coletiva.<sup>(72)</sup>

PERRINE, em 1967, conduziu um estudo cujos objetivos consistiam em identificar as necessidades mais freqüentes no uso do catálogo em fichas. O estudo detectou que os bibliotecários de referência ocupam-se, na maior parte do tempo, em auxiliar os leitores no uso do catálogo<sup>(73)</sup>, e as dificuldades encontradas pelos usuários são:

1. Entendimento do arranjo alfabético.
2. Falta de entrada secundária de título.
3. Falta de entrada secundária para o nome de pessoa.

Além dessas, fornece as seguintes informações:

1. O leitor, às vezes, não pede ajuda e, conseqüentemente, não encontra o que procura.
2. A maior parte dos leitores não consegue encontrar as publicações oficiais sem ajuda.
3. O catálogo em fichas é um instrumento eficiente para o leitor treinado.

Em estudo publicado no ano seguinte, PERRINE detectou que os bibliotecários de referência não se importam em ajudar o usuário no uso do catálogo devido à complexidade do mesmo, ou mesmo devido à falta de persistência na busca. Por outro lado, consideram como tempo mal utilizado quando o problema decorre de uma falha no catálogo, ou da catalogação.<sup>(74)</sup>

Ao longo da revisão de literatura de estudos de uso de catálogo é possível notar a frequência do tema "serviços técnicos x serviços de referência" através da tendência tecnicista que a catalogação teve por muitos anos. Alguns autores discutiram esse problema, como MEY, quando diz ter sido a Biblioteconomia direcionada para o registro do conhecimento, e não para o ser humano, trazendo, como consequência, um distanciamento entre os processos técnicos e os de referência.<sup>(75)</sup>

PIERSON nos fala que o sucesso do catálogo enquanto instrumento de referência depende tanto daquele que o constrói quanto do que o interpreta, isto é, tanto do catalogador quanto do bibliotecário de referência, e que a interação entre esses dois profissionais deve existir a fim de se oferecer um bom serviço ao usuário. Alguns administradores pensam que é necessário ter especialistas na catalogação, mas que qualquer pessoa pode fazer o serviço de referência, esquecendo que tanto a construção quanto a interpretação do catálogo devem ser tratados igualmente, e que o tipo de informação que o catálogo fornece e as pos-

síveis dificuldades encontradas na busca pelo leitor devem ser analisadas conjuntamente.<sup>(76)</sup> A interpretação do catálogo é tarefa importante do bibliotecário de referência, uma vez observado que a maior parte de seu tempo é gasto em auxiliar o usuário, como relatam PERRINE<sup>(77)</sup> e FIGUEIREDO.<sup>(78)</sup>

BLUH denominou essas barreiras de "guerra-fria" e analisou os porquês dessa falta de cooperação. Assim como MEY, essa autora entende que o elemento humano é essencial no planejamento e melhoramento dos serviços em bibliotecas pois, quanto maior for a satisfação pessoal e a interação entre os funcionários, maior dinâmica terá a biblioteca. Em bibliotecas pequenas esse problema é amenizado, pois tanto os serviços técnicos quanto os de referência são realizados por poucos bibliotecários. Já nas grandes bibliotecas, onde cada função é desempenhada por pessoal distinto, essa oposição sobressai.<sup>(79)</sup>

PIERSON ressalta algumas falhas nas funções do bibliotecário de referência, que parecem pensar que um bom catálogo não precisa de interpretação, isto é, ele é capaz de atender a todas as necessidades de todos os usuários. Alguns até mesmo culpam os catalogadores, apesar de o catálogo ser reconhecidamente complexo, e ter suas limitações enquanto comunicador. Por outro lado, os catalogadores tendem a se colocar numa situação privilegiada, num culto à catalogação. Esse serviço pode até mesmo ser perfeito no que diz respeito à obediência aos códigos, com entradas e descrições corretas; no entanto, sem o contato

com os serviços de referência, essa catalogação corre o risco de não atender às necessidades de informação do usuário. Não se pode esquecer que o catálogo é instrumento de referência mais importante de uma biblioteca.<sup>(80)</sup>

A rotatividade nas duas áreas (bibliotecários de referência realizando serviços de catalogação e vice-versa) vem dando bons resultados em bibliotecas americanas. Adquirindo experiência em catalogação, o bibliotecário de referência tem outra visão dos serviços técnicos e, dessa forma, o catálogo poderá tornar-se um instrumento mais apto a atender as necessidades dos usuários, como acontece na Universidade de Nebraska.<sup>(81)</sup>

Com a introdução dos sistemas automatizados em bibliotecas, essa troca sistemática de atividades tornou-se um pouco mais difícil, dada a especialização requerida por cada grupo que desempenha as diferentes tarefas que envolve a automação. Por outro lado, foi detectado que as barreiras entre os dois serviços tendem a desaparecer com a automação pois, com o novo enfoque dado pelas bibliotecas na disseminação e na transferência da informação bibliográfica através de computador, não há biblioteca que trabalhe isoladamente.<sup>(82)</sup>

PIERSON recomenda, como deveres do catalogador e do bibliotecário de referência, aceitar suas responsabilidades distintas, mas interligadas, estudar as atividades uns dos outros e tomar decisões observando o processo como um

todo. Há necessidade, assim, que haja um completo entrosamento entre a catalogação e a referência, representados pelos bibliotecários que atuam nessas diferentes atividades.<sup>(83)</sup>

Nos primeiros anos de 1970, as bibliotecas americanas já contavam com computadores com capacidade suficiente para armazenar o grande número de dados contidos nos catálogos. Nessa época, os estudos de uso de catálogo passaram a ter como finalidade não só a melhoria na qualidade dos serviços, mas também passaram a fundamentar os sistemas automatizados através de pesquisas sobre os possíveis efeitos de um catálogo automatizado. Vários autores discutiram os efeitos de um catálogo automatizado, como Lipetz, Tagliacozzo e Palmer.

As bibliotecas americanas passaram por um período inicial de relutância ao desenvolver os próprios sistemas automatizados, pois que teriam que ser compatíveis com o MARC II, recém-elaborado na Library of Congress - cuja tradição em coordenar as atividades biblioteconômicas era conhecida nos Estados Unidos. Outro motivo porque não desenvolviam seus próprios sistemas era a insuficiência de dados sobre o uso feito dos itens da ficha catalográfica pelos usuários. Sem esse conhecimento, não se poderia projetar um novo catálogo.

Grandes estudos foram realizados na década de 70 com amostragem significativa e uma análise mais completa dos

dados coletados. Dois deles são os estudos da Universidade de Michigan, por Tagliacozzo et alii. Tinham em comum recolher informação sobre o usuário, suas necessidades de informação e o tipo de busca realizada no catálogo. Os resultados confirmaram conhecimento anterior de que as buscas mais frequentes eram por autor, depois por título.<sup>(84)</sup>

Outro estudo de grande porte foi o de PALMER. O objetivo principal consistiu em reunir dados que possibilitassem a conversão do catálogo em fichas para catálogo automatizado, além de aprimorá-lo, tornando-o mais útil e fornecendo informação mais relevante. A conversão do catálogo - a grande diferença em relação aos estudos anteriores - seria realizada a partir da análise dos resultados dos dados coletados junto aos usuários, que determinaria se um catálogo em fichas que contivesse apenas cinco itens (autor, título, número de chamada/localização na estante, assunto e data) satisfaria os usuários em sua busca e, caso mais informações fossem necessárias, quais informações seriam essas. Apesar de os resultados acusarem 84% dos entrevistados a favor de tal catálogo reduzido - e, caso notas de conteúdo fossem acrescentadas, o percentual se elevaria a 90% -, o autor recomendou pesquisa mais extensa sobre essa assunto antes que catálogos reduzidos fossem elaborados.<sup>(85)</sup>

AUBRY, em 1972, também detectou em estudo que o catálogo, principal instrumento de acesso à coleção, estava se tornando cada vez mais complexo, e um dos fatores que

dificultava a busca era a mudança constante nas regras de catalogação, juntamente com o tamanho e a forma do catálogo. (86)

Em estudo de uso de catálogo realizado em bibliotecas universitárias na Índia, em 1975, SHARMA constatou que a busca por autor é a mais freqüente entre alunos, professores, pesquisadores, etc. Ao contrário do que havia sido descoberto por Krikelas e Lancaster em artigos de revisão de estudos de uso de catálogos americanos, as buscas por autor e título são mais populares entre estudantes, e a busca por assunto mais freqüente entre professores e pesquisadores indianos. (87)

Segundo observações de LIPETZ, em artigo publicado em 1977, a conversão dos catálogos foi objeto dos estudos de uso de catálogo realizados na década de 70, a fim de esclarecer questões relativas à necessidade dessa conversão, e como fazê-la de forma eficiente. O autor também analisou problemas encontrados nos estudos anteriores - tempo insuficiente na coleta de dados, número não significativo de entrevistados, falta de método para a seleção dos entrevistados, etc. -, cujos resultados não correspondiam, muitas vezes, à realidade das instituições. LIPETZ também realizou estudo que visava à automação do catálogo e pretendia verificar como as regras de catalogação e a estrutura do catálogo poderiam melhorar a qualidade da informação. Neste estudo, foi descoberto que a data de publicação era o item mais importante no catálogo de assunto, seguida por autor, título, subtítulo e língua. (88)

Nesse mesmo ano, ao publicar estudo de revisão, LANCASTER registrou dois motivos porque estudos de uso de catálogo tinham sido objeto de atenção em anos recentes. O primeiro motivo era relacionado com a avaliação dos serviços oferecidos aos usuários pelas bibliotecas. O desempenho do catálogo, as deficiências e como aumentar o nível de eficiência no uso eram, então, objetivos dos estudos realizados até essa data. O segundo motivo se prendia ao fato de que os catálogos em fichas ou impressos, mais cedo ou mais tarde, seriam substituídos por catálogos automatizados com capacidade para buscas em linha. Para se projetar um bom catálogo em linha fazia-se necessário saber como os catálogos da época estavam sendo utilizados, seus problemas e limitações.<sup>(89)</sup>

A importância desses estudos já tinha sido ressaltada por Gorman citado em LANCASTER, quando dizia que:

"Até que a elaboração de catálogos possa ser baseada nos estudos de uso de catálogos, toda a teoria de catalogação será não-científica e passiva de dúvidas".<sup>(90)</sup>

LANCASTER, através de seu estudo de revisão, relaciona fatores que podem determinar se uma busca no catálogo é bem sucedida ou não:

1. A precisão e a forma da informação trazida pelo usuário;
2. Tipo de busca (autor ou título) feita a um item específico;
3. Experiência do usuário no uso do catálogo;

4. Quantidade de pontos de acesso por item que o catálogo fornece;
5. Extensão (tamanho) das entradas de título;
6. Número de referências cruzadas;
7. Tamanho e complexidade dos catálogos;
8. Tipo e qualidade de orientação que o catálogo fornece quanto a seu uso;
9. Grau de perseverança e inteligência do usuário.

Vários estudos revelaram que, geralmente, a informação trazida pelo usuário quando realiza busca por título é mais precisa que quando realiza busca por autor, e que a busca por título tem maior possibilidade de ser mais bem sucedida que a de autor; em geral, as buscas por título são mais rápidas. Se o usuário não possui dados completos sobre o autor ou o título da obra, é mais fácil que consiga sucesso na busca se a fizer por título. Apesar desses fatos, o usuário tende a realizar a busca de item conhecido por autor, mais do que por título.

Algumas descobertas foram relacionadas por LANCASTER após estudo de revisão, e aqui selecionadas, a seguir:

#### **EM RELAÇÃO AO USUÁRIO:**

1. Muitas pessoas têm pouco conhecimento da estrutura do catálogo (ALA e estudos ingleses);
2. Muitos trazem informação bibliográfica incompleta;

3. Muitos lembram do título mais do que do autor;
4. Normalmente as pessoas se lembram de palavras-chaves dos títulos, mesmo que não os saibam de forma exata;
5. Frequentemente o usuário primeiro realiza a busca por autor e, depois, por título;
6. A maioria das buscas é de item conhecido;
7. Os usuários normalmente ignoram a colação e a área de notas.

#### **EM RELAÇÃO ÀS BUSCAS DE ITEM CONHECIDO:**

1. A busca por autor requer um tempo cinco vezes maior que a busca por título;
2. Cor, tamanho e impressão não bastam, por si só, para servirem de ponto de acesso; entretanto, considerados em conjunto, esses dados podem auxiliar a busca;
3. Dos itens de busca menos comuns, os mais úteis são a data de publicação, tipo de documento (livro, texto, romance, etc.), paginação e outros;

#### **EM RELAÇÃO À ESTRUTURA FÍSICA DO CATÁLOGO:**

1. Grandes catálogos têm uma incidência de falha maior que pequenos catálogos;
2. Buscas não muito comuns, como data de publicação, tipo de documento, encadernação, etc., poderiam ser bem realizadas através de um sistema de catalogação automatizada;
3. Catálogos em fichas são manuseados mais rapidamente que catálogos impressos.

MALTBY & DUXBURY, na Inglaterra, levantaram dados quanto à importância maior ou menor de se fornecer informação descritiva (editor, local de publicação, preço, data, se ilustrado ou não, paginação, edição, etc.) ou fornecer outros tipos de informação, tais como notas relativas ao conteúdo do livro. Em bibliotecas universitárias, os usuários preferiram as notas (253) aos dados descritivos (120). Já em bibliotecas públicas, os usuários procuravam mais por informação descritiva que por notas, embora a diferença não fosse tão expressiva. Os itens considerados mais úteis foram, nessa ordem, em ambos os tipos de bibliotecas: data de publicação, edição, editor/ilustração, local, paginação, preço, além de autor e título. Em estudo piloto, muitos usuários apontaram a importância da nota de conteúdo.<sup>(91)</sup>

MALTBY & SWEENY detectaram que a função principal do catálogo era a de localizar o livro, daí os itens descritivos tais como paginação, ilustração e tamanho não serem praticamente lidos pelos usuários. Os itens mais importantes seriam a data de publicação, o editor, a edição e o preço, além das buscas por autor (81%), título (24%) e assunto (41%). Esse artigo aborda, também a questão de o catálogo estar sendo elaborado por bibliotecários para bibliotecários, utilizado, assim, como substituto de bibliografias.<sup>(92)</sup> Tem-se conhecimento, através do trabalho de FIUZA, que McLean utilizou o mesmo questionário de Maltby & Sweeny na Nova Zelândia; o resultado obtido constatou que aos leitores interessam, apenas, o editor, a edi-

ção e a data de publicação, além do título e do autor da obra.(93)

SWANSON, com suas sugestões para catálogos futuros, aponta que:

"Os catálogos do futuro deveriam incorporar princípios de redundância e multiplicidade de acessos... não só (a recuperação) por título, mas por cada palavra do título, com variações de singular e plural, sinônimos, etc."

Nesse estudo, foi utilizada a busca através de item conhecido no catálogo. Os tipos de busca menos frequentes eram data, tipo de documento, paginação, encadernação e cor.(94)

FIGUEIREDO, em revisão de literatura realizada em 1975 e publicada no Brasil em 1982, aponta os erros mais comuns cometidos pelos usuários ao consultarem o catálogo e fornece metodologia para prevenir algumas dessas falhas. Para citar alguns desses erros:(95)

1. Falta de familiaridade no uso do catálogo;
2. Falta de conhecimento das regras de entrada;
3. Falta de conhecimento das adaptações locais da instituição;
4. Dificuldades com a terminologia;
5. Uso do catálogo errado;
6. Falta de persistência;
7. Falta de conhecimento das abreviaturas existentes;
8. Falta de conhecimento da coleção;

9. Falta de entendimento do arranjo geral e do lay-out;
10. Familiaridade com o assunto não contribuindo para o sucesso da busca.

As metodologias citadas para prevenir essas falhas foram:

1. Melhores instruções e mais indicações sobre o uso do catálogo, para todos os tipos de usuários;
2. Treinamento dos usuários sobre citações de artigos de periódicos;
3. Aconselhamento dos usuários para utilização de outros instrumentos bibliográficos e da assistência do bibliotecário de referência.

O Comitê de Padrões da American Library Association sugere algumas diretrizes para evitar dificuldades no uso do catálogo:<sup>(96)</sup>

1. As bibliotecas devem elaborar instruções para o uso de instrumentos de referência;
2. Os bibliotecários de referência devem desenvolver guias para o acesso bibliográfico da coleção, apontando o potencial de fontes de informação à disposição do usuário.

Dificuldades e problemas dos próprios catálogos - que tanto embaraçam o usuário quanto o bibliotecário - foram levantados na mesma revisão de FIGUEIREDO. As mais relevantes para o presente estudo são:<sup>(97)</sup>

1. Práticas de catalogação inconsistentes quanto aos princípios de entrada e devido às adaptações locais;
2. Adoção de terminologia obsoleta;
3. Falta de entradas secundárias de título;
4. Erros de intercalação;
5. Demora prolongada para obter a obra requisitada (é considerada falha da biblioteca).

Encontram-se registradas na literatura algumas diretrizes para prevenir esses erros:

1. O catálogo deve ser auto-explanatório;
2. Deve existir um catálogo de título;
3. Usar o menor número possível de abreviações;
4. Manter um catálogo dividido para facilitar seu uso;
5. Muitos usuários gostariam do auxílio do bibliotecário no uso do catálogo de assunto;
6. Elaborar um sistema de referências cruzadas que permita ao leitor localizar materiais relacionados com o assunto desejado;
7. Considerar o fornecimento seletivo de notas de conteúdo na ficha;
8. Listar os títulos dos capítulos;

9. Considerar a possibilidade de fazer entradas analíticas para as obras;
10. Providenciar guias diagramáticos para o lay-out da biblioteca.

MEY ressalta, em seu estudo, que:

"Na forma como hoje é elaborada, a catalogação tradicional ignora quais os elementos e pontos de acesso necessários às diferentes bibliotecas e seu universo de usuários".(98)

Além disso, há problemas também detectados em relação à descrição bibliográfica, desprovida de uma teoria que a direcione, e com pouca literatura disponível. A descrição bibliográfica teve suas normas baseadas na ISBD que, por sua vez, originou vários códigos de catalogação. Consiste no registro de itens retirados do livro, como autor, título, local, editor, data, etc. É, segundo MEY, a parte da catalogação que talvez precise mais de estudos, pois não há definição clara de seu papel.<sup>(99)</sup>

Os fatores humanos que envolvem (ou deveriam ter sido envolvidos) na confecção dos catálogos manuais, impressos ou em fichas, passaram a ocupar papel de destaque, obrigatoriamente, na confecção dos catálogos em linha. Apesar desses aspectos humanos/psicológicos terem sido citados na literatura durante todo o século através da preocupação com o usuário, ou seja, elaborar catálogos e regras de catalogação a partir das necessidades de informação do usuário, ainda hoje, ao que tudo indica, e mesmo com o catálogo em linha, o objetivo não foi atingido.

Analisando o sistema NOTIS (Northwestern Online Total Integrated System), por exemplo, como acontece com outras bases de dados significativas nos Estados Unidos, observou-se a dificuldade do usuário em compreender as complexas regras de catalogação, principalmente em relação às entradas. São citadas, como exemplos, as regras para abreviações e números ("Como o usuário vai saber que pode entrar IEEE e Concerto nº 2, mas não NASA?") (100) e as diferenças de entradas que existem nas bases de dados, comprovando inconsistência nas regras de catalogação. Estudos estão sendo realizados para analisar como as pessoas lidam com o catálogo em linha mas, ao que parece, ainda há uma diferença entre o modelo de sistema que o usuário tem em mente e os atuais catálogos em linha, ou seja, o que o usuário espera do sistema, e como os catálogos em linha são planejados. (101)

Estudo realizado na Ohio State University comprovou um maior índice de sucesso e velocidade superior nas buscas de item conhecido nos catálogos em fichas mais que em catálogos em linha, com usuários capazes; entretanto, esses mesmos usuários preferiam o catálogo em linha se tivessem opção de escolha. (102)

Outro grande estudo patrocinado pelo Council on Library Resources, abrangendo vários tipos de bibliotecas americanas através de questionários, demonstrou, entre outros, que a maioria dos usuários é otimista em relação à utilidade do catálogo automatizado; que a busca por assun-

to é mais utilizada que o evidenciado nos catálogos em fichas; e que os mais jovens oferecem menos resistência a tentar os novos sistemas que os menos jovens. (103)

Na conclusão de seu artigo, DICKSON<sup>(104)</sup>, citando Velma Veneziano, uma das pessoas que elaborou o NOTIS, declara que parece óbvio o fato de que o usuário não sabe utilizar catálogos, seja em fichas ou em linha. Os erros observados nas buscas dos catálogos em linha não só refletem esse fato, como demonstram que há uma expectativa maior em relação ao catálogo em linha, como se este pudesse ser inteligente e interpretar dados, por exemplo: um erro comum observado foi o de procurar o autor pelo prenome; outro detectou o usuário realizando a busca pelos artigos "um", "uma", etc.

COCHRANE & MARKEY também relacionam algumas descobertas e sugestões que visam melhorar os sistemas: (105)

1. Quando muitos usuários não recuperam nada, convém que o sistema ofereça alguma explicação e sugestão de busca;
2. Quando a recuperação é muito extensa e apenas alguns títulos interessarão ao usuário, este deve ter algum tipo de opção (talvez o número de chamada) para juntar os mais frequentes;
3. Quando os usuários cometem determinados erros na digitação - o que é muito comum -, o sistema deve substituir o errado pelo certo e continuar a busca.

De qualquer forma, ainda se busca soluções para as

questões relativas aos fatores humanos que envolvem os catálogos em linha, mesmo havendo literatura suficiente na área. Um ponto esclarecedor, sem dúvida, é o de Cochrane e Markey quando frisam que o importante não é o fato de o catálogo ser em linha, mas sim o fato da interação do sistema com o usuário. Deve-se construir catálogos interativos que permitam melhor acomodar as necessidades de bibliotecários e usuários.

De um modo geral, os resultados dos estudos de uso de catálogo obtiveram algum consenso, ressaltando apenas algumas diferenças ocorridas mais devido ao tipo de público entrevistado e país de origem, do que por necessidades diferentes dos usuários. As metodologias utilizadas diferiram nos primeiros estudos, dificultando uma generalização nos estudos obtidos, mas a partir da década de 70 houve padronização na coleta de dados, permitindo uma análise mais consistente e a obtenção de dados mais passíveis de generalizações.

## IV. METODOLOGIA

### CAPÍTULO IV

### METODOLOGIA

#### IV. METODOLOGIA

O presente estudo tem como objetivo analisar o Catálogo Principal da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional para viabilizar sua automação e otimizar o atendimento ao usuário.

Especificamente, os objetivos são:

1. Examinar o nível de entendimento do catálogo pelos usuários;
2. Detectar deficiências/problemas no Catálogo Principal e corrigí-los antes da automação;
3. Estudar as fichas do Catálogo do SIAH e planilhas para fins de verificação das notas e do tamanho das mesmas;
4. Verificar a possibilidade de melhor adequar a catalogação de livros raros ~~para~~ às necessidades de seus usuários;
5. Examinar a situação do tratamento técnico de outras coleções de livros raros no país, visando à padronização do processamento técnico desse tipo de coleção no Brasil.

Para o levantamento dos dados optou-se pela entrevista semi-estruturada, em duas etapas: na primeira, o usuário era abordado pelo entrevistador no momento em que se dirigia ao catálogo; na segunda, logo após realizar a busca e preencher o formulário de empréstimo, o usuário respondia às outras perguntas do questionário, enquanto

aguardava o funcionário pegar o livro na estante. A fim de não interromper nenhum leitor durante sua pesquisa, estes só eram entrevistados quando da abordagem no catálogo.

Além dos usuários que consultaram o Catálogo Principal, foram também entrevistados os que consultaram o Catálogo da Brasileira. Este catálogo, além de possuir fichas relativas aos livros da Série Brasileira, possui, ainda, livros sobre o Brasil considerados raros e que, num determinado período, constaram da antiga Seção Brasileira da Biblioteca Nacional, hoje extinta. De um total de 326 leitores que frequentaram a divisão e solicitaram algum livro, 49 foram entrevistados. Um leitor não quis responder ao questionário por questões pessoais (timidez), e 27 não puderam ser entrevistados por estarem fazendo anotações pessoais ou consultando outros catálogos enquanto aguardavam os livros solicitados. Nenhum leitor foi entrevistado mais de uma vez.

O questionário aplicado procurou caracterizar aspectos do uso do catálogo, da coleção e dos usuários da DIORA; para isso, seguiu a seguinte abordagem:

1. ENTREVISTA INICIAL: consistiu no contato com o leitor a fim de indagar o motivo da ida à divisão, que tipo de busca realizaria, etc.
2. USO DO CATÁLOGO: procurou-se saber se o usuário encontrou a obra como procurara, se houve dificuldade no uso do catálogo, se conhece outros catálogos da divisão, etc.

3. LEITURA DA FICHA: levantou-se que itens da ficha catalográfica eram lidos ou interessavam ao usuário, se este lia as notas, se não compreendia algum item, e se um catálogo simplificado facilitaria sua pesquisa.
4. COLEÇÃO: perguntou-se ao usuário se necessitava de fontes de referência à mão durante a pesquisa, qual o ano de publicação e língua do livro, etc.
5. CARACTERIZAÇÃO DO USUÁRIO: coletou-se dados quanto à profissão, nível educacional, área de atuação, nacionalidade, sexo, etc.

A entrevista foi acompanhada de observação direta durante o ato da pesquisa do usuário ao catálogo, com o objetivo principal de verificar o número de gavetas pesquisadas e o grau de dificuldade no uso do catálogo.

Foram aplicados três questionários na fase de teste; após pequenas adaptações, o questionário definitivo começou a ser aplicado, cobrindo o período de 20 de abril a 20 de agosto de 1989. No primeiro mês de aplicação do questionário constatou-se o baixo índice de uso do catálogo. Esse fato é explicado pelo tipo de usuário que caracteriza a divisão: uma vez anotada a localização do livro, dificilmente ele torna a fazer uso do catálogo. A partir, então, do segundo mês, uma adaptação foi feita ao questionário, a fim de que fosse entrevistado um maior número de usuários: na pergunta relativa aos itens da ficha catalográfica lidos por eles, perguntou-se quais itens da ficha interessavam a eles, ou que normalmente liam. Por este motivo, registra-se um número pequeno de entrevistas em relação ao

número de usuários no período de 20 de abril a 29 de maio.

Paralelamente ao levantamento do uso do catálogo, e a fim de atender aos outros objetivos do presente estudo, foram analisadas as fichas do Catálogo do SIAH e as planilhas da DIORA e do SIAH elaboradas nos últimos oito anos por funcionários da duas equipes.

A metodologia utilizada para a verificação do tamanho das fichas e das planilhas foi uma adaptação da metodologia utilizada por Dubester em estudo de uso de catálogo da Library of Congress. O método consistiu na contagem de palavras das fichas dos catálogos dessa biblioteca, visando à automação. Para efeito de comparação, o número de palavras das planilhas - foram consideradas apenas as notas - foi comparado ao número de palavras das fichas do Catálogo Principal utilizadas durante as entrevistas. O mesmo ocorreu com o Catálogo do SIAH.

Em relação às outras coleções de obras raras nas várias bibliotecas do país, foi elaborado e enviado um questionário para 126 bibliotecas, tendo recebido resposta de 67 instituições; 4 questionários foram devolvidos por mudança de endereço e 3 não tinham obras raras. Esse questionário semi-estruturado visava, essencialmente, levantar dados relativos à catalogação desse tipo de material. O questionário foi dividido em quatro partes:

1. IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO: verificação da existência ou não de critérios para identificação de material raro,

tamanho, assuntos, datas de publicação das obras e localização do acervo.

2. TRATAMENTO TÉCNICO: levantamento do processamento técnico, se existe catalogação, códigos utilizados, número aproximado de obras não processadas, tipo de catálogo, forma de acesso à coleção, etc.
3. PESSOAL: caracterização do tamanho do quadro de pessoal trabalhando com acervo raro.
4. Pergunta aberta, que consistiu em saber como a automação da catalogação da DIORA poderia contribuir para o aperfeiçoamento do tratamento técnico de outras coleções.

CAPÍTULO V

ANÁLISE DOS DADOS COLHIDOS

### V. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

#### 1. Análise do Questionário Aplicado na DIOCA

A primeira pergunta do questionário refere-se ao conhecimento da DIOCA, sendo que 100% dos entrevistados afirmaram conhecê-la. Em seguida, perguntamos se a DIOCA é conhecida por todos os funcionários da empresa, sendo que 100% afirmaram que sim. A terceira pergunta refere-se ao conhecimento da DIOCA por parte dos familiares dos funcionários, sendo que 100% afirmaram que sim. A quarta pergunta refere-se ao conhecimento da DIOCA por parte dos vizinhos dos funcionários, sendo que 100% afirmaram que sim. A quinta pergunta refere-se ao conhecimento da DIOCA por parte dos amigos dos funcionários, sendo que 100% afirmaram que sim. A sexta pergunta refere-se ao conhecimento da DIOCA por parte dos colegas de trabalho dos funcionários, sendo que 100% afirmaram que sim. A sétima pergunta refere-se ao conhecimento da DIOCA por parte dos superiores dos funcionários, sendo que 100% afirmaram que sim. A oitava pergunta refere-se ao conhecimento da DIOCA por parte dos subordinados dos funcionários, sendo que 100% afirmaram que sim. A nona pergunta refere-se ao conhecimento da DIOCA por parte dos clientes dos funcionários, sendo que 100% afirmaram que sim. A décima pergunta refere-se ao conhecimento da DIOCA por parte dos fornecedores dos funcionários, sendo que 100% afirmaram que sim.

### CAPÍTULO V

### ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

| Item                   | Quantidade | Porcentagem |
|------------------------|------------|-------------|
| 1 - saber da DIOCA     | 10         | 100%        |
| 2 - indicação da DIOCA | 10         | 100%        |
| 3 - indicação fam.     | 10         | 100%        |
| 4 - indicação viz.     | 10         | 100%        |
| 5 - indicação amig.    | 10         | 100%        |
| 6 - outros             | 10         | 100%        |
| Total                  | 100        | 100%        |

O fato de a maioria dos entrevistados conhecer a DIOCA e a maioria dos entrevistados afirmarem que a DIOCA é conhecida por todos os funcionários da empresa, bem como por todos os familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho, superiores e subordinados dos funcionários, bem como por todos os clientes e fornecedores dos funcionários, demonstra que a DIOCA é conhecida por todos os funcionários da empresa e por todos os seus familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho, superiores e subordinados dos funcionários, bem como por todos os clientes e fornecedores dos funcionários.

## V. ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

### 1. Análise do Questionário Aplicado na DIORA

A primeira pergunta do questionário indicou que 14 dos 49 usuários entrevistados (28,6%) já sabiam que o documento estava na DIORA; 18 consultaram o catálogo da Divisão de Obras Gerais (DIOGE) antes de ir à DIORA (36,7%); 2 usuários foram à DIORA por indicação de funcionários de outras divisões (4,1%); outros 2 foram por indicação de terceiros (4,1%), e 7 foram diretamente à DIORA porque pensaram que o livro fosse raro (14,3%). Seis usuários foram por outros motivos: indicação da Divisão de Referência (1), da Divisão de Periódicos (3) e da Divisão de Manuscritos (2), num total de 12,2%.

\*\*\*\*\*

| Por que veio à DIORA?            | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| -----                            | -----  | -----      |
| 1 = sabia doc. na DIORA          | 14     | 28,6 %     |
| 2 = indicação da DIOGE           | 18     | 36,7 %     |
| 3 = indicação func.              | 2      | 4,1 %      |
| 4 = indicação 3 os.              | 2      | 4,1 %      |
| 5 = pensou era raro              | 7      | 14,3 %     |
| 6 = outro                        | 6      | 12,2 %     |
|                                  | -----  | -----      |
| Total                            | 49     | 100,0 %    |
| Casos omissos= 0                 |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 % |        |            |

O fato de a maioria dos usuários consultar o catálogo da DIOGE antes de ir à DIORA vem a sugerir que haja total interação entre esses dois catálogos. A DIOGE possui três catálogos, dos quais são mais utilizados o catálogo

antigo e o catálogo dicionário por quem procura uma obra rara e/ou antiga. O primeiro tem entradas catalográficas muito antigas e possui arranjo por autor e por assunto, sendo um instrumento importante de pesquisa para bibliotecários e pesquisadores que freqüentam a instituição em busca de obras dos séculos XVIII e XIX, principalmente. O segundo catálogo tem as entradas catalográficas segundo o Código da ALA, e as buscas podem ser feitas por autor, título e assunto.

As entradas catalográficas do Catálogo Principal da DIORA foram elaboradas de acordo com o código da ALA, sendo que, ao longo dos últimos anos, as fichas relativas aos livros processados pelo Sistema Bibliodata/CALCO, de acordo com as normas do AACR2, têm sido arquivadas nesse catálogo, além de outras. Há, portanto, divergência de entradas neste catálogo e entre este e o catálogo dicionário da DIOGE.

Os outros 14 usuários que se dirigiam à DIORA porque sabiam que o documento estava localizado nesta divisão comprovaram o que havia sido detectado no primeiro mês de aplicação de questionário, ou seja, que o usuário da DIORA é constante, e que sua pesquisa não se limita somente a uma ida à divisão; uma vez localizada a obra requerida, este usuário volta seguidamente à DIORA, sem mais necessitar consultar o catálogo, o que indica que as funções deste instrumento são, principalmente, a de identificar e a de localizar o documento; por observação, pode-se mesmo

afirmar que poucos são os que vão para pesquisar apenas uma vez. Os 7 usuários que se dirigiram à DIORA porque pensaram que o livro era raro, o fizeram devido a um certo desconhecimento natural do que vem a ser um livro raro. O fato de ter sido registrado que 6 usuários entraram em outras divisões da Biblioteca antes de ir à DIORA demonstra a falta de orientação para o usuário ao chegar à instituição. Esse fato também foi constatado ocorrer na DIOGE, para onde muitos usuários eram encaminhados pelos funcionários da Portaria, algumas vezes com necessidades de informação não passíveis de serem atendidas na DIOGE; o mesmo se aplica, ainda, aos 2 usuários, que tiveram indicação de outros funcionários da Biblioteca Nacional.

Com relação à pergunta número dois, 24 usuários consultaram o catálogo pela primeira vez (49,0%) e 18 já o haviam consultado anteriormente (36,7%). Os 7 usuários (14,3%) que não consultaram o catálogo foram incluídos na entrevista por serem frequentadores antigos da Divisão.

\*\*\*\*\*

| Primeira vez que consulta o catálogo? | Número | Percentual |
|---------------------------------------|--------|------------|
| -----                                 | -----  | -----      |
| 1 = sim                               | 24     | 49,0 %     |
| 2 = não                               | 18     | 36,7 %     |
| 3 = não respondeu                     | 7      | 14,3 %     |
|                                       | -----  | -----      |
| Total                                 | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Os resultados da terceira pergunta mostram que 24

usuários (49,9%) procuraram um livro no Catálogo Principal ou da Brasileira por autor; 13 procuraram por título (26,5%); 1 procurou por assunto(2,0%) e 18 usuários(36,7%) iam anotar a localização do livro, já que haviam previamente consultado algum outro catálogo da Biblioteca Nacional. Cinco usuários localizaram a busca por tradutor, revisor, editor, série (no caso do catálogo da Brasileira) e colaborador (10,2%).

\*\*\*\*\*

| Ia procurar por autor? | Número | Percentual |
|------------------------|--------|------------|
| -----                  | -----  | -----      |
| 1 = sim                | 24     | 49,0 %     |
| 2 = não                | 25     | 51,0 %     |
|                        | ---    | -----      |
| Total                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Ia procurar por título? | Número | Percentual |
|-------------------------|--------|------------|
| -----                   | -----  | -----      |
| 1 = sim                 | 13     | 26,5 %     |
| 2 = não                 | 36     | 73,5 %     |
|                         | ---    | -----      |
| Total                   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Ia pesquisar por assunto? | Número | Percentual |
|---------------------------|--------|------------|
| -----                     | -----  | -----      |
| 1 = sim                   | 1      | 2,0 %      |
| 2 = não                   | 48     | 98,0 %     |
|                           | ---    | -----      |
| Total                     | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Ia anotar a localização do doc.? | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                          | 18     | 36,7 %     |
| 2 = não                          | 31     | 63,3 %     |
| Total                            | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Outro:  | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 5      | 10,2 %     |
| 2 = não | 44     | 89,8 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

O usuário da DIORA faz a busca por autor mais frequentemente que a busca por título. Os primeiros estudos de uso de catálogo demonstraram serem estas as formas de abordagem mais comuns nos catálogos, em geral, e no que diz respeito ao usuário da DIORA parece haver também semelhança quanto ao tipo de público (estudantes e professores universitários).

No presente estudo, a busca por autor foi preferida por 10 estudantes de graduação, 3 pessoas graduadas, 11 estudantes de pós-graduação e uma pessoa que não possuía nível superior (este usuário poderia ter sido atendido em outra divisão). Em relação à idade dos entrevistados também houve equilíbrio, pois a busca por autor foi preferida por 12 usuários na faixa de 18 a 30 anos, 11 na faixa de

### 31 a 50 anos e 2 usuários com mais de 50 anos.

Quanto ao número de gavetas pesquisadas na pergunta quatro, verificou-se que 10 usuários (20,4%) não consultaram o catálogo (7 foram entrevistados e 3 concluíram não estarem no local adequado para a pesquisa); 27 usuários (55,1%) consultaram apenas uma gaveta; outros 10 consultaram 2 gavetas (20,4%) e apenas 2 consultaram três ou mais gavetas (4,1%).

\*\*\*\*\*

| Nº de gavetas pesquisadas: | Número | Percentual |
|----------------------------|--------|------------|
| 1 = 0                      | 10     | 20,4 %     |
| 2 = 1                      | 27     | 55,1 %     |
| 3 = 2                      | 10     | 20,4 %     |
| 4 = 3 ou mais de 3         | 2      | 4,1 %      |
| Total                      | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Os números demonstram ser o Catálogo Principal da DIORA de fácil uso pelos usuários, na forma como foi elaborado: autor, título, subtítulo reduzido, local, editor, data, paginação e algumas poucas notas de conteúdo, coleção e exemplar, permitindo que o documento seja localizado de maneira rápida e eficiente. As respostas relativas a essa pergunta foram marcadas no questionário pelo entrevistador através do método da observação direta.

A quinta pergunta, que visava saber se o usuário pediria ajuda ao bibliotecário ao chegar à Divisão, verificou

que pouco mais da metade (55,1%, ou 27 usuários) necessita de orientação em relação aos catálogos; 22 usuários (44,9%) não precisaram de ajuda.

\*\*\*\*\*

| Pediu ajuda ao bibliotecário?<br>----- | Número<br>----- | Percentual<br>----- |
|--|-----------------|---------------------|
| 1 = sim                                | 27              | 55,1 %              |
| 2 = não                                | 22              | 44,9 %              |
| Total                                  | 49              | 100,0 %             |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Os estudos ingleses e o abrangente estudo da ALA também detectaram que muitas pessoas têm pouco conhecimento da estrutura do catálogo. O tipo e a qualidade de orientação que o catálogo fornece também foi levantado por Lancaster. Os dados levantados na DIORA comprovam a revisão de literatura quando dizem que o bibliotecário de referência ajuda o leitor no uso do catálogo na maior parte do tempo. Falta de familiaridade no uso do catálogo, falta de conhecimento da coleção e falta de entendimento do arranjo geral e do leiaute foram erros cometidos pelos usuários e levantados por Figueiredo que se aplicam à DIORA.

Os dados indicam que não há relação aparente entre o nível educacional e o fato dos usuários pedirem ajuda ao bibliotecário de referência.

A sexta pergunta ao questionário verificou que a grande maioria dos documentos pesquisados pelos usuários possui somente uma ficha (34 livros com apenas uma ficha,

ou 69,4%); 7 livros tinham duas fichas (14,3%); 1 livro tinha três ou mais fichas (2,0%) e 7 usuários não responderam esse item por não terem consultado o catálogo.

\*\*\*\*\*

| <u>Nº de fichas da obra:</u> | <u>Número</u> | <u>Percentual</u> |
|------------------------------|---------------|-------------------|
| 1 = 1                        | 34            | 69,4 %            |
| 2 = 2                        | 7             | 14,3 %            |
| 3 = 3 ou mais de 3           | 1             | 2,0 %             |
| 4 = 0                        | 7             | 14,3 %            |
| Total                        | 49            | 100,0 %           |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Novamente verifica-se a facilidade na busca do documento pelo usuário, já que uma ficha, somente, não exige esforço nem tempo dispendido para a identificação do que é procurado, além de não sobrecarregar o catálogo. A catalogação é simples, como foi feita anteriormente.

Com relação à pergunta número sete, verificou-se que 16 usuários (32,7%) encontraram o documento por autor e havia a ficha de título correspondente; apenas 1 encontrou por autor e não havia ficha de título (2,0%); 14 encontraram por título e havia ficha de autor (28,6%) e 1 encontrou por título e não havia ficha de autor (Revista do Instituto Histórico). Nenhum usuário encontrou por assunto e 8 encontraram por outro: tradutor, colaborador, série, revisor, editor, título da Revista e tipógrafo (2 buscas). Três usuários não encontraram o documento (6,1%).

\*\*\*\*\*

| Encontrou por autor e tem por título? | Número | Percentual |
|---------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                               | 16     | 32,7 %     |
| 2 = não                               | 33     | 67,3 %     |
| Total                                 | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Encontrou por autor e não tem por título | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 - sim                                  | 1      | 2,0 %      |
| 2 - não                                  | 48     | 98,0 %     |
| Total                                    | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Encontrou por título e tem por autor? | Número | Percentual |
|---------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                               | 14     | 28,6 %     |
| 2 = não                               | 35     | 71,4 %     |
| Total                                 | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Encontrou por título e não tem por autor | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim                                  | 1      | 2,0 %      |
| 2 = não                                  | 48     | 98,0 %     |
| Total                                    | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

| Encontrou por assunto? | Número | Percentual |
|------------------------|--------|------------|
| -----                  | -----  | -----      |
| 1 = sim                | 0      | 0,0 %      |
| 2 = não                | 49     | 100,0 %    |
|                        | ---    | ---        |
| Total                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Encontrou por outro? | Número | Percentual |
|----------------------|--------|------------|
| -----                | -----  | -----      |
| 1 = sim              | 8      | 16,3 %     |
| 2 = não              | 41     | 83,7 %     |
|                      | ---    | ---        |
| Total                | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Não encontrou o doc.? | Número | Percentual |
|-----------------------|--------|------------|
| -----                 | -----  | -----      |
| 1 = sim               | 3      | 6,1 %      |
| 2 = não               | 46     | 93,9 %     |
|                       | ---    | ---        |
| Total                 | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Constata-se, assim, novamente, o grau de completeza do Catálogo Principal, permitindo ambas as buscas (autor e título) com alto índice de sucesso. As duas buscas por tipógrafo detectadas durante o questionário nos mostram a utilidade de um catálogo de tipografia em uma coleção de livros raros.

Os resultados da pergunta oito demonstram que 6

usuários (12,2%) tiveram dificuldade na ordem alfabética ao procurar um livro no catálogo; 3 acharam que a entrada era confusa (6,1%); outros 3 acharam o número de chamada confuso; 1 usuário levou a informação incompleta (2,0%) e em 7 usuários foi observado que havia falta de habilidade no uso do catálogo (14,3%). Um leitor (2,0%) deu interpretação incorreta dos dados da ficha e 2 tiveram outras dificuldades: gaveta cheia, falta de nota de conteúdo e catálogo incompleto, no caso, o de tipografia. Metade dos usuários (51%, ou 25 usuários) não tiveram dificuldade no uso do catálogo.

\*\*\*\*\*

Teve dificuldade na ordem alfabética?      Número      Percentual

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 6  | 12,2 %  |
| 2 = não | 43 | 87,8 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Entrada confusa?      Número      Percentual

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 3  | 6,1 %   |
| 2 = não | 46 | 93,9 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Nº de chamada incorreto/confuso?      Número      Percentual

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 3  | 6,1 %   |
| 2 = não | 46 | 93,9 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Leitor trouxe informação incompleta? | Número | Percentual |
|--------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                              | 1      | 2,0 %      |
| 2 = não                              | 48     | 98,0 %     |
| Total                                | 49     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                    |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 %     |        |            |

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 1  | 2,0 %   |
| 2 = não | 48 | 98,0 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Falta habilidade no uso do catálogo? | Número | Percentual |
|--------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                              | 7      | 14,3 %     |
| 2 = não                              | 42     | 85,7 %     |
| Total                                | 49     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                    |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0       |        |            |

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 7  | 14,3 %  |
| 2 = não | 42 | 85,7 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0

\*\*\*\*\*

| Interpretação incorreta da ficha? | Número | Percentual |
|-----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                           | 1      | 2,0 %      |
| 2 = não                           | 48     | 98,0 %     |
| Total                             | 49     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                 |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0    |        |            |

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 1  | 2,0 %   |
| 2 = não | 48 | 98,0 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

\*\*\*\*\*

| Teve outra dificuldade?          | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                          | 2      | 4,1 %      |
| 2 = não                          | 47     | 95,9 %     |
| Total                            | 49     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 % |        |            |

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 2  | 4,1 %   |
| 2 = não | 47 | 95,9 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

\*\*\*\*\*

| Não teve dificuldade?            | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                          | 25     | 51,0 %     |
| 2 = não                          | 24     | 49,0 %     |
| Total                            | 49     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 % |        |            |

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 25 | 51,0 %  |
| 2 = não | 24 | 49,0 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

As respostas relativas a essa pergunta foram obtidas não só diretamente com os usuários, como também foram coletados dados através da observação direta junto ao catálogo, pois o usuário tende a não responder de forma exata quando se indaga a respeito de dificuldades no uso do catálogo, conforme registrado na literatura da área. Justamente para se sobrepor a esta barreira psicológica, a pesquisa fez também uso do método de observação. Como o catálogo se mostrou um instrumento eficiente, apenas metade dos usuários teve dificuldade para o uso. A falta de habilidade no uso do catálogo registrada por 12,2% dos usuários pode ser justificada pelo fato de não terem hábito de consultar catálogos, acostumados, talvez, ao livre acesso das bibliotecas. Dificuldades quanto à ordem alfabética, entrada confusa e falta de conhecimento das regras de entrada também aparecem na literatura como dificuldades comuns aos usuários, não sendo exceção os de obras raras da Biblioteca Nacional, o que também põe em terra a antiga concepção que o usuário da DIORA é um usuário especializado que sabe procurar o que quer.

As entradas confusas observadas são devidas à regras de catalogação (entidade coletiva, por exemplo, e prenome de autor). Dois usuários observaram que a localização do número de chamada perto da data de nascimento e morte do autor na ficha causa confusão.

Indagados, na pergunta nove, quanto à importância de um catálogo de assunto, a grande maioria (48, ou 98,0%) respondeu afirmativamente. Apenas 1 usuário não o considerou importante.

\*\*\*\*\*

| Considera importante catálogo de assunto<br>----- | Número<br>----- | Percentual<br>----- |
|---|-----------------|---------------------|
| 1 = sim   | 48              | 98,0 %              |
| 2 = não   | 1               | 2,0 %               |
| Total   | 49              | 100,0 %             |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Por muito tempo acreditou-se que o usuário da DIORA não necessitava de um catálogo de assunto por ter esta divisão um público especializado - como tinha, de fato -, que realizava buscas de item conhecido. No entanto, esses dados não correspondem à realidade atual, pois é possível observar-se pessoas de todas as idades acima de 18 anos freqüentando a divisão, que alegam ser o catálogo de assunto o instrumento que permite acesso a documentos ainda desconhecidos.

A décima pergunta, que visava saber se as pessoas conheciam outros catálogos, constatou que 5 usuários (10,2%) conheciam o catálogo de tipografia; nenhum conhecia o de coleções especiais; 8 conheciam o da coleção Brasileira (16,3%); 2 conheciam os catálogos dos séculos XVI e XVII (41,0%); também 2 usuários conheciam alguns catálogos impressos e nenhum conhecia o catálogo de Camões; 32 usuários, ou seja, 65,3%, não conheciam outros catálogos.

\*\*\*\*\*

| Conhece catálogo de tipografia? | Número | Percentual |
|---------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                         | 5      | 10,2 %     |
| 2 = não                         | 44     | 89,8 %     |
| Total                           | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Conhece catálogo de col. especiais? | Número | Percentual |
|-------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                             | 0      | 0,0 %      |
| 2 = não                             | 49     | 100,0 %    |
| Total                               | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Conhece catálogo da col. Brasileira? | Número | Percentual |
|--------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                              | 8      | 16,3 %     |
| 2 = não                              | 41     | 83,7 %     |
| Total                                | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Conhece catálogo dos sécs. XVI e XVII? | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim                                | 2      | 4,1 %      |
| 2 = não                                | 47     | 95,9 %     |
| Total                                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

\*\*\*\*\*

| Conhece catálogos impressos?     | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                          | 2      | 4,1 %      |
| 2 = não                          | 47     | 95,9 %     |
| Total                            | 49     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 % |        |            |

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 2  | 4,1 %   |
| 2 = não | 47 | 95,9 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Conhece catálogo de Camões?      | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                          | 0      | 0,0 %      |
| 2 = não                          | 49     | 100,0 %    |
| Total                            | 49     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 % |        |            |

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 0  | 0,0 %   |
| 2 = não | 49 | 100,0 % |
| Total   | 49 | 100,0 % |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Não conhece outros catálogos?    | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                          | 32     | 65,3 %     |
| 2 = não                          | 17     | 34,7 %     |
| Total                            | 49     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 % |        |            |

|         |    |         |
|---------|----|---------|
| 1 = sim | 32 | 65,3 %  |
| 2 = não | 17 | 34,7 %  |
| Total   | 49 | 100,0 % |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

Os resultados demonstram que a grande maioria dos usuários desconhece os outros catálogos da divisão, elaborados para o público. Isto pode ter como causa uma sinalização visual deficiente, somada à antiga disposição dos fichários. O catálogo de coleções especiais não se encontra à disposição do público por fazer parte da última etapa do Inventário de Obras e Folhetos da DIORA.

A décima-primeira pergunta do questionário indicou que 4 usuários (8,2%) lembram de ler (ou interessam a eles ler) a data de nascimento e morte do autor; 14 lembram de ler o subtítulo (28,6%); 2 lembram de ler o co-autor (4,1%); 5 usuários lembram de ler tradutor (10,2%); 13 lembram de ler o dado de edição (26,5%); 16 usuários (32,7%) lêem local de publicação; 15 lêem editor (30,6%); 21 usuários lêem a data de publicação (42,9%); 11 lembram de ler paginação (22,4%); 6 lembram de ler ilustração (12,2%); apenas 3 lêem tamanho; nenhum usuário lê formato; 9 lêem notas (18,4%); 5 usuários lembram de ler assunto (10,2%); 7 lembram de ler conteúdo (14,3%) e 1 lembra de ler outro item: série. Vinte usuários, ou seja, 40,8%, não lembram de ler nenhum outro item da ficha catalográfica, além dos necessários para o preenchimento do boletim de consulta.

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler data de nasc. e morte? | Número | Percentual |
|--------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                              | 4      | 8,2 %      |
| 2 = não                              | 45     | 91,8 %     |
| Total                                | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler subtítulo? | Número | Percentual |
|--------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                  | 14     | 28,6 %     |
| 2 = não                  | 35     | 71,4 %     |
| Total                    | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler co-autor? | Número | Percentual |
|-------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                 | 2      | 4,1 %      |
| 2 = não                 | 47     | 95,9 %     |
| Total                   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler tradutor? | Número | Percentual |
|-------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                 | 5      | 10,2 %     |
| 2 = não                 | 44     | 89,8 %     |
| Total                   | 49     | 100,0 %    |

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler edição? | Número | Percentual |
|-----------------------|--------|------------|
| 1 = sim               | 13     | 26,5 %     |
| 2 = não               | 36     | 73,5 %     |
| Total                 | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler local de publicação? | Número | Percentual |
|------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                            | 16     | 32,7 %     |
| 2 = não                            | 33     | 67,3 %     |
| Total                              | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler editor? | Número | Percentual |
|-----------------------|--------|------------|
| 1 = sim               | 15     | 30,6 %     |
| 2 = não               | 34     | 69,4 %     |
| Total                 | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler data de publicação? | Número | Percentual |
|-----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                           | 21     | 42,9 %     |
| 2 = não                           | 28     | 57,1 %     |
| Total                             | 49     | 100,0 %    |

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler paginação? | Número | Percentual |
|--------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                  | 11     | 22,4 %     |
| 2 = não                  | 38     | 77,6 %     |
| Total                    | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler ilustração? | Número | Percentual |
|---------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                   | 6      | 12,2 %     |
| 2 = não                   | 43     | 87,8 %     |
| Total                     | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler tamanho? | Número | Percentual |
|------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                | 3      | 6,1 %      |
| 2 = não                | 46     | 93,9 %     |
| Total                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler formato? | Número | Percentual |
|------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                | 0      | 0,0 %      |
| 2 = não                | 49     | 100,0 %    |
| Total                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler notas? | Número | Percentual |
|----------------------|--------|------------|
| 1 = sim              | 9      | 18,4 %     |
| 2 = não              | 40     | 81,6 %     |
| Total                | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler assunto? | Número | Percentual |
|------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                | 5      | 10,2 %     |
| 2 = não                | 44     | 89,8 %     |
| Total                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler conteúdo? | Número | Percentual |
|-------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                 | 7      | 14,3 %     |
| 2 = não                 | 42     | 85,7 %     |
| Total                   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos 0 0  
 Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Lembra de ler outro item? | Número | Percentual |
|---------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                   | 1      | 2,0 %      |
| 2 = não                   | 48     | 98,0 %     |
| Total                     | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
 Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Não lembra de ler outro item? | Número | Percentual |
|-------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                       | 20     | 40,8 %     |
| 2 = não                       | 29     | 59,2 %     |
| Total                         | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
 Percentual de resposta = 100,0 %

Analisando as respostas acima, verifica-se que, em geral, o usuário de obras raras da Biblioteca Nacional não lê outros itens da ficha além dos que necessita para identificar o livro procurado, embora os itens que mais o interessassem, em ordem de importância, sejam: data de publicação, local, editor, subtítulo, edição, paginação e notas. Esses dados conferem com os obtidos nos estudos de Maltby & Duxbury, da Inglaterra, e Lancaster, nos Estados Unidos.

Perguntados, informalmente, que notas liam, apenas 3 dos 9 usuários que disseram ler as notas responderam que liam as notas de exemplar incompleto e conteúdo; os outros usuários não conseguiram se lembrar das notas.

Esses resultados conferem com os da pergunta oito, onde 1 usuário respondeu que uma das dificuldades encontradas no uso do catálogo era a pouca informação na ficha sobre o conteúdo do livro. O primeiro estudo de uso de catálogo (Akers, 1931), que visava levantar os itens da ficha catalográfica lidos pelos leitores, constatou, também, que poucos itens eram lidos. Os mais procurados eram autor, título, assunto, localização e data, seguidos pelo local, editor e notas de conteúdo, assim como o presente estudo. Penalosa também assinalou que o usuário encontra muitas informações bibliográficas na ficha, mas não informação suficiente sobre o conteúdo do livro, e que, normalmente, ele lê o autor, o título, a data e o assunto, ou seja, o suficiente para a identificação do livro.

A pergunta número doze não foi analisada por estar contida na anterior.

Quanto à pergunta treze, que visava saber que itens o usuário não compreendia na ficha, as respostas demonstram que 5 usuários (10,2%) não compreenderam formato, sendo que 29 não leram; 1 não compreendeu a data de nascimento e morte do autor (2,0%); 1 não compreendeu tradutor

(2,0%) e 14 usuários não compreenderam outros itens: localização do documento perto da data de nascimento e morte do autor, localização diferente da do catálogo da DIOGE, números no rodapé da ficha, abreviaturas ("**front**" para frontispício, "il." para ilustrado), paginação, vocabulário técnico ("laminado"), etc. Os itens menos compreendidos foram as abreviaturas e as localizações. Um usuário respondeu que não compreendia vários itens, mas achava que aquelas informações eram para os bibliotecários lerem.

\*\*\*\*\*

| Não compreendeu formato? | Número | Percentual |
|--------------------------|--------|------------|
| -----                    | -----  | -----      |
| 1 = sim                  | 5      | 10,2 %     |
| 2 = não                  | 15     | 30,6 %     |
| 3 = não leu              | 29     | 59,2 %     |
|                          | ---    | -----      |
| Total                    | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Não compreendeu data de nasc. e morte? | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| -----                                  | -----  | -----      |
| 1 = sim                                | 1      | 2,0 %      |
| 2 = não                                | 19     | 38,8 %     |
| 3 = não leu                            | 29     | 59,2 %     |
|  | ---    | -----      |
| Total                                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Não compreendeu tradutor? | Número | Percentual |
|---------------------------|--------|------------|
| -----                     | -----  | -----      |
| 1 = sim                   | 1      | 2,0 %      |
| 2 = não                   | 19     | 38,8 %     |
| 3 = não leu               | 29     | 59,2 %     |
|                           | ---    | -----      |
| Total                     | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Não compreendeu algum outro item? | Número | Percentual |
|-----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                           | 14     | 28,6 %     |
| 2 = não                           | 6      | 12,2 %     |
| 3 = não leu                       | 29     | 59,2 %     |
| Total                             | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Devido ao fato do usuário pouco ler da ficha catalográfica, são poucos os itens que deixa de compreender. O item formato, acredita-se, só foi assinalado por 6 usuários porque o entrevistador mostrou a alguns o que era formato na ficha, após perceber que não sabiam do que se tratava. Um usuário observou que a data de nascimento e morte do autor perto da localização do livro na estante confunde a leitura. O item tradutor foi assinalado por 1 usuário que não compreendeu, na ficha, a abreviatura "trad.".

Na pergunta catorze, indagados se encontrariam o documento caso o catálogo fosse simplificado (autor, título reduzido, data de publicação e localização do livro), 8 usuários responderam que encontrariam (16,3%); 15 responderam que não (30,6%), pois a ficha, para estes, deve conter os seguintes itens:

- subtítulo (6 usuários, ou 12,2%)
- edição (6 usuários, ou 12,2%)
- local de publicação (10 usuários, ou 20,4%)
- editor (10 usuários, ou 20,4%)
- paginação (4 usuários, ou 8,2%)

- ilustração (3 usuários, ou 6,1%)
- notas (6 usuários, ou 12,2%)
- assunto (6 usuários, ou 12,2%)
- outro dado (7 usuários, 14,3%). Os dados são: co-autor, conteúdo (pedido por 4 usuários) e tamanho (pedido por 2 usuários).

\*\*\*\*\*

| Se cat.simplificado, encontraria doc.? | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim                                | 8      | 16,3 %     |
| 2 = não                                | 41     | 83,7 %     |
| Total                                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Se cat.simplif., não encontraria doc.? | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim                                | 15     | 30,6 %     |
| 2 = não                                | 34     | 69,4 %     |
| Total                                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Acha que a ficha deve ter subtítulo? | Número | Percentual |
|--------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                              | 6      | 12,2 %     |
| 2 = não                              | 43     | 87,8 %     |
| Total                                | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Acha que a ficha deve ter edição? | Número | Percentual |
|-----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                           | 6      | 12,2 %     |
| 2 = não                           | 43     | 87,8 %     |
| Total                             | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Acha que a ficha deve ter local de publicação? | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim  | 10     | 20,4 %     |
| 2 = não  | 39     | 79,6 %     |
| Total  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Acha que a ficha deve ter editor? | Número | Percentual |
|-----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                           | 10     | 20,4 %     |
| 2 = não                           | 39     | 79,6 %     |
| Total                             | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Acha que a ficha deve ter paginação? | Número | Percentual |
|--------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                              | 4      | 8,2 %      |
| 2 = não                              | 45     | 91,8 %     |
| Total                                | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Acha que a ficha deve ter dado de  
ilustração?

Número      Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 3      | 6,1 %      |
| 2 = não | 46     | 93,9 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Acha que a ficha deve ter notas?

Número      Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 6      | 12,2 %     |
| 2 = não | 43     | 87,8 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Acha que a ficha deve ter assunto?

Número      Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 6      | 12,2 %     |
| 2 = não | 43     | 87,8 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Acha que a ficha deve ter outro dado?

Número      Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 7      | 14,3 %     |
| 2 = não | 42     | 85,7 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Dos 26 usuários que responderam que encontrariam o documento em catálogo simplificado, mas acham que a ficha deve conter outros itens, assinala-se:

- subtítulo (17 usuários, ou 34,7%)
- edição (5 usuários, ou 10,2%)
- local de publicação (17 usuários, ou 34,7%)
- editor (15 usuários, ou 30,6%)
- paginação (13 usuários, ou 26,5%)
- ilustração (5 usuários, ou 10,2%)
- notas (8 usuários, ou 16,3%)
- assunto (8 usuários, ou 16,3%)
- conteúdo (16 usuários, ou 32,7%)
- outro item (1 usuário, ou 2,0%), que acha importante ter o título original.

\*\*\*\*\*

Encontraria doc., mas deve ter subtítulo Número Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 17     | 34,7 %     |
| 2 = não | 32     | 65,3 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
 Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Encontraria doc., mas deve ter edição? Número Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 5      | 10,2 %     |
| 2 = não | 44     | 89,8 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
 Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Encontraria doc., mas deve ter local: | Número | Percentual |
|---------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                               | 17     | 34,7 %     |
| 2 = não                               | 32     | 65,3 %     |
| Total                                 | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
 Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Encontraria doc., mas deve ter editor: | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim                                | 15     | 30,6 %     |
| 2 = não                                | 34     | 69,4 %     |
| Total                                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
 Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Encontraria doc., mas deve ter paginação | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim                                  | 13     | 26,5 %     |
| 2 = não                                  | 36     | 73,5 %     |
| Total                                    | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
 Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Encontraria doc., mas deve ter ilustração: | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim                                    | 5      | 10,2 %     |
| 2 = não                                    | 44     | 89,8 %     |
| Total                                      | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
 Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Encontraria doc., mas deve ter notas: Número Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 8      | 16,3 %     |
| 2 = não | 41     | 83,7 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Encontraria doc., mas deve ter assunto: Número Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 8      | 16,3 %     |
| 2 = não | 41     | 83,7 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Encontraria doc.,mas deve ter conteúdo: Número Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 16     | 32,7 %     |
| 2 = não | 33     | 67,3 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Encontraria doc.,mas deve ter outro item Número Percentual

|         | Número | Percentual |
|---------|--------|------------|
| 1 = sim | 1      | 2,0 %      |
| 2 = não | 48     | 98,0 %     |
| Total   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Depreende-se, dos dados obtidos, que a maioria dos usuários da DIORA prefere uma ficha catalográfica mais completa, mesmo admitindo que encontrariam o documento em um catálogo simplificado. Confirmando as respostas da décima-primeira pergunta (os itens que se lembravam de ler, ou que a eles interessavam ler), os usuários pedem que haja, na ficha catalográfica, os seguintes itens, além do autor, título, localização na estante e data: subtítulo, local, editor, conteúdo, assunto, paginação, edição, notas e ilustração, nesta ordem e principalmente.

Os resultados obtidos junto aos usuários da DIORA demonstraram, ao contrário do estudo de Palmer em meio ambiente de biblioteca universitária, que um catálogo reduzido não atenderia às necessidades dos usuários desta Divisão. Embora o público abrangido pela pesquisa americana possa ser considerado similar ao da DIORA (estudantes universitários), as instituições, contudo, têm objetivos e meio-ambiente diversos (biblioteca universitária e nacional, em país desenvolvido e em desenvolvimento). Essas parecem ser variáveis que possam justificar a diferença encontrada nesta pesquisa.

Indagados, na pergunta quinze, sobre a importância de uma estante de referência com dicionários, enciclopédias, etc. à disposição para auxiliar na pesquisa, a grande maioria dos usuários mostrou-se favorável (46, ou 93,9%), tendo apenas 1 considerado desnecessário, e 2 usuários não souberam dizer.

\*\*\*\*\*

| Acha importante estante de referência? | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim                                | 46     | 93,9 %     |
| 2 = não                                | 1      | 2,0 %      |
| 3 = não sabe                           | 2      | 4,1 %      |
| Total                                  | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Até setembro de 1990, para consultar qualquer obra de referência da DIORA, o usuário precisava pesquisar no catálogo e preencher o boletim de empréstimo, o que interrompia e retardava sua pesquisa.

A pergunta nº dezesseis terá os dados coletados posteriormente para um estudo mais profundo da coleção (assunto pesquisado).

Quanto à pergunta dezessete (língua dos livros pedidos durante o período de aplicação do questionário), verificou-se que 38 usuários, ou seja, 77,6% consultaram obras em português; 1 consultou uma obra em inglês (2,0%); 2 usuários (4,1%) consultaram obras em francês; 3 consulta-

ram obras em espanhol (6,1%); 4 usuários (8,2%) consultaram obras em latim e 1 consultou uma obra em grego.

\*\*\*\*\*

| Qual a língua do doc. pesquisado? | Número | Percentual |
|-----------------------------------|--------|------------|
| 1 = português                     | 38     | 77,6 %     |
| 2 = inglês                        | 1      | 2,0 %      |
| 3 = francês                       | 2      | 4,1 %      |
| 4 = espanhol                      | 3      | 6,1 %      |
| 5 = outra                         | 4      | 8,2 %      |
| 6 = grego                         | 1      | 2,0 %      |
| Total                             | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

A décima-oitava pergunta levantou que 4 obras pesquisadas durante a aplicação do questionário pertenciam à segunda metade do século XX (8,2%); 11 obras pertenciam à primeira metade do século XX (22,4%); 26 obras pertenciam ao século XIX (53,1%); 3 pertenciam ao século XVIII (6,1%); 1 ao século XVII (2,0%); 3 obras pertenciam ao século XVI (6,1%) e apenas 1 era anterior a 1500.

\*\*\*\*\*

| Qual a data da obra pesquisada? | Número | Percentual |
|---------------------------------|--------|------------|
| 1 = 1950-1989                   | 4      | 8,2 %      |
| 2 = 1900-1949                   | 11     | 22,4 %     |
| 3 = 1800-1899                   | 26     | 53,1 %     |
| 4 = 1700-1799                   | 3      | 6,1 %      |
| 5 = 1600-1699                   | 1      | 2,0 %      |
| 6 = 1500-1599                   | 3      | 6,1 %      |
| 7 = anterior a 1500             | 1      | 2,0 %      |
| Total                           | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

A pergunta dezenove caracteriza o usuário da seguinte forma: 14 são professores (28,6%); 20 são estudantes (40,8%); 3 são religiosos (6,1%); 1 é pesquisador (2,0%) e 11 têm outras profissões: Museólogo, Cientista Político, Advogado, Cineasta, Economista, Engenheiro, Analista de Sistemas, Físico, Metroviário, Diretor de Teatro e 1 Bancário de Nível Médio, que estava na DIORA porque, ao pesquisar no catálogo do DIOGE, a primeira ficha que encontrou do livro que queria o remeteu para Obras Raras.

\*\*\*\*\*

| <u>Qual a Profissão?</u> | <u>Número</u> | <u>Percentual</u> |
|--------------------------|---------------|-------------------|
| 1 = professor            | 14            | 28,6 %            |
| 2 = estudante            | 20            | 40,8 %            |
| 3 = religioso            | 3             | 6,1 %             |
| 4 = pesquisador          | 1             | 2,0 %             |
| 5 = outra                | 11            | 22,4 %            |
| Total                    | 49            | 100,0 %           |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

A pergunta número vinte não foi considerada, uma vez que o universo de usuários entrevistados era composto de público externo.

Quanto ao nível educacional da pergunta vinte e um, verificou-se que 20 usuários possuem graduação incompleta (40,8%); 8 possuem graduação completa (16,3%); 19 possuem pós-graduação (38,8%) e 2 possuem outro nível; 1 é aposentado de Nível Médio, e outro está na fase intermediária entre o segundo grau e o nível universitário.

\*\*\*\*\*

| Qual o nível educacional?<br>----- | Número<br>----- | Percentual<br>----- |
|------------------------------------|-----------------|---------------------|
| 1 = grad. incompleta               | 20              | 40,8 %              |
| 2 = grad. completa                 | 8               | 16,3 %              |
| 3 = pós-graduação                  | 19              | 38,8 %              |
| 4 = outro                          | 2               | 4,1 %               |
|                                    | ---             | ---                 |
| Total                              | 49              | 100,0 %             |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Os resultados acima demonstram o oposto do que se acreditava até então: que o usuário da DIORA é especializado, um pesquisador de alto nível. Por observação, sabe-se que a divisão possui, ainda, esse especialista, embora a grande maioria de seu público seja, hoje, formada por estudantes e professores, sendo alguns professores estudantes de pós-graduação. Não se conseguiu determinar o motivo exato dessa modificação no tipo de público da DIORA, mas acredita-se que a falta de divulgação do acervo tenha contribuído para que os estudantes não a frequentassem. Três universitários que obtiveram sucesso na busca registraram que, se tivessem sabido há mais tempo da existência da coleção de obras raras da Biblioteca, já teriam ido antes.

Quanto à área de atuação da pergunta vinte e dois, detectou-se que 8 são da área de Letras ou Artes (16,3%); 23 são da área de História (46,9%); 2 da área de Jornalismo (4,1%); 1 da área de Direito (2,0%); 2 da área de Economia (4,1%) e 13 são de outras áreas, já assinaladas na pergunta dezenove.

\*\*\*\*\*

| Qual a área de atuação? | Número | Percentual |
|-------------------------|--------|------------|
| 1 = Letras ou Artes     | 8      | 16,3 %     |
| 2 = História            | 23     | 46,9 %     |
| 3 = Jornalismo          | 2      | 4,1 %      |
| 4 = Direito             | 1      | 2,0 %      |
| 5 = Economia            | 2      | 4,1 %      |
| 6 = outra               | 13     | 26,5 %     |
| Total                   | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

As perguntas vinte e três e vinte e quatro, sobre a nacionalidade e a residência do usuário, registraram que 45 são brasileiros (91,8%) e 4 são estrangeiros (8,2%): 2 americanos, 1 português e 1 francês; 40 moram no Rio de Janeiro (81,6%) e 9 moram em Belém, Porto Alegre, São Paulo (5 usuários), Brasília e Mato Grosso do Sul.

\*\*\*\*\*

| Qual a nacionalidade? | Número | Percentual |
|-----------------------|--------|------------|
| 1 = brasileira        | 45     | 91,8 %     |
| 2 = outra             | 4      | 8,2 %      |
| Total                 | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Qual a residência? | Número | Percentual |
|--------------------|--------|------------|
| 1 = Rio de Janeiro | 40     | 81,6 %     |
| 2 = outra          | 9      | 18,4 %     |
| Total              | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

A finalidade da pesquisa, item da pergunta vinte e cinco foi, para 10 usuários (20,4%), própria; trabalho de graduação e trabalho de pós-graduação também foram itens assinalados por 10 usuários, cada um; 8 usuários (16,3%) realizavam pesquisa para terceiros e para 9 a finalidade da pesquisa era publicação de trabalho (18,4%); 2 usuários responderam ser a pesquisa para a instituição em que trabalhavam (4,1%).

\*\*\*\*\*

| Qual a finalidade da pesquisa? | Número | Percentual |
|--------------------------------|--------|------------|
| 1 = própria                    | 10     | 20,4 %     |
| 2 = trabalho de grad.          | 10     | 20,4 %     |
| 3 = trab. pós-grad.            | 10     | 20,4 %     |
| 4 = aula                       | 0      | 0,0 %      |
| 5 = para terceiros             | 8      | 16,3 %     |
| 6 = publicação                 | 9      | 18,4 %     |
| 7 = outro                      | 2      | 4,1 %      |
| Total                          | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

As perguntas vinte e seis e vinte e sete verificaram que 17 usuários (34,7%) são do sexo feminino e 32 (65,3%) são do sexo masculino, com idades variando de 18 a 30 anos (19 usuários, ou 38,8%), 31 a 50 anos (26 usuários, ou 53,1%) ou mais de 50 anos (apenas 4 usuários, ou 8,2%).

\*\*\*\*\*

| Sexo          | Número | Percentual |
|---------------|--------|------------|
| 1 = feminino  | 17     | 34,7 %     |
| 2 = masculino | 32     | 65,3 %     |
| Total         | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Idade            | Número | Percentual |
|------------------|--------|------------|
| 1 = 18 a 30 anos | 19     | 38,8 %     |
| 2 = 31 a 50 anos | 26     | 53,1 %     |
| 3 = mais de 50   | 4      | 8,2 %      |
| Total            | 49     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100, 0 %

Um último item do questionário tinha por objetivo permitir ao usuário fazer observações em relação à DIORA, quaisquer que fossem. Abaixo serão listadas as consideradas como mais expressivas:

- o usuário foi à DIORA porque os livros da DIOGE estão em mal estado de conservação;
- as informações da ficha são para controle interno;
- deve haver uma maior divulgação dos serviços da DIORA;
- deve haver mais notas de conteúdo;
- o atendimento na DIORA é mais rápido que na DIOGE (item mais lembrado pelos usuários);
- a automação agilizaria a pesquisa;
- a reprodução dos documentos deveria ser mais rápida;
- o usuário não lê o que chama de "parte técnica da ficha": área de colação;
- o catálogo não é claro;
- é necessário um catálogo cronológico;
- o local é escuro;
- deve-se facilitar o uso do material de referência;
- ficha muito detalhada é desnecessária;
- deve haver um folheto informativo da DIORA.

## 2. Análise das Planilhas do SIAH e da DIORA

Conforme proposto pelo estudo, as planilhas do SIAH e da DIORA, elaboradas a partir do ano de 1982, foram analisadas na íntegra. Esclarece-se que, nos primeiros anos de confecção dessas planilhas, foi utilizado o ISBD(A) para a catalogação dos livros e, logo após, foi adotado o BDRB/LC, juntamente com os AACR2. Ambos os códigos recomendavam o uso de notas especiais nas fichas catalográficas, importantes, principalmente, para caracterizar um determinado exemplar e fornecer informações supostamente relevantes para o usuário. Partiu este investigador de pressupostos baseados na experiência de trabalho e pelos resultados obtidos na pesquisa com o usuário da DIORA. Contudo, observou-se, na análise dessas planilhas, alguns pontos que devem ser discutidos, como por exemplo, a colocação de notas que podem ser consideradas como não relevantes para o usuário, e outras notas nos quais o jargão biblioteconômico predomina. As notas especiais devem ser elaboradas para o esclarecimento dos usuários, portanto presume-se que devam ser colocadas em linguagem comum, e não através do uso do vocabulário técnico da área, que somente bibliotecários da área de livros raros podem entender.

De acordo com os resultados da investigação que foi realizada nas planilhas da DIORA e do SIAH, dentre as notas que podem ser consideradas não relevantes para o usuá-

rio, ou relevantes apenas para outros bibliotecários, destacam-se:

1. Capitais ornamentadas. Vinhetas. (Quase todos os livros dos séculos XVI e XVII possuem essas características, e nem por isso devem ser considerados ilustrados);
  - Capitais historiadas;
  - Vinheta na p. de rosto (leia-se, na página de rosto);
  - Nome do autor antes do título;
  - Minúsculas para as iniciais;
  - Verso da página de rosto em branco (a menos que existam outros exemplares da mesma edição cujo verso da página de rosto não esteja em branco, essa nota pode ser considerada desnecessária);
  - Acima do título: Iohannis Henrici Chaufessie medicina doctoris hamburgensis, ou seja, o nome do autor e seu título;
  - Texto sobreposto, em linha tirada e em duas colunas;
  - Inclui dedicatória do autor ao Rei D. João III (está na paginação);
  - Elogios ao tradutor em latim;
  - Estâncias numeradas;
  - Local retirado da página 3;
  - Autor retirado do prólogo/página de dedicatória;
  - Parte do texto em duas colunas;
  - Paginação detalhada;
  - Monograma na página de rosto;
  - Carimbo não identificado;
  - Algumas citações em grego;

- Página de rosto impressa em vermelho e preto;
- Página de rosto gravada;
- Página de rosto com cercadura;
- Legendas das ilustrações em italiano e latim;
- Edição entre o título e o subtítulo;
- Brasão não identificado na página de rosto (se não foi identificado, para que colocar a nota?)

Outras notas, essas no jargão biblioteconômico, também aparecem, como:

- Título uniforme retirado do Palau;
- Texto sobreposto;
- Colaço retirada do colofão;
- Imprensa retirada do colofão;
- Dados de responsabilidade tranpostos do alto do título;
- Dados de responsabilidade retirados do B.Museum (leia-se British Museum, o catálogo do acervo da biblioteca);
- Texto com paralipônemos em grego e latim;
- Título original retirado da LC, isto é, do catálogo da Library of Congress;
- Comentários em corandel.

A nota de conteúdo, assinalada como importante no presente estudo por muitos usuários, ocupa demasiado espaço na planilha na forma como foi transcrita da página de rosto, pois pode equivaler a um jogo de fichas catalográficas com 4 ou 5 fichas para cada obra em 1 volume, por exemplo. Questiona-se, também, se as notas de conteúdo

elaboradas para o leitor devam ser registradas em outra língua que não a portuguesa, já que estamos no Brasil e a maior parte do público que atendemos é brasileira, mesmo sendo o livro em outra língua.

Outra observação prende-se ao fato de se ter notado, nessas planilhas, títulos de obras (em latim, principalmente) muito extensos, e que são reproduzidos na íntegra nesta língua, na área de título ou na de notas. Foi encontrado um caso cuja planilha continha uma nota de conteúdo em latim com 24 linhas. Um outro livro registrava outros dados da página de rosto com 6 linhas na planilha. Outro, ainda, era de tal tamanho a nota, que deveria equivaler a um jogo com 10 fichas catalográficas. Por último, foi encontrada uma obra que ocupava 5 planilhas, somente com as notas.

Cabe, também, registrar, que a transcrição da nota de raridade na área de notas da planilha também ocupa espaço considerável, além de não ter muita relevância, pois se o livro se encontra numa divisão de obras raras é porque ele é considerado raro.

Uma outra observação, ainda, diz respeito à nota de referência. A interpretação dada pela Biblioteca Nacional fez com que, no início, fosse reproduzida a citação de raridade das fontes bibliográficas, que ocupa considerável espaço. Mais tarde, as citações foram suprimidas, mantendo-se, contudo, as referências das fontes bibliográficas

que remetiam para a citação. O BDRB/LC não diz, ao contrário da interpretação dada, que esse tipo de nota deve ser utilizado para incunábulo, enfoque de raridade e obras incompletas, como é citado no documento traduzido que a Biblioteca Nacional utiliza, mas sim que deve ser utilizado para remeter o leitor a uma fonte onde encontre uma descrição física minuciosa da obra, descrição essa que não ocupará espaço em um ficha catalográfica: Nota 7A General Instructions:

"If the descriptions in the areas preceding the note area does not clearly identify the edition or issue being cataloged, make all notes necessary for unambiguous identification. When appropriate, refer to a detailed description in a standard catalog or bibliography (see 7C14 below), or use both notes and the reference to a catalog or bibliography... Cite any other list or bibliography when it would serve to distinguish an edition (or issue) from similar editions (or issues), when it would substantiate information provided by the cataloger, or when it would provide a more detailed description of the publication being cataloged".

Talvez o fato de o antigo SIAH não atender público, e a DIORA e o próprio SIAH terem iniciado, inexperientemente, a catalogação de livros raros segundo novos códigos estrangeiros, <sup>tenham</sup> contribuído para que houvesse erros de interpretação de regras, fazendo com que a catalogação fosse feita por bibliotecários para bibliotecários, assim como haviam Maltby & Sweeny, Frarey & Tauber e Penalosa detectado em seus estudos.

Foi encontrado, em algumas planilhas, um nível de detalhamento muito extenso para as assinaturas (símbolos, letras ou números que aparecem abaixo da última linha do

texto, que servem para orientar a ordem das folhas de um caderno). Se a paginação de todos os volumes de uma obra é especificada, não há necessidade de se registrar as assinaturas. A Biblioteca Nacional passou a registrar as assinaturas de forma correta depois de meados de 1988, havendo necessidade, portanto, de se rever as planilhas feitas até então.

Como integração do Acervo Histórico (AH) foram feitas planilhas de controle, na Divisão de Obras Raras, em 1988, com o intuito de controlar as operações posteriores, em particular, para o controle de...

Foi realizado um inventário do acervo de livros raros, em 1988, com o intuito de controlar as operações posteriores, em particular, para o controle de...

- 124 livros com duas folhas, no total, 42,3%
- 72 livros com três folhas, no total, 24,0%
- 46 livros com quatro folhas, no total, 15,3%
- 20 livros com cinco folhas, no total, 6,7%
- 10 livros com seis folhas, no total, 3,3%
- 07 livros com sete folhas, no total, 2,3%

Como significa que, no âmbito de Subprojeto, quando se mencionam os livros raros e a catalogação de livros raros, há uma referência ao catálogo de livros raros da Biblioteca Nacional. Com o intuito de controlar as operações posteriores, em particular, para o controle de...

### 3. Análise do Catálogo do SIAH

O catálogo do SIAH é um catálogo composto por fichas principais, somente (autor e/ou título), datilografadas, que representam os primeiros livros catalogados no antigo Subprojeto Integração do Acervo Histórico (SIAH). Esses livros encontram-se, hoje, na Divisão de Obras Raras, assim como os livros catalogados posteriormente, em planilha, pelo próprio SIAH.

Foi realizado um levantamento do número de fichas para cada livro, e constatou-se, num total de 2.964 jogos, que:

- 1261 jogos tinham duas fichas, ou seja, 42,5%;
- 724 jogos tinham três fichas, ou seja, 24,4%;
- 467 jogos tinham uma ficha, ou seja, 15,7%;
- 306 jogos tinham quatro fichas, ou seja, 10,3%;
- 104 jogos tinham cinco fichas, ou seja, 3,5%;
- 102 jogos tinham mais de cinco fichas, ou seja, 3,4%.

Isso significa que, no início do Subprojeto, quando os funcionários estavam sendo iniciados na catalogação de livros raros, já havia uma tendência em catalogar o livro mais detalhadamente do que na DIORA. Como não houve interação entre as equipes, a tendência foi um aumento no nível de detalhamento, comprovado pela análise feita anteriormente das planilhas.

#### 4. Análise dos Questionários Enviados a Outras Bibliotecas do País

A primeira pergunta do questionário indicou que 7 bibliotecas (10,4%) não possuem critério para identificação do material raro; 14 bibliotecas (20,9%) possuem regimento interno; 21 possuem critério verbal (31,3%) e 18 bibliotecários estão em fase de elaboração de seus critérios (26,9%). Três bibliotecas utilizam os critérios de raridade da Biblioteca Nacional (4,5%); 1 biblioteca (1,5%) utiliza outro critério (consulta a fontes de referência e especialistas) e 3 bibliotecas não responderam esse item.

\*\*\*\*\*

| Critério para identificação de O.R.? | Número | Percentual |
|--------------------------------------|--------|------------|
| 1 = não                              | 7      | 10,4 %     |
| 2 = reg. interno                     | 14     | 20,9 %     |
| 3 = verbal                           | 21     | 31,3 %     |
| 4 = em elaboração                    | 18     | 26,9 %     |
| 5 = critério BN                      | 3      | 4,5 %      |
| 6 = outro                            | 1      | 1,5 %      |
| 7 = não respondeu                    | 3      | 4,5 %      |
| Total                                | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

De acordo com o quadro acima exposto, verifica-se que a maioria das bibliotecas não tem critérios já estabelecidos para a identificação de seus acervos raros (39 bibliotecas têm critério verbal ou em elaboração). O fato de somente 3 bibliotecas utilizarem os critérios da Biblioteca Nacional significa que esta biblioteca não está

divulgando esses critérios como deveria, principalmente através da orientação técnica dada a outras bibliotecas, que é um dos objetivos dessa instituição através do PLANOR desde 1983.

A segunda pergunta demonstra que 8 bibliotecas (11,9%) possuem acervo até 100 volumes; 12 possuem acervo até 500 volumes (17,9%); 13 bibliotecas têm até 3000 livros raros (19,4%); 3 bibliotecas (4,5%) possuem acervo de 3 a 5 mil livros raros; 5 bibliotecas (7,5%) possuem acervo até 10 mil volumes; nenhuma biblioteca respondeu ter o seu acervo estimado entre 10 mil e 50 mil volumes; 1 biblioteca (1,5%) estimou seu acervo raro em mais de 50 mil volumes; 24 bibliotecas (35,8%) não puderam avaliar o tamanho do acervo raro e apenas 1 não respondeu esse item.

\*\*\*\*\*

| Tamanho aproximado do acervo raro: | Número | Percentual |
|------------------------------------|--------|------------|
| 1 = 1-100 vol.                     | 8      | 11,9 %     |
| 2 = 100-500 vol.                   | 12     | 17,9 %     |
| 3 = 500-3000 vol.                  | 13     | 19,4 %     |
| 4 = 3000-5000 vol.                 | 3      | 4,5 %      |
| 5 = 5000-10.000 vol.               | 5      | 7,5 %      |
| 6 = 10000-50.000 vol.              | 0      | 0,0 %      |
| 7 = mais de 50.000                 | 1      | 1,5 %      |
| 8 = não pode avaliar               | 24     | 35,8 %     |
| 9 = não respondeu                  | 1      | 1,5 %      |
| Total                              | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Como se pode notar, a maioria das bibliotecas ainda não pode avaliar o tamanho de seus acervos raros, mas, no geral, não devem ultrapassar os três mil volumes. Acredita-se que esse número possa aumentar à medida que os acervos forem sendo identificados.

A terceira pergunta mostra que 6 bibliotecas possuem livros do século XV (9,0%); 29 possuem livros do século XVI (43,3%); 39 bibliotecas (58,2%) possuem livros do século XVII; 47 possuem século XVIII (70,1%); 54 bibliotecas, ou 80,6% possuem século XIX e 47 bibliotecas (70,1%) responderam possuir livros do século XX; 7 bibliotecas não conhecem, ainda, o acervo (10,4%) e 1 não respondeu à pergunta.

\*\*\*\*\*

| Possui obras raras do século XV? | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                          | 6      | 9,0 %      |
| 2 = não                          | 61     | 91,0 %     |
| Total                            | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Possui obras raras do século XVI? | Número | Percentual |
|-----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                           | 29     | 43,3 %     |
| 2 = não                           | 38     | 56,7 %     |
| Total                             | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Possui obras raras do século XVII? | Número | Percentual |
|------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                            | 39     | 58,2 %     |
| 2 = não                            | 28     | 41,8 %     |
| Total                              | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Possui obras raras do século XVIII? | Número | Percentual |
|-------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                             | 47     | 70,1 %     |
| 2 = não                             | 20     | 29,9 %     |
| Total                               | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Possui obras raras do século XIX? | Número | Percentual |
|-----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                           | 54     | 80,6 %     |
| 2 = não                           | 13     | 19,4 %     |
| Total                             | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Possui obras raras do século XX? | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                          | 47     | 70,1 %     |
| 2 = não                          | 20     | 29,9 %     |
| Total                            | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Não conhece ainda o acervo? | Número | Percentual |
|-----------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                     | 7      | 10,4 %     |
| 2 = não                     | 59     | 88,1 %     |
| 3 = não respondeu           | 1      | 1,5 %      |
| Total                       | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Observa-se que muitas bibliotecas têm, como núcleo de acervo, obras dos séculos XVIII, XIX e XX, mais do que têm obras dos séculos XV, XVI e XVII, fato que é de extrema importância, visto ser um acervo fisicamente diferente do acervo mais antigo; no entanto, a Biblioteca Nacional oferece cursos e treinamentos direcionados somente para acervos dos séculos XV a XVII, já que as maiores dificuldades na catalogação de um livro raro recaem sobre as obras mais antigas. Entretanto, outro tipo de dificuldade se faz presente, muitas vezes, no tratamento de obras dos séculos XVIII a XX: para identificar a importância de um livro, é necessário um profundo conhecimento de História sob os mais variados aspectos. A produção bibliográfica do século XVIII, por exemplo, está muito voltada para as Ciências e a Literatura; o tratamento desses livros requer conhecimento não apenas técnico.

As respostas relativas à pergunta número quatro serão analisadas na pergunta número treze.

As respostas relativas à quinta pergunta demonstram que, em 40 bibliotecas (59,7%), o acervo raro está separado do geral; em 16 bibliotecas (23,9%) ele está junto do acervo geral; em 9 está tanto no acervo raro quanto no geral (13,4%); 2 bibliotecas não responderam ao item.

\*\*\*\*\*

| Localização das obras raras: | Número | Percentual |
|------------------------------|--------|------------|
| -----                        | -----  | -----      |
| 1 = separada acervo          | 40     | 59,7 %     |
| 2 = junto do acervo          | 16     | 23,9 %     |
| 3 = ambas localizações       | 9      | 13,4 %     |
| 4 = não respondeu            | 2      | 3,0 %      |
|                              | ---    | ---        |
| Total                        | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Foi considerado satisfatório o índice de bibliotecas que mantêm seus acervos separados das coleções gerais. Por questões de segurança e conservação, principalmente, esse tipo de acervo deve ser mantido fisicamente separado da coleção geral, sem acesso direto do público às estantes.

A sexta pergunta verificou que 7 bibliotecas possuem inventário (10,4%); 33 possuem registro (49,3%); 41 bibliotecas catalogam seus livros (61,2%) e 34 bibliotecas (59,7%) classificam os livros; 4 bibliotecas, ou seja, 6,0%, possuem outro tipo de tratamento técnico (método de bibliotecas religiosas alemãs, bibliografia textual e 2 registraram bibliografia, somente). Em 14 bibliotecas não existe nenhum tipo de tratamento técnico para os livros raros.

\*\*\*\*\*

| Existe inventário? | Número | Percentual |
|--------------------|--------|------------|
| 1 = sim            | 7      | 10,4 %     |
| 2 = não            | 60     | 89,6 %     |
| Total              | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Existe registro? | Número | Percentual |
|------------------|--------|------------|
| 1 = sim          | 33     | 49,3 %     |
| 2 = não          | 34     | 50,7 %     |
| Total            | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Existe catalogação? | Número | Percentual |
|---------------------|--------|------------|
| 1 = sim             | 41     | 61,2 %     |
| 2 = não             | 26     | 38,8 %     |
| Total               | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Existe classificação? | Número | Percentual |
|-----------------------|--------|------------|
| 1 = sim               | 34     | 50,7 %     |
| 2 = não               | 33     | 49,3 %     |
| Total                 | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Existe outro tipo de tratamento técnico? | Número | Percentual |
|--|--------|------------|
| 1 = sim                                  | 4      | 6,0 %      |
| 2 = não                                  | 63     | 94,0 %     |
| Total                                    | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Não existe tratamento técnico? | Número | Percentual |
|--------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                        | 14     | 20,9 %     |
| 2 = não                        | 52     | 77,6 %     |
| 3 = não respondeu              | 1      | 1,5 %      |
| Total                          | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0  
Percentual de resposta = 100,0 %

As respostas da sétima pergunta detectaram que 12 bibliotecas (17,9%) utilizam o AACR para a catalogação de livros raros; 9 utilizam o AACR2 (13,4%); 5 fazem uso da Vaticana (7,5%); 4 bibliotecas utilizam o ISBD(A) (6,0%); 2, apenas, utilizam o BDRB/LC (3,0%); 9 bibliotecas (13,4%) têm outras formas de catalogar seus acervos: catalogação simplificada, catalogação monástica (2 bibliotecas), catalogação referenciada, a obra "Gesamtkatalog der Wiegendrucke", modelo do catálogo de obras raras da Biblioteca de Porto Alegre e o sistema Agris. Duas bibliotecas responderam, erradamente, CDD.

\*\*\*\*\*

| Obras catalogadas segundo | Número | Percentual |
|---------------------------|--------|------------|
| -----                     | -----  | -----      |
| 1 = AACR                  | 12     | 17,9 %     |
| 2 = AACR 2                | 9      | 13,4 %     |
| 3 = Vaticana              | 5      | 7,5 %      |
| 4 = ISBD(A)               | 4      | 6,0 %      |
| 5 = BDRB/LC               | 2      | 3,0 %      |
| 6 = outro                 | 9      | 13,4 %     |
| 7 = não respondeu         | 26     | 38,8 %     |
|                           | ---    | ---        |
| Total                     | 67     | 100,0%     |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Uma análise das respostas dessas duas últimas perguntas demonstra uma certa confusão em relação à palavra INVENTÁRIO, utilizada pela Biblioteca Nacional com conotação outra que a utilizada por bibliotecários, em geral. O inventário da Biblioteca consiste em cópia da página de rosto segundo as normas do Gesamtkatalog der Wiegendrucke para fins de publicação no Catálogo Coletivo de Obras Raras que a Biblioteca Nacional publica, através do PLANOR, e que será discutido posteriormente. No geral, a metade das bibliotecas possui algum tratamento técnico, geralmente combinados. Quanto à catalogação desses acervos, observa-se que não há padronização em relação aos códigos utilizados. Naturalmente, as coleções raras seguem as normas adotadas pela administração das coleções gerais das bibliotecas, daí a diversidade de códigos nas várias instituições pesquisadas no presente estudo, mas o fato de apenas 2 bibliotecas utilizarem o BDRB/LC significa que, das várias bibliotecas que receberam treinamento da Biblioteca Nacional, somente essas duas puseram em uso o

que foi ensinado. Este problema já tinha sido notado há algum tempo, devido à dificuldade encontrada por parte dos alunos em entender e interpretar um código em língua inglesa durante a curta duração dos cursos e treinamentos, o que causa o retorno à instituição sem um domínio mínimo do código. Na realidade, os cursos e treinamentos oferecidos na Biblioteca Nacional servem, apenas, para que o profissional (algumas vezes não bibliotecário) tenha uma idéia de como tratar o material, mas não permite que, ao retornar ao trabalho, aplique com desembaraço os ensinamentos técnicos e treine, ainda, outros funcionários para que o serviço tenha continuidade.

A oitava pergunta verificou que, em 7 bibliotecas (10,4%), há menos de 20% de obras raras ainda não catalogadas; também em 7 bibliotecas há de 20% a 40% da coleção por ser catalogada; em 8 bibliotecas (11,9%) há de 40% a 60% da coleção sem catalogação e em 6 bibliotecas (9,0%) há de 60% a 90% da coleção de livros raros a serem catalogados. Em 17 bibliotecas (25,4%) não há material sem catalogação; em 2 bibliotecas não há nenhum livro não catalogado, e 20 bibliotecas (29,9%) não responderam esse item.

\*\*\*\*\*

| Existem obras raras não catalogadas? | Número | Percentual |
|--------------------------------------|--------|------------|
| 1 = de 20% da col.                   | 7      | 10,4 %     |
| 2 = 20 a 40% da col.                 | 7      | 10,4 %     |
| 3 = 40 a 60% da col.                 | 8      | 11,9 %     |
| 4 = 60 a 90% da col.                 | 6      | 9,0 %      |
| 5 = não existe                       | 17     | 25,4 %     |
| 6 = todas                            | 2      | 3,0 %      |
| 7 = não respondeu                    | 20     | 29,9 %     |
| Total                                | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Das 47 bibliotecas que responderam o item acima, 30 ainda possuem acervo por catalogar, o que é uma realidade nas bibliotecas brasileiras, devido à falta de mão-de-obra capacitada e em número adequado nas bibliotecas.

A pergunta nove assinala 22 bibliotecas (32,8%) arquivando suas fichas no catálogo geral; 15 em catálogo separado (22,4%); 7 bibliotecas (10,4%) responderam que arquivam tanto no catálogo geral quanto em catálogo separado; 3 bibliotecas já possuem suas obras raras em sistema automatizado (4,5%); apenas 1 biblioteca (1,5%) respondeu o item "outro" (catálogo próprio) e 19 bibliotecas (28,4%) não responderam esse item.

\*\*\*\*\*

| <u>Fichas arquivadas no catálogo</u> | <u>Número</u> | <u>Percentual</u> |
|--------------------------------------|---------------|-------------------|
| 1 = geral                            | 22            | 32,8 %            |
| 2 = separado                         | 15            | 22,4 %            |
| 3 = ambos catálogos                  | 7             | 10,4 %            |
| 4 = automatizado                     | 3             | 4,5 %             |
| 5 = outro                            | 1             | 1,5 %             |
| 6 = não respondeu                    | 19            | 28,4 %            |
| Total                                | 67            | 100,0 %           |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Das bibliotecas que responderam esse item, a maioria arquivava suas fichas no catálogo geral, fato esse comum nas bibliotecas, pois são os catálogos gerais que, normalmente, remetem para os específicos.

Quanto à forma de acesso à coleção da pergunta dez, 28 bibliotecas responderam ser o acesso através do catálogo geral (41,8%); 21 bibliotecas (31,3%) dão acesso através do catálogo de obras raras; 16 permitem o acesso do leitor direto às estantes (23,9%) 5 dão acesso através de bibliografias (7,5%); 8 através de listagem com localização (11,9%); 30 através do bibliotecário (44,8%) e 3 permitem outro tipo de acesso: 2 bibliotecas mantêm fichários provisórios e uma permite o acesso através de exposições. Em três bibliotecas (4,5%) não há acesso do leitor à coleção e 5 bibliotecas não responderam esse item (7,5%).

\*\*\*\*\*

| Acesso através do catálogo geral | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                          | 28     | 41,8 %     |
| 2 = não                          | 39     | 58,2 %     |
| Total                            | 67     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 % |        |            |

\*\*\*\*\*

| Acesso através do catálogo de O.R. | Número | Percentual |
|------------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                            | 21     | 31,3 %     |
| 2 = não                            | 46     | 68,7 %     |
| Total                              | 67     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                  |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 %   |        |            |

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Acesso direto às estantes | Número | Percentual |
|---------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                   | 16     | 23,9 %     |
| 2 = não                   | 51     | 76,1 %     |
| Total                     | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Acesso através de bibliografias | Número | Percentual |
|---------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                         | 5      | 7,5 %      |
| 2 = não                         | 62     | 92,5 %     |
| Total                           | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Acesso através de listagem com localiz. | Número | Percentual |
|---|--------|------------|
| 1 = sim                                 | 8      | 11,9 %     |
| 2 = não                                 | 59     | 88,1 %     |
| Total                                   | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Acesso através do bibliotecário | Número | Percentual |
|---------------------------------|--------|------------|
| 1 = sim                         | 30     | 44,8 %     |
| 2 = não                         | 37     | 55,2 %     |
| Total                           | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

| Outro tipo de acesso             | Número | Percentual |
|----------------------------------|--------|------------|
| -----                            | -----  | -----      |
| 1 = sim                          | 3      | 4,5 %      |
| 2 = não                          | 64     | 95,5 %     |
|                                  | ---    | -----      |
| Total                            | 67     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 % |        |            |

\*\*\*\*\*

| Não há acesso do leitor à coleção | Número | Percentual |
|-----------------------------------|--------|------------|
| -----                             | -----  | -----      |
| 1 = sim                           | 3      | 4,5 %      |
| 2 = não                           | 59     | 88,1 %     |
| 3 = não respondeu                 | 5      | 7,5 %      |
|                                   | ---    | -----      |
| Total                             | 67     | 100,0 %    |
| Casos omissos = 0                 |        |            |
| Percentual de resposta = 100,0 %  |        |            |

O acesso à coleção se faz, em geral, através do bibliotecário ou dos catálogos, o que sugere uma preocupação com a segurança. Das 62 bibliotecas que responderam esse item, 16 permitem o acesso livre às estantes, o que demonstra falta de orientação nesse sentido.

Na pergunta onze foi detectado, nas bibliotecas pesquisadas, que o número de bibliotecários trabalhando com acervo raro em tempo integral é:

- nenhum, em 46 bibliotecas (68,7%);
- um, em 10 bibliotecas (14,9%);
- dois, em 4 bibliotecas (6,9%);
- três ou mais, em 3 bibliotecas (4,5), e quatro bibliotecas não responderam.

Enquanto que o número de bibliotecários em tempo parcial é:

- nenhum, em 24 bibliotecas (35,8%);
- um, em 25 bibliotecas (37,3%);
- dois, em 12 bibliotecas (17,9%);
- três, ou mais, em 2 bibliotecas (3,0%) e quatro bibliotecas não responderam o item (6,0%).

Em relação ao pessoal de apoio em tempo integral, foi constatado:

- nenhum, em 53 bibliotecas (79,1%);
- um, em 7 bibliotecas (10,4%);
- dois, em 1 biblioteca (1,5%);
- três, ou mais, em 2 bibliotecas (3,0%), e quatro bibliotecas não responderam (6,0%).

O pessoal em tempo parcial é:

- nenhum, em 33 bibliotecas (49,3%);
- um, em 18 bibliotecas (26,9%);
- dois, em 6 bibliotecas (9,0%);
- três, ou mais, em 6 bibliotecas (9,0%), e quatro bibliotecas não responderam (6,0%).

\*\*\*\*\*

de-bibliotecários em tempo integral: Número Percentual

|                    | Número | Percentual |
|--------------------|--------|------------|
| 1 = 0              | 46     | 68,7 %     |
| 2 = 1              | 10     | 14,9 %     |
| 3 = 2              | 4      | 6,0 %      |
| 4 = 3 ou mais de 3 | 3      | 4,5 %      |
| 5 = não respondeu  | 4      | 6,0 %      |
| Total              | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Nº de bibliotecários em tempo parcial:      Número      Percentual

|                    | Número | Percentual |
|--------------------|--------|------------|
| 1 = 0              | 24     | 35,8 %     |
| 2 = 1              | 25     | 37,3 %     |
| 3 = 2              | 12     | 17,9 %     |
| 4 = 3 ou mais de 3 | 2      | 3,0 %      |
| 5 = não respondeu  | 4      | 6,0 %      |
| Total              | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Nº de pessoal de apoio integral:      Número      Percentual

|                    | Número | Percentual |
|--------------------|--------|------------|
| 1 = 0              | 53     | 79,1 %     |
| 2 = 1              | 7      | 10,4 %     |
| 3 = 2              | 1      | 1,5 %      |
| 4 = 3 ou mais de 3 | 2      | 3,0 %      |
| 5 = não respondeu  | 4      | 6,0 %      |
| Total              | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

\*\*\*\*\*

Nº de pessoal de apoio parcial:      Número      Percentual

|                    | Número | Percentual |
|--------------------|--------|------------|
| 1 = 0              | 33     | 49,3 %     |
| 2 = 1              | 18     | 26,9 %     |
| 3 = 2              | 6      | 9,0 %      |
| 4 = 3 ou mais de 3 | 6      | 9,0 %      |
| 5 = não respondeu  | 4      | 6,0 %      |
| Total              | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

A pergunta número doze visava levantar se, e de que forma, a automação da coleção de livros raros poderia contribuir para o aperfeiçoamento técnico das outras coleções. Foi verificado que, em três bibliotecas (4,5%), não

trará nenhum benefício; em 15 bibliotecas seria útil uma listagem das obras catalogadas (22,4%); para 3 bibliotecas, deveria ser divulgado o software (4,5%); 4 bibliotecas (6,0%) gostariam de ter assessoria técnica; outras 4 se beneficiariam com a padronização de autoridade; 2 gostariam de ter uma bibliografia especializada (3,0%); para 6 bibliotecas, a automação auxiliaria na seleção de documentos (9,0%); 2 bibliotecas responderam que não sabem (3,0%); 17 não responderam (25,4%) e 11 deram respostas consideradas não relevantes, tais como: sugestões para conservação, para racionalização do uso, facilitará a recuperação, transmitindo a experiência, acervo precisa de restauração, etc.

\*\*\*\*\*

Como a automação da DIORA pode contribuir?

|                          | Número | Percentual |
|--------------------------|--------|------------|
| 0 = não trará benefícios | 3      | 4,5 %      |
| 1 = list. catalogação    | 15     | 22,4 %     |
| 2 = divulg. software     | 3      | 4,5 %      |
| 3 = assessoria técnica   | 4      | 6,0 %      |
| 4 = padr. autoridade     | 4      | 6,0 %      |
| 5 = bibl. especializ.    | 2      | 3,0 %      |
| 6 = seleção de docs.     | 6      | 9,0 %      |
| 7 = não sabe             | 2      | 3,0 %      |
| 8 = não respondeu        | 17     | 25,4 %     |
| 9 = não relevantes       | 11     | 16,4 %     |
| Total                    | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Essa pergunta nos permite fazer uma análise no sentido de perceber que quase metade das bibliotecas não está apta a entender como a automação da DIORA poderia contribuir para o processamento técnico de suas coleções, pois

trará nenhum benefício; em 15 bibliotecas seria útil uma listagem das obras catalogadas (22,4%); para 3 bibliotecas, deveria ser divulgado o software (4,5%); 4 bibliotecas (6,0%) gostariam de ter assessoria técnica; outras 4 se beneficiariam com a padronização de autoridade; 2 gostariam de ter uma bibliografia especializada (3,0%); para 6 bibliotecas, a automação auxiliaria na seleção de documentos (9,0%); 2 bibliotecas responderam que não sabem (3,0%); 17 não responderam (25,4%) e 11 deram respostas consideradas não relevantes, tais como: sugestões para conservação, para racionalização do uso, facilitará a recuperação, transmitindo a experiência, acervo precisa de restauração, etc.

\*\*\*\*\*

Como a automação da DIORA pode contribuir?

|                          | Número | Percentual |
|--------------------------|--------|------------|
| -----                    | -----  | -----      |
| 0 = não trará benefícios | 3      | 4,5 %      |
| 1 = list. catalogação    | 15     | 22,4 %     |
| 2 = divulg. software     | 3      | 4,5 %      |
| 3 = assessoria técnica   | 4      | 6,0 %      |
| 4 = padr. autoridade     | 4      | 6,0 %      |
| 5 = bibl. especializ.    | 2      | 3,0 %      |
| 6 = seleção de docs.     | 6      | 9,0 %      |
| 7 = não sabe             | 2      | 3,0 %      |
| 8 = não respondeu        | 17     | 25,4 %     |
| 9 = não relevantes       | 11     | 16,4 %     |
|                          | -----  | -----      |
| Total                    | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Essa pergunta nos permite fazer uma análise no sentido de perceber que quase metade das bibliotecas não está apta a entender como a automação da DIORA poderia contribuir para o processamento técnico de suas coleções, pois

28 instituições ou não responderam, ou as respostas foram consideradas não relevantes. Tal quadro também nos permite refletir, mais uma vez, sobre como a Biblioteca Nacional deve proceder em relação à orientação fornecida, já que as coleções parecem estar em um estágio inicial de tratamento técnico, necessitando de orientações básicas para a sua organização. Uma listagem de catalogação, que foi o outro item mais requisitado, é o que permite a essas bibliotecas não só padronizar suas entradas e catalogação, como, ao mesmo tempo, selecionar os documentos raros (no caso dos livros raros), o que confirma a dificuldade que essas bibliotecas têm em identificar uma obra rara, principalmente se for o do século XIX ou XX. Além disso, cabe lembrar que poucas devem ser as bibliotecas equipadas com as fontes de referência especializadas e de alto custo para pesquisa e catalogação de livros raros.

A pergunta número quatro, analisada como treze, levantou que 4 bibliotecas têm acervo na área de Religião (6,0%), 8 na área de História (11,9%), 3 na Literatura (4,5%), 1 na de Economia (1,5%), 2 na área de Artes e Zoologia (3,0%) e 4 na área de Direito (6,0%); 26 bibliotecas (38,8%) possuem acervo diversificado, com predominância nas áreas de História, Filosofia, Literatura, Ciências Sociais, Viagens, etc. Doze bibliotecas têm acervos outros nas áreas de Música, Finanças, Tecnologia, Matemática, Genealogia, Botânica, Veterinária, Farmácia, Química, etc. Cinco bibliotecas (7,5%) não responderam essa pergunta do questionário.

\*\*\*\*\*

| Assuntos predominantes nas coleções: | Número | Percentual |
|--------------------------------------|--------|------------|
| -----                                | -----  | -----      |
| 01 = Filosofia                       | 0      | 0,0 %      |
| 02 = C. Sociais                      | 0      | 0,0 %      |
| 03 = Religião                        | 4      | 6,0 %      |
| 04 = História                        | 8      | 11,9 %     |
| 05 = Geografia                       | 0      | 0,0 %      |
| 06 = Literatura                      | 3      | 4,5 %      |
| 07 = Economia                        | 1      | 1,5 %      |
| 08 = Viagens                         | 0      | 0,0 %      |
| 09 = C. Políticas                    | 0      | 0,0 %      |
| 10 = Artes                           | 2      | 3,0 %      |
| 11 = Zoologia                        | 2      | 3,0 %      |
| 12 = Direito                         | 4      | 6,0 %      |
| 13 = Diversos                        | 26     | 38,8 %     |
| 14 = Outros                          | 12     | 17,9 %     |
| 15 = não respondeu                   | 5      | 7,5 %      |
|                                      | -----  | -----      |
| Total                                | 67     | 100,0 %    |

Casos omissos = 0

Percentual de resposta = 100,0 %

Foi detectado, também, que em 11 bibliotecas, os responsáveis por elas e/ou pelos acervos são: advogado, economista, religiosos (4), historiador, professor (3) e um empresário.

## VI. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

### 1. Questionário Aplicado à DIBRA

Como considerações finais, a seguir se apresentam os resultados da pesquisa de campo, não apenas de caráter descritivo, mas também de caráter analítico.

Como se sabe, a DIBRA possui um catálogo de livros e revistas, além de um acervo de periódicos. No entanto, não há um sistema de controle de acesso aos materiais, o que dificulta a localização dos mesmos.

## CAPÍTULO VI

### CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Após a realização da pesquisa de campo, pode-se concluir que a DIBRA possui um acervo de livros e revistas, além de um acervo de periódicos. No entanto, não há um sistema de controle de acesso aos materiais, o que dificulta a localização dos mesmos. Além disso, a DIBRA não possui um sistema de controle de acesso aos materiais, o que dificulta a localização dos mesmos.

Outro fator importante é a falta de um sistema de controle de acesso aos materiais, o que dificulta a localização dos mesmos. Além disso, a DIBRA não possui um sistema de controle de acesso aos materiais, o que dificulta a localização dos mesmos.

## VI. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

### 1. Questionário Aplicado à DIORA

Como considerações finais, e tendo em vista os resultados da presente pesquisa, são oferecidas as recomendações que se seguem.

Como muitos usuários consultam o catálogo da DIOGE antes de ir à DIORA, deve haver compatibilização de entradas entre os catálogos desta e daquela Divisão, assim como dentro do próprio catálogo da DIORA. No início deste estudo pressupôs-se que as fichas provenientes do CALCO pudessem ser arquivadas separadamente em outro catálogo da DIORA; desde o início do corrente ano constatou-se, porém, não ser isto possível, já que essa prática vem sendo desenvolvida há anos, e muitas entradas catalográficas foram alteradas. Sugere-se, pois, que todas as entradas do Catálogo Principal da DIORA sejam atualizadas segundo o AACR2, sendo observadas as remissivas do grande catálogo dicionário da DIOGE. Aconselha-se, ainda, que seja mantido o arranjo existente de autor e título, e assunto, já que a coleção não é tão extensa a ponto de justificar a separação das entradas de autor e título.

Outro fator observado é a realização de entrevistas incompletas e/ou incorretas dos usuários à entrada da Biblioteca, ou em outras divisões, não detectando suas

reais necessidades de informação, que acarreta um encaminhamento errado para a DIORA, onde alguns desses usuários não chegam sequer a consultar o catálogo. É sugerida, para a resolução desse problema, a criação de um eficiente serviço referencial à entrada do edifício para que o usuário possa ser encaminhado à divisão correta da Biblioteca Nacional, ou mesmo à outra biblioteca mais adequada a sua pesquisa.

Com relação às entradas catalográficas, estas devem ser elaboradas com vistas ao usuário já que, para este, não existe uma clara distinção entre colaborador, revisor, autor, entidade coletiva, etc., segundo observação feita durante a pesquisa; a flexibilidade na aplicação das regras de catalogação deve existir, mesmo não havendo concordância total com os códigos vigentes. Dado que a flexibilidade é aconselhada na própria literatura estrangeira - a mesma que elabora os códigos -, a Biblioteca Nacional deveria levar mais em consideração a realidade brasileira e o tipo de público a que serve, e verificar se a obediência aos códigos deve ser integral, já que somos um país em desenvolvimento, de língua portuguesa.

Foi detectado, igualmente, que os usuários precisam ser entrevistados quanto às necessidades de informação, e informados quanto aos serviços que a Biblioteca Nacional/DIORA pode oferecer; além disso, o quadro retrata que a recente modificação do **layout** da divisão pode permitir um acesso mais fácil aos catálogos. Nova sinalização vi-

sual e folhetos informativos contribuiriam, da mesma forma, para que o usuário tivesse um conhecimento melhor desta divisão.

A falta de habilidade no uso do catálogo da DIORA por alguns usuários pode ser melhorada por um atendimento mais ativo e eficiente. Dificuldades quanto à ordem alfabética podem ser minimizadas com a colocação de fichas-guias e a localização confusa pode ser eliminada se esta aparecer longe da data de nascimento e morte do autor. Dificuldades quanto à pouca informação na ficha sobre o conteúdo do livro, que serão abordadas posteriormente, demonstram ser esta nota de enorme importância.

O atual catálogo de assunto da DIORA deve ser melhor sinalizado e atualizado para poder atender aos 97,9% dos usuários que o consideram importante. Quanto aos outros catálogos especiais em fichas, em geral desconhecidos pelos usuários, não há o que se possa fazer, por hora, uma vez que esses catálogos fazem parte de etapas finais do Inventário de Obras e Folhetos da Divisão de Obras Raras, não podendo, ainda, ficar à disposição do público, embora sejam fornecidos sempre que necessário. Alguns catálogos impressos foram recentemente colocados em estante separada na sala de leitura, como forma de melhorar o acesso a outros instrumentos de referência.

Os resultados do presente estudo demonstraram ser o Catálogo Principal um instrumento basicamente identifica-

dor de obras. É sugerido, portanto, que a forma como foi feita a catalogação dos livros desse catálogo seja mantida, e que sejam observados os itens mais importantes para os usuários, já que o catálogo demonstrou ser eficiente anteriormente, e que a tendência da catalogação de obras raras é de simplificação.

Foi, igualmente, observado, que siglas e abreviaturas nas fichas catalográficas confundem o leitor. Sugere-se, para esse problema, a elaboração de um índice das abreviaturas utilizadas (em fichas ou impresso) como guia para os usuários.

Tendo os usuários preferido uma ficha catalográfica com os dados que as fichas do Catálogo Principal possui, tendo cada jogo de ficha, em média, apenas 1 ficha, e atendendo ao usuário da forma satisfatória como atende, sugere-se que sejam mantidos esses critérios para se catalogar os livros do século XVIII do acervo da DIORA daqui por diante, observando-se, principalmente, o tamanho das fichas.

Como foi detectado que a parte do acervo mais utilizada é a composta por obras escritas em língua portuguesa no século XIX, especial atenção deve ser dada a essa coleção, não só no que diz respeito à conservação, já que o papel dessa época é extremamente frágil, mas principalmente quanto à elaboração de um estudo dessa parte da coleção com vistas a complementá-la com itens ainda não existen-

tes, e compondo-se índices e outros instrumentos para busca e recuperação deste material, visto tratar-se de o de maior demanda.

## 2. Planilhas SIAH/DIORA

Com relação às planilhas pelo antigo SIAH e pela DIORA, estas precisam sofrer uma revisão antes de serem colocadas em sistema automatizado. A primeira revisão diz respeito a pequenas atualizações em relação à mudança de códigos ocorrida (do ISBD(A) para o BDRB/LC). Outra revisão que precisa ser feita é em relação à diminuição de algumas notas (tipo de texto, por exemplo) consideradas não relevantes para os usuários, e que em muito sobrecarregam os catálogos, além da substituição das notas nas quais o jargão biblioteconômico foi utilizado por outras de melhor entendimento pelo usuário. Sugere-se, da mesma forma, que sejam retiradas as transcrições das notas de raridade.

A nota de conteúdo é, comprovadamente, importante para os usuários; assim, sugere-se que, ao invés de se reproduzir o conteúdo de um livro em latim, seja esse conteúdo colocado em português para que possa ser compreendido; fazendo-se uma pequena adaptação, essa nota pode ser chamada de nota de resumo. Durante todos esses anos, de 1982 até janeiro de 1990, o Professor Doutor Luis Filipe Barata Monteiro, Especialista em Línguas Clássicas, deu

enorme contribuição para a catalogação dos livros raros da Biblioteca Nacional, não tendo sido aproveitado, porém, para traduzir os conteúdos dos livros com esse objetivo. Para a posição desse professor, que não mais se encontra entre nós, deve ser contratada uma pessoa capaz de realizar as mesmas tarefas, auxiliando, inclusive, na determinação de assuntos de livros em línguas menos comuns. Da mesma forma, os títulos muito extensos devem ser reduzidos, mas sem que se perca o sentido.

Quanto à nota de referência, propõe-se, no caso de haver tempo e pessoal disponível, que sejam alteradas as fontes citadas, e mantidas apenas aquelas que remetam para uma descrição física detalhada da obra catalográfica, de forma que todas as notas que sejam citadas nessa outra fonte possam ser suprimidas da ficha. Também as assinaturas poderiam ser suprimidas e/ou revistas, caso essas sugestões sejam aprovadas pela Biblioteca Nacional.

Recomenda-se, após as alterações acima sugeridas, que as obras relativas aos séculos XVI e XVII sejam inseridas num sistema à parte, que não o CALCO - embora compatível - pelas seguintes justificativas: poucas bibliotecas brasileiras possuem acervo dessa época significativo o suficiente para justificar a inserção do acervo da Biblioteca Nacional no CALCO nesse momento - o índice de consulta seria baixo; o Sistema CALCO ficaria sobrecarregado devido ao nível de detalhamento que essa catalogação requer, sem ter justificativa do uso por outras

bibliotecas; acima de tudo, não parece que a realidade das bibliotecas brasileiras seja a de ter, em médio prazo, computadores para consulta em linha dos livros raros da Biblioteca Nacional. Além disso, existe um projeto de publicação de um catálogo dos séculos XVI e XVII da Divisão de Obras Raras, aguardando parecer da nova Presidência da Fundação Biblioteca Nacional, que permitirá acesso do público, em geral, a esse acervo. Uma outra alternativa poderia ser a desse acervo constituir uma base de dados que fosse acessada pelo CALCO.

Os livros dos séculos XVIII, XIX e XX aguardando tratamento, devem ser catalogados já observando todas as recomendações implementadas quanto à automação e otimização dos serviços oferecidos aos usuários, devido à importância dessa parte do acervo ser inserida no Sistema Bibliodata/CALCO, já que muitas bibliotecas possuem acervo dessa época.

Em assim se fazendo, a Biblioteca Nacional se atualizaria com as novas tendências da catalogação de livros raros - que é a simplificação -, ao mesmo tempo em que seguiria o preceito da BDRB/LC, que diz:

"Not all old and rare books will necessarily require cataloging under these (BDRB/LC) Rules. The general rules for the description of books, pamphlets, and printed sheets (AACR2, Chapter 2) may also be appropriate for cataloging such materials, especially if the publication in hand can be readily identified by a bibliographic reference".

### **3. Catálogo do SIAH**

Em relação ao catálogo do SIAH, como as entradas já foram elaboradas de acordo com o AACR2, sugere-se, apenas, que sejam observadas as recomendações relativas às planilhas, tanto no que diz respeito a alterações decorridas da mudança de código (ISBD(A) para BDRB/LC), como as relativas à diminuição e/ou supressão de algumas notas.

### **4. Questionário Enviado a Outras Bibliotecas do País**

Com relação aos questionários enviados a outras bibliotecas do país, recomenda-se que sejam estudadas as alternativas abaixo, como forma de otimizar o atendimento que a Biblioteca Nacional oferece aos seus outros usuários em obras raras.

Sugere-se, para a divulgação dos procedimentos técnicos adotados pela Biblioteca Nacional, a elaboração de um Manual de Orientação Básica para Organização e Tratamento Técnico de Obras Raras, fornecido quando da assinatura de convênios/treinamentos/estágios firmados. Esse manual conteria informações sobre critérios de raridade, noções gerais sobre livros raros, organização e funções de catálogos de livros raros, localização adequada de acervos, critérios para estabelecimento de transferência de acervo geral para acervo raro, forma de acesso do leitor à cole-

ção, formas de divulgação do acervo, etc., tendo como objetivo dar uma visão geral desse tipo de material.

Em relação ao tipo de acervo de outras bibliotecas, é aconselhado que a Biblioteca Nacional dê continuidade aos treinamentos que oferece para tratamento do acervo dos séculos XVI e XVII. Para isso sugere-se que, primeiramente, seja feito um levantamento da coleção a ser tratada, um perfil da instituição e do profissional a ser treinado. Após o treinamento, sugere-se que haja um período de acompanhamento local para verificação da aprendizagem e aplicação do conhecimento.

Quanto ao treinamento para tratamento das coleções dos séculos XVIII a XX dependerá, de início, da qualificação da mão-de-obra da própria Biblioteca Nacional. Como as áreas mais procuradas pelos usuários da DIORA são as de História, Letras, Artes, etc. (que também coincidem com as coleções de outras bibliotecas), sugere-se que a equipe de obras raras da Biblioteca se especialize nesses assuntos para qualificação profissional, possibilitando o assessoramento a outras bibliotecas. O acervo da DIORA e suas fontes de referência permitem que essas sugestões sejam implantadas. Quanto às outras áreas do conhecimento, sugere-se que a Biblioteca Nacional incentive outras bibliotecas no desenvolvimento de procedimentos adequados, de acordo com sua área de especialização. Caberá à Biblioteca Nacional centralizar esse tipo de informação e divulgar para outras instituições. Estará, dessa forma, a Bibliote-

ca Nacional, descentralizando um pouco as atividades no campo das obras raras, embora mantendo seu papel de centralizadora da informação, ou seja, de Biblioteca Nacional funcionando como centro de referência para outras bibliotecas, como previsto nas novas tendências da literatura recente.

No Manual de Orientação Básica sugerido no início dessa análise, deveriam, também, ser explicados, os objetivos do PLANOR (de acordo com sua Portaria), onde poderiam ser encontradas informações a respeito do Inventário realizado por este plano, já que se optou pelo uso do termo que tem outra conotação no meio biblioteconômico.

Quanto ao problema da catalogação, sugere-se que:

1. O PLANOR entre em entendimentos com os responsáveis das coleções de obras raras de outras bibliotecas, no sentido de recomendar a adoção do código BDRB/LC, permitindo uma padronização a nível nacional com os benefícios advindos.
2. A Biblioteca Nacional reveja melhor a programação para os cursos e treinamentos do PLANOR para melhor adequá-los quanto à carga horária, conforme vem sendo solicitado pelos próprios alunos. Esse treinamento deve ter a duração de, no mínimo, três semanas; o conhecimento da língua inglesa é imprescindível, embora saiba-se não ser esta a realidade dos bibliotecários brasileiros, no geral.
3. A Biblioteca Nacional leve em consideração, nesta programação, os dados já coletados em questionários de avaliação desses cursos.

Quanto à falta de pessoal trabalhando com acervo raro, sugere-se que a Biblioteca Nacional oriente as administrações de bibliotecas no sentido de destinar pelo menos 1 bibliotecário em tempo integral e outro profissional de apoio, mesmo que seja em tempo parcial.

No campo político das obras raras, a fim de racionalizar esforços, aumentar a produtividade, oferecer serviços de qualidade e eliminar problemas de gerenciamento, a Biblioteca Nacional deveria vincular a administração do PLANOR à Divisão de Obras Raras, até mesmo como forma de treinar a equipe do Plano nos diversos serviços de uma seção de obras raras. Não se pode desvincular um curso de tratamento técnico de outro de catálogos especiais, ou estará a Biblioteca Nacional contribuindo para a propagação de um distanciamento entre os serviços técnicos e os de referência.

É evidente o fato de que as bibliotecas nacionais de países desenvolvidos estão reconsiderando suas funções, devido às mudanças ocorridas no mundo moderno e, principalmente, ao fator econômico que afeta a todos, em geral. Nessa nova fase que inicia, a Biblioteca Nacional se encontra no momento ideal para a definição de seus novos objetivos frente à sociedade brasileira, ao mesmo tempo sendo observadas as novas tendências das bibliotecas nacionais de outros países.

## NOTAS

- 1 ANDERSON (1977) p. 645
- 2 WORMANN (1959) p. 280
- 3 Ibidem, p. 274
- 4 ANDERSON (1977) p. 646
- 5 WORMANN (1959) p. 288
- 6 LINE, M. (1980) p. 1
- 7 ANDERSON (1977) p. 651
- 8 LINE, M. (1980) p. 3
- 9 MCHOMBU (1985) p. 234
- 10 LINE, M. (1980) p. 4
- 11 LEMOS (1979) p. 208
- 12 VIEIRA (1983) p. 82
- 13 MCHOMBU (1985) p. 227
- 14 LINE, J. (1989) p. 2
- 15 BANDARA (1987) p. 61
- 16 FOOT (1989) p. 24
- 17 MONTEIRO (s.d.) p. 1
- 18 MONTE-MOR (1987) p. 166

19 BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil) (1984) f. 10

20

FONSECA (1979) p.32

21

MONTE-MOR (1987) p. 168

22

Ibidem, p. 164

23

SAMBAQUY (1961) p. 19

24

MONTE-MOR (1977a) p. 390

25

Ibidem, p. 391

26

MONTE-MOR (1987) p. 169

27

FONSECA (1979) p. 50

28

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil) (1981) p. 250

29

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil) (1983) p. 239

30

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil) (1983), p.305

31

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil) (1986) p. 9

32

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil) (1987) p. 12

33

PARKER (1965) p. 108

34

CUNHA (1984) p. 1

35

MONTEIRO (s.d.) p. 2

36

DIÁRIO OFICIAL (07.11.83)

37

STROUT (1956) p. 262

38

Ibidem, p. 265

39

Ibidem, p. 266

- 40  
FIÚZA (1980) p. 18
- 41  
HICKEY (1977) p. 566
- 42  
Ibidem, p. 567
- 43  
LONDON (1980) p. 262
- 44  
Ibidem, p. 274-275
- 45  
MEY (1987) p. 39
- 46  
Ibidem, p. 49
- 47  
Ibidem, p. 81
- 48  
Ibidem, p. 4
- 49  
KILGOUR (1970b) p. 220
- 50  
Ibidem, p. 225
- 51  
BELANGER, DAVIS (1979) p. 958
- 52  
BELANGER, DAVIS (1980) p. 190
- 53  
BELANGER, DAVIS (1979) p. 955
- 54  
IFLA (1980) p. vii
- 55  
GAUZ (1988a) p. 7
- 56  
GAUZ (1988b) p. 4
- 57  
BELANGER, DAVIS (1980) p. 202
- 58  
DAVIS (1984a) p. 162

- 59 Ibidem, p. 165
- 60 Ibidem, p. 158
- 61 DAVIS (1987) p. 110
- 62 Ibidem, p. 114
- 63 BARBOZA (1978) p. 223
- 64 DAVIS (1987) p. 110
- 65 Mc CARTHY (1988) p. 29
- 66 KRIKELAS (1972) p. 196
- 67 Ibidem, p. 198
- 68 Ibidem, p. 201
- 69 PENALOSA (1956) p. 484
- 70 LANCASTER (1977) p. 30
- 71 GROOSE, LINE (1968) p. 2
- 72 KENNEY (1966) p. 199
- 73 PERRINE (1967) p. 116
- 74 PERRINE (1968) p. 170
- 75 MEY (1987) p. 2
- 76 PIERSON (1964) p. 155
- 77 PERRINE (1967) p. 119

- 78 FIGUEIREDO (1975) p. 179
- 79 BLUH (1984) p. 26
- 80 PIERSON (1964) p. 170
- 81 LUNDY, RENFRO, SHUBERT (1959) p. 171
- 82 BLUH (1984) p. 29
- 83 PIERSON (1964) p. 170
- 84 TAGLIACOZZO, ROSENBERG, KOCHEN (1970) p. 241
- 85 PALMER (1972) p. 13
- 86 AUBRY (1972) p. 409
- 87 SHARMA (1975) p. 5
- 88 LIPETZ (1977) p. 23
- 89 LANCASTER (1977) p. 19
- 90 Ibidem, p. 66
- 91 MALTBY, DUXBURY (1972) p. 260
- 92 MALTBY, SWEENEY (1972) p. 195
- 93 FIÚZA (1980) p. 42
- 94 SWANSON (1972) p. 311
- 95 FIGUEIREDO (1982) p. 197
- 96 Ibidem, p. 200

BIBLIOGRAPHY

- 97 Ibidem, p. 201
- 98 DICKSON, Dorothy. The role of the National Bibliographic  
MEY (1987) p. 5 National Library and its educational  
foundations in organizational practice. Library Trends,  
99 Ibidem, p. 10 144-163, January 1977.
- 100 DICKSON (1984) p. 29
- 101 Ibidem, p. 21 Assoc. Bibliographic Studies, Brasília,  
v. 173-234, Jul./Dec. 1985.
- 102 Ibidem p. 22 Using value of the annual reporting of  
103 Assoc. Bibliographic Studies, v. 92, n. 4, p. 179-183,  
Idem 1972.
- 104 Ibidem, p. 35 Catalog and Catalog Index, n. 70, p. 6,  
Jan. 1971.
- 105 COCHRANE, MARKEY (1983) p. 350  
MACHIDA, S.K. Can university libraries serve the national  
library role in developing countries? In: LIBR. Review  
v. 31, LIME, Joyce, eds. National Libraries London: The  
British Council, 1987. v. 2 (Asian Reader Series, v. 21).
- MACHIDA, S.K. Assoc. Bibliographic Studies, Brasília,  
v. 173-234, Jul./Dec. 1985. 163 p.
- MARION, Ursula. Cataloguing in the National Library  
of the Philippines. International Cataloguing, p. 31-32,  
July/Aug. 1980.
- BELANCOE, Jerry, DEWIS, Stephen Paul. Rare book cataloguing  
& computers. Assoc. Bibliographic Studies, v. 97, p. 585-586,  
Feb. 1979.
- Rare book cataloguing and computers - II. 33  
Bookman's Weekly, v. 43, p. 107-108, Jan. 1980.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Dorothy. The role of the National Bibliographic Centre; the National Library and its bibliographic functions: an organizational problem. Library Trends, v.25, n.3, p. 645-663, January 1977.
- ARONOVICH, Giselda B. et al. Processos de automação na Biblioteca Nacional. Rev. Bibliotecon. Brasília, Brasília, v. 13, n. 2, p.195-204, jul./dez. 1985.
- AUBRY, J.A. A timing study of the manual searching of catalogs. The Library Quarterly, v. 42, n. 4, p.399-415, Oct. 1972.
- BAKEWELL, K.G.B. Catalog use. Catalog & Index, n. 24, p.8, Winter 1971.
- BANDARA, S.B. Can university libraries serve the national library role in developing countries? In: LINE, Maurice B., LINE, Joyce, eds. National Libraries. London: The British Council, 1987 v.2 (Aslib Reader Series, v.6).
- BARBOSA, Alice Príncipe. Novos rumos da catalogação; org., rev. e atual. de Elza Lima e Silva Maia. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978. 245 p.
- BAYLON, Concepcion S. Cataloguing in The National Library of the Philippines. International Cataloguing, p. 31-32, July/Sept. 1980.
- BELANGER, Terry, DAVIS, Stephen Paul. Rare book cataloguing & computers. AB Bookman's Weekly, v. 63, p. 955-966, Feb. 1979.
- . Rare book cataloguing and computers - II. AB Bookman's Weekly, v.65, p. 187-204, Jan. 1980.

BERSANO, M.J., VASCONCELOS, N.M. Produção automatizada dos fichários do público em biblioteca. In: CONGRESSO BRAS. BIBLIOT. E DOC., 9. JORNADA SUL-RIOGRANDENSE DE BIBLIOT. E DOC., 5. Anais, Porto alegre, 1978. V.1, p. 24-35.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Biblioteca Nacional; Guia. Rio de Janeiro, 1984. 27 p.

----- . Relatório da Diretora-Geral, 1988. Rio de Janeiro, 1989. 61 p.

----- . Relatório da Diretora-Geral, 1987. Rio de Janeiro, 1988. 39 p.

----- . Relatório da Diretora-Geral, 1986. Rio de Janeiro, 1987. 27 p.

----- . Relatório da Diretora-Geral, 1985. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, v. 105, p. 155-179, 1986.

----- . Relatório da Diretora-Geral, 1984. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, v. 104, p. 253-284, 1985.

----- . Relatório da Diretora-Geral, 1983. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, v. 104, p. 305-334, 1984.

----- . Relatório da Diretora-Geral, 1982. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, v. 102, p. 235-258, 1983.

----- . Relatório do Diretor da Biblioteca Nacional, 1981. Anais da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, v. 101, p. 243-258, 1981.

- BLUH, Pamela. Truce or consequences: the relationship between technical services and reader services. Technical Services Quarterly, v. 1, n. 3, p. 25-30, Spring 1984.
- BOA-MORTE, Laís da. Cadeira de catalogação e classificação Rio de Janeiro, IBBD, 1960.
- BOOKSTEIN, Abraham. Effect of uneven card distribution on a card catalog. Library Research & Technical Services, v. 19, n. 1, p. 19-23, Winter 1975.
- BRASIL. Portaria nº 19, de 31 de outubro de 1983. Cria o Plano Nacional de Restauração de Obras Raras. Diário Oficial (da República Federativa do Brasil), Brasília, v. 126, n. 213, p. 18.744, 7.nov.1983. Seção 1.
- BROADBENT, Elaine. A study of the use of the subject catalog, Marriott Library, University of Utah. Cataloging & Classification Quarterly, v. 4, n. 3, p.75-83, Spring 1984.
- BRYANT, Phillip, LINE, M. Cataloguing and classification at Bath University Library: on the track of white elephants and golden retrievers. Library Association Record, v. 73, n. 12, p. 225-227, Dec. 1971.
- BURNETT, A.D. Reader failure: a pilot survey. Research in Librarianship, v. 1, n. 6, p. 142-157, June 1967.
- CABRAL, Maria Luísa. Some trends in Portuguese librarianship: the automation of the National Library, Lisbon. International Cataloging, p. 10-1, Jan./Mar. 1987.
- CAVALCANTI, Cordélia Robalinho. Catalogação simplificada. Brasília, Universidade de Brasília, 1970. 161 p.

COCHRANE, P., MARKEY, K. Catalog use studies - since the introduction of online interactive catalogs: impact on design for subject access. LISR, v. 5, p. 337-363, 1983.

CUNHA, Lygia da F.F. da. Critérios empregados para a qualificação de livros raros. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1984. 1 fl.datilografada.

DAVIS, Stephen Paul. Bibliographic control of special collections; issues and trends. Library Trends, v. 36, n. 1, p. 109-124, Summer 1987.

----- Computer technology as applied to rare book cataloguing. IFLA Journal, v. 10, n.2, p. 158-169, 1984.

----- Recent work in automation and rare books. In: RARE BOOKS 1983-84; trends, collections, sources. New York, and London, R.R. Bowker Company, 1984. p. 109-120.

DAWSON, John M. A brief history of the technical services in libraries. Library Resources and Technical Services, v. 6, n. 3, p. 197-204, Summer 1962.

----- The Library of Congress: its rôle in cooperative and centralized cataloguing. Library Trends, v. 16, n. 1, p. 85-96, July 1967.

DIAS, Antonio Caetano. Elementos de catalogação. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Bibliotecários, 1967. 122 p. (Coleção Didática n. 1).

DICKSON, Jean. An analysis of user errors in searching an online catalog. Cataloging & Classification Quarterly, v. 4, n. 3, p. 19-38, Spring 1984.

DOLBY, J.L., FORSYTH, V.J. An analysis of cost factors in maintaining and updating card catalogs. Journal of Library Automation, n. 2/4, p. 218-241, Dec. 1969.

DUBESTER, H. Studies related to catalog problems. Library Quarterly, v. 34, p. 97-105, jan. 1964.

EYRE, John J. O impacto da automação nas bibliotecas - uma revisão. Trad. de Eduardo José Wense Dias. Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 8, n.1, p. 51-57, 1979.

FERREIRA, Carminda N.de C. Biblioteca pública é biblioteca escolar? Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 11, n. 1/2, p. 9-16, jan./jun. 1978.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. A conceptual methodology for error prevention in reference work. Tallahassee, Florida; Florida State University/SLS, 1975. 306 p.

----- . Aplicação de computadores em bibliotecas: estudo comparativo entre países desenvolvidos e o Brasil. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 14, n.2, p. 227-244, jul./dez. 1986.

----- . Estudos de uso de catálogo. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 193-208, set. 1982.

FIÚZA, Marysia Malheiros. Estudo das funções do catálogo da Biblioteca Central do SESC. Belo Horizonte, s. ed., 1980. 102 p.

FONSECA, Edson Nery da. A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, INL, 1979. 112 p.

FOOT, Mirjam M. Rare book collections under constraint; a librarian's point of view. In: IFLA COUNCIL AND GENERAL CONFERENCE, 55. Paris, 12-26 Aug. 1989, p. 23-25 (55 - Rare 1-E).

FREEDMAN, Maurice J. The automation of cataloging - 1976. Library Trends, v. 25, n.3, p. 703-721, Jan. 1977.

FREEDMAN, Maurice T., MALINCONICO, S. Michael. The nature and future of the catalog. In: ALA'S INFORMATION SCIENCE AND AUTOMATION DIVISION'S 1975 AND 1977 INSTITUTES ON THE CATALOG. Proceedings. London, Oryx Press, 1979. 317 p.

GAUZ, Valeria. Rare book cataloging; a survey. In: Trabalho apresentado, Columbia University, 1988. 29 p.

-----The Library of Congress and retrospective conversion of rare books; a brief study. In: Trabalho apresentado, Columbia University, 1988, 19 p.

GORMAN, Michael. Bibliographical data in national bibliography entries; a report on descriptive cataloguing made for UNESCO & IFLA. Document for examination n. 2. Copenhagen, IFLA, 1969. 23 p.

GROSE, M. W., LINE, M.B. On the construction and care of white elephants; some fundamental questions concerning the catalogue. The Library Association Record, v. 70, n. 1, p. 2-5, 1968.

GULL, C.D. How will electronic information systems affect cataloging rules. Library Resources and Technical Services, v. 5, n. 2, p. 135-139, Spring 1961.

HAFTER, Ruth. Type of search by type of library. Information Processing Management, v. 15, n. 5, p. 261-264, 1979.

HICKEY, Doralyn J. The search for uniformity in cataloguing: centralization and standardization. Library Trends, v. 25, n. 3, p. 565-586, Jan. 1977.

HUSE, Roy. Computer catalogues in public libraries. Library Association Record, v. 83, n. 5, p.237-238, May 1981.

IFLA. ISBD(A): International Standard Bibliographic Description for Older Monographic Publications (Antiquarian). Inglaterra, 1980. 59 p.

KENNEY, Laraine. The implications of the needs of users for the design of a catalogue: a survey at the International Labour Office. Journal of Documentation, v. 22, n. 3, p. 195-202, Sept. 1966.

KILGOUR, Frederick G. Concept of an online computerized library catalog. Journal of Library Automation, v. 3, n. 1, p. 1-11, Mar. 1970.

----- History of library computerization. Journal of Library automation, v. 3, n. 3, p. 218-229, Sept. 1970.

KRIKELAS, J. Catalog use study and their implications. In: ADVANCES in Librarianship. New York, Summer Press, 1972. p. 195-220.

LANCASTER F.W. Studies of catalog use. In: ----- The measurement and evaluation of library services. Washington, Information Resources Press, 1977. p.19-72.

LEMOS, Antonio A. Briquet de. A Biblioteca Pública em face da demanda social brasileira. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 12, n. 3/4, p. 203-210, jul./dez.1979.

LIBRARY ASSOCIATION. The development of national library and information services. In: INTERNATIONAL WORKSHOP, 1. London, 1981. Papers given at th first Library. London, Association International Workshop, 1981, 202 p.

LIMA, M.L.A. Uso do catálogo como fonte de acesso à informação numa biblioteca universitária. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2. Rio de Janeiro, 1978. Anais. Rio de Janeiro, IBICT, 1978. p.769-776.

LINE, Joyce. National libraries around the world 1987-88: a review of the literature. Alexandria; the journal of natural & international library and information issues, v. 1, n. 1, p. 1-22, May 1989.

LINE, Maurice B. The role of National Libraries: a reassessment. Libri, v. 30, n.1, p. 1-16, Mar. 1980.

LINE, Maurice B., LINE, Joyce, eds. National Libraries London: The British Council, 1987, v.2, p. 3, 395 (Aslib Reader Series, v.6).

LIPETZ, B.A. Catalog use in a large research library. Library Quarterly, v. 42, n. 1, p. 129-139, Jan. 1972.

----- The library catalog: evaluations and use studies. In: LANCASTER, F.W., CLEVERDON, C.W. eds. Evaluation and scientific management of libraries and information centers. Leyden, Noordhoff, 1977. p. 13-26.

----- A quantitative study of catalog use. In: CARROLL, D.F. ed. Proceedings of the 1969 Clinic on library applications of data processing. Bingley, 1970. p.42-9.

LIPETZ, B., STANGL, P., TAYLOR, K. Performance of Ruecking's word - compression method when applied to machine retrieval from a library catalog. Journal of Library Automation, v. 2/4, p. 266-271, Dec. 1969.

LONDON, Gertrude. The place and role of bibliographic description in general and individual catalogues: a historical analysis. Libri, v.30, n.4, p. 253-269, 1980.

LUBETZKY, Seymour. The library catalog: focus on form. Library Resource and Technical Services, v. 8, n. 3, p. 317-322, Summer 1964.

LUNDY, Frank A., RENFRO, Kathryn R., SHUBERT, Esther M. The dual assignment: cataloging and reference: a four-year review of cataloging in the Divisional Plan. Library Resources and Technical Services, v. 3, n. 3, p. 167-187, Summer 1959.

MACHADO, Iara Conceição Neves. Abordagem ao estudo do AACR2. Porto alegre, Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 1983. 22 p.

MALINCONICO, S.M., FASANA, P.J. The future of the catalog: the librarian's choices. New York, Knowledge Industry Publications, 1979. 133 p.

MALTBY, A. Measuring catalogue utility. Journal of Librarianship, v. 3, n. 3, p. 180-189, July 1971.

MALTBY, A., DUXBURY, A. Description and annotation in catalogues: reader requirements. New Library World, v. 73, n. 862, p. 260-262, 278, Apr. 1972.

MALTBY, A., SWEENEY, R. The U.K. catalogue use survey. Journal of Librarianship, v. 4, n.3, p. 188-204, 1972.

MARTINS, Marlene. Seção de Obras Raras. Rio de Janeiro, BN/DRE, (s.d.). 9 f. datilografado.

MATHESON, Ann. Conspectus in the Kingdom. Alexandria; the Journal of national & international library and information issues, v. 1, n. 1, p. 51-59, May 1989.

Mc CARTHY, Cavan Michael. Iniciando a automação de uma biblioteca brasileira: uma comparação de estratégias comparativas. Ciência da Informação, Brasília, v. 17, n. 1, p. 27-38, jan./jun.1988.

Mc CRANK, Lawrence J. The bibliographic control of rare books: phased cataloging, descriptive standards, and costs. Cataloging & Classification Quarterly, v. 5, n.1, p. 27-51, Fall 1984.

MCHOMBU, K.J. Alternatives to the National Library in less developed countries. Libri, v. 35, n. 3, p. 227-249, 1985.

MEETING OF DIRECTORS OF NATIONAL LIBRARIES, 2. Oslo, 12-13 August 1975. International Library Review, v. 8, n. 1, p. 233-235, Jan.1976.

MEY, Eliane Serrão Alves. Catálogo e descrição bibliográfica: contribuições a uma teoria. Brasília. ABDF, 1987. 201 p.

MONTEIRO, Iracema. Histórico da Seção de Livros Raros. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional (s.d.) 12 f. Datilografado.

MONTE-MÓR, Jannice. A Biblioteca Nacional e o Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7. Belém, 29 jul/04.ago.1975. Anais. Rio de Janeiro, IBICT, 1977. p. 339-401.

----- Bibliotecas nacionais e atividades de pesquisa. Revista de Biblioteconomia de Brasília, Brasília, v. 5, n. 1, p. 417-432, jan./jun. 1977.

----- Patrimônio bibliográfico e a problemática das bibliotecas nacionais. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico nacional, v. 22, p. 163-170, 1987.

OLIVEIRA, Sonia Bitti. Papel do processamento técnico na prestação de serviços ao usuário; palestra, 4 a 8 de maio de 1987. Rio de Janeiro, SENAI, 1987.

- PALMER, Richard P. Computerizing the card catalog in the University Library; a survey of user requirements. Littleton/Colorado, Libraries Unlimited Inc., 1972. 141 p.
- PARKER, John. The rare book library and the public. RARE book collections. ACRL Monographs, v. 27, p. 108-21, 1965.
- PARKER, Ralph H. What every librarian should know about automation. Wilson Library Bulletin, v. 38, n. 9, p. 752-754, May 1964.
- PENALOSA, F. The card catalog: a failure in communication College and Research Libraries, v. 17, p. 483-85, Nov. 1956.
- PERRINE, Richard H. Causes and cures: catalog use difficulties. RQ, v. 7, n. 4, p. 169-174, Summer 1968.
- The imperfect key; catalog use study. RQ, v. 6, n. 3, p. 115-119, Spring 1967.
- PIERSON, Robert M. The reference function of the catalog. Library Resources and Technical Services, v. 8, n. 2, p. 153-186, Spring 1964.
- POINDRON, Paul. Preparation for the International Conference on the Principles of Cataloging, Paris, 1961. Library Resources and Technical Services, v. 5, n. 3, p. 225-237, Summer 1961.
- RADFORD, N.A. Failure in the library - a case study. The Library Quarterly, v. 53, n. 3, p. 328-39, July 1983.
- RATHER, John. Tradition-bound demands on the catalog. Journal of Cataloging and Classification, v. 11, n.4, p. 175-180, Oct. 1955.

- REES, Alan M. New bottles for old wine: retrieval and librarianship. Wilson Library Bulletin, v. 38, n. 9, p. 773-779, May 1964.
- REICHMANN, Felix. The catalog in European libraries. The Library Quarterly, n. 34, n. 1, p. 34-56, Jan.1964.
- ROLLAND-THOMAS, Paule. AACR2: one step towards an international code. Cataloging and Classification Quarterly, v. 3 n. 4, p. 45-49, Summer 1983.
- ROSENTHAL, Joseph A. Planning for the catalogs: a managerial perspective. Journal of Library Automation, v. 11, n. 3, p. 192-205, Sept. 1978.
- SAMBAQUY, Lydia de Queiroz. A eletrônica nas bibliotecas e arquivos. Forum Educacional. Rio de Janeiro, v. 7, n.3 p. 14-30, jul./set.1983.
- . A missão das bibliotecas nacionais. Revista do Serviço Público, abr./jun. 1961.
- SCOTT, A. A catalog use: the staff user's viewpoint. Catalog & Index, v. 38, p. 8-9, Autumn 1975.
- SHARMA, C.D. Catalog use study in Some of the Indian University Libraries. Indian Journal of Library Science v. 1, n. 1-2, p. 4-12, Mar./June 1975.
- SHERA, Jesse H. Automation without fear. Ala Bulletin, v. 55, n. 9, p. 787-794, Oct. 1961.
- SIMMONS, Peter. Studies in the use of the catalog in a public library. Canadian Library Journal, v. 31, n. 4, p. 323-324, 330-337, Aug. 1974.
- SPALDING, C.S. The use of catalog entries at the Library of Congress. Journal of Cataloging and Classification, v. 5, p. 95-100, Fall 1950.

- STEIN, Theodore. Automation & library systems. Library Journal, v. 89, n. 13, p. 2723-2734, July 1964.
- STROUT, Ruth French. The development of the catalog and cataloging codes. The Library Quarterly, v. 26, n. 4, p. 254-275, Oct. 1956.
- SWANSON, D.R. Dialogues with a catalog. The Library Quarterly, v. 34, n. 1, p. 113-125, Jan. 1964.
- Requirements study for future catalogs. The Library Quarterly, v. 42, n. 3, p. 302-315, July 1972.
- TAGLIACOZZO, R., KOCHEN, M. Information seeking behavior of catalog users. Information Storage Retrieval, v. 6, p. 363-381, 1970.
- TAGLIACOZZO, R., ROSENBERG, L. and KOCHEN, M. Access and recognition: from user's data to catalog. Journal of Documentation, v. 26, n. 3, p. 230-249, Sept. 1970.
- TAIT, James A. The Anglo-American Cataloging Rules, 1967. Library Review, v. 21, n. 2, p. 69-74, Summer 1967.
- TAZIMA, Ivete H. Microinformática em bibliotecas especializadas e universitárias em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Brasília (s.d.) 1988. 274 p.
- TOMAS III, John B. The necessity of standards in an automated environment. Library Trends, v. 36, n. 1, p. 125-139, Summer 1987.
- VICKERY, B.C. Bibliographic description, arrangement, and retrieval. The Journal of Documentation, v. 24, n. 1, p. 1-15, Mar. 1968.

VIEIRA, Anna da Soledade. Repensando a Biblioteconomia. Ciência da Informação, Brasília, v. 12, n. 2, p. 81-85, jul./dez. 1983.

WEBER, David C. The changing character of the catalog in America. The Library Quarterly, v. 34, n. 1, p. 20-33, Jan. 1964.

WORMANN, Curt D. National libraries in our time; the UNESCO Symposium on national libraries in Europe. Libri v. 9, n. 4, p. 273-307, 1959.

YEE, Martha M. Attempts to deal with the "crisis in cataloging" at the Library of Congress in the 1940's. The Library Quarterly, v. 57, n. 1, p. 1-31, Jan. 1987.

## ANEXOS

- 1) Questionário aplicado aos usuários da Divisão de Obras Raras
- 2) Carta enviada a outras bibliotecas do país
- 3) Questionário enviado a outras bibliotecas do país
- 4) Relação das Bibliotecas contatadas
- 5) Proposta de trabalho do PLANOR - 1989
- 6) Modelos de planilhas

9. DE CATALOGO

Obteve sucesso na busca?

- 1. --- sim. Como encontrou a obra no catalogo?
  - 2. .... autor. Tem ficha de titulo 3..... sim
  - 4..... não
  - 5. .... titulo. Tem ficha de autor 6..... sim
  - 7..... não
  - 8. .... assunto
  - 9. .... outro : -----

10. --- não

Teve alguma dificuldade no uso do catalogo?

- 1. --- não
- 2. --- sim. Qual?
  - 3. .... ordem alfabetica
  - 4. .... falta entrada de autor
  - 5. .... falta entrada de titulo
  - 6. .... entrada confusa
  - 7. .... n. de chamada incorreto ou confuso
  - 8. .... outro: -----
  - 9. .... o leitor trouxe informação incompleta
  - 10. .... falta habilidade no uso do catalogo
  - 11. .... interpretação incorreta dos dados da ficha
  - 12. .... outros: -----

Considera importante um catalogo de assunto?

- 1. --- sim
- 2. --- não
- 3. --- em alguns casos
- 4. --- que? -----

5. Conhece outros catalogos da seção?

- 1. --- tipografia
- 2. --- coleções especiais
- 3. --- Brasiliana
- 4. --- séculos XVI e XVII
- 5. --- catalogos impressos (biblias, incunabulos)
- 6. --- Camões
- 7. --- não conhece outros catalogos

11. FORMA DA FICHA

1. Além dos itens da ficha que foram utilizados no preenchimento do formulário de empréstimo, você se lembra de ter lido outros itens?

- 1. --- localização (1)
- 2. --- autor (2)
- 3. --- data de nascimento e morte do autor (3)
- 4. --- título (4)
- 5. --- subtítulo (5)
- 6. --- coautor (6)
- 7. --- tradutor (7)
- 8. --- edição (8)
- 9. --- local de publicação (9)
- 10. --- editor (10)
- 11. --- data de publicação (11)
- 12. --- paginação (12)
- 13. --- ilustração (13)
- 14. --- tamanho (14)
- 15. --- formato (15)
- 16. --- notas (16)
- 17. --- assunto (17)
- 18. --- conteúdo (18)
- 19. --- outro (19)
- 20. --- não lembra de ter lido nenhum outro item (20)

12. Você leu as notas na ficha?

- 1. --- não
- 2. --- sim. Quais?.....

13. Que itens você não compreendeu na ficha?

14. Imagine um catálogo simplificado. Se as fichas tivessem apenas 4 itens (autor, título, data e localização), você seria capaz de encontrar o que procura, ou sua pesquisa seria frustrada?

- 1. --- sim, encontraria o que procuro num catálogo simplificado
- 2. --- não encontraria o que procuro.  
    Enuncie os itens que devem fazer parte da ficha  
    .....  
    --- encontraria, mas acho que deveria ter mais  
    informação?.....

SEÇÃO

Considera importante uma estante de referência, com  
diários, enciclopédias, etc. à disposição para uso na seção?

- 1. --- sim
- 2. --- não
- 3. --- não sabe

Qual o assunto que pesquisou?.....

em que língua?.....

- 1. --- português
- 2. --- inglês
- 3. --- francês
- 4. --- espanhol
- 5. --- outras:.....

Qual a data da obra pesquisada?

- 1. --- 1950-89
- 2. --- 1900-49
- 3. --- 1800-99
- 4. --- 1700-79
- 5. --- 1600-99
- 6. --- 1500-99
- 7. --- anterior a 1500

CHARACTERIZAÇÃO DO USUÁRIO

Profissão:.....

Funcionário da BN

- 1. --- sim
- 2. --- não

Nível Educacional

- 1. --- graduação incompleta
- 2. --- graduação completa
- 3. --- pós-graduação

Área de atuação:.....

Nacionalidade

- 1. --- brasileiro
- 2. --- outro:.....

Residência

- 1. --- Rio de Janeiro
- 2. --- outro:.....

Finalidade da pesquisa

- 1. --- pesquisa própria
- 2. --- trabalho de curso
- 3. --- graduação
- 4. --- pós-graduação
- 5. --- elaboração de aula
- 6. --- pesquisa para terceiros
- 7. --- publicação
- 8. --- outro: \_\_\_\_\_

Sexo

- 1. --- feminino
- 2. --- masculino

Idade

- 1. --- 18-30
- 2. --- 31-50
- 3. --- +50

~~TIPAO~~

- ~~1. --- mania~~
- ~~2. --- cargo~~

SERVAÇÕES GERAIS: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Rio de Janeiro, abril de 1989

Mo. (a) Sr. (a) Responsável pelo Acervo Raro

Estamos enviando esse questionário às bibliotecas cadastradas no PNOR - Plano Nacional de Restauração de Obras Raras- da Biblioteca Nacional, com o objetivo de levantar dados que permitam, de forma padronizada, verificar o quadro da situação da Seção e, principalmente, do processamento técnico do acervo de livros raros nas mais importantes bibliotecas do país.

Dados obtidos através desse levantamento têm por finalidade servir de base para Dissertação de Mestrado do Curso de Ciência da Informação do IBICT/UFRJ, cujo tema envolve considerações sobre o catálogo da Seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional em relação à automação e ao usuário.

Assim sendo, gostaríamos de contar com sua imprescindível participação nessa pesquisa que é de interesse para a Biblioteca Nacional, visto que irá fornecer subsídios para uma crescente interação entre esta biblioteca e as demais bibliotecas mantenedoras de acervo raro no Brasil. O questionário em anexo será ser remetido, tão rápido quanto possível, ao endereço abaixo, fazendo uso do envelope selado.

Agradecemos antecipadamente a atenção que vier dispensar a esta solicitação.

Valéria Cruz  
Biblioteca Nacional  
Seção de Obras Raras  
Av. Rio Branco, 219/30, andar  
Rio de Janeiro 20042

Levantamento da situação das coleções de obras raras em  
bibliotecas brasileiras

estudos para elaboração de Dissertação de mestrado em Ciências  
da Informação do IBICT/UFRRJ - 1989

IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO

Existe algum critério para identificação do material raro em  
a biblioteca?

1. --- não
2. --- sim. Qual?
  3. --- regimento interno da biblioteca ou instituição
  4. --- critério verbal
  5. --- critérios em elaboração
  6. --- outro: \_\_\_\_\_

Tamanho aproximado do acervo raro: 

1. \_\_\_\_\_ volumes
2. \_\_\_\_\_ títulos
3. --- não pode ainda avaliar

Possui obras raras dos séculos 

|              |                 |
|--------------|-----------------|
| 1. --- XV    | 5. --- XIX      |
| 2. --- VI    | 6. --- XX       |
| 3. --- XVII  | 7. --- não sabe |
| 4. --- XVIII |                 |

Assuntos predominantes: \_\_\_\_\_

As obras raras estão localizadas

1. --- em estante ou saia separadas do acervo geral
2. --- junto com o acervo geral

TRATAMENTO TÉCNICO

Existe algum tipo de tratamento técnico?

1. --- não
2. --- sim. Qual?      3. --- inventário      5. --- catalogação
4. --- registro      6. --- classificação
7. --- outros:-----

EXISTE CATALOGAÇÃO. por favor responda às perguntas 7, 8 e 9

de item II.

As obras raras estão catalogadas segundo

1. --- AACR (Anglo-American Cataloging Rules)
2. --- AACR2 (Anglo. 2a edição)
3. --- Vaticana
4. --- ISBD(A)-International Standard Bibliographic Description for Older Monographic Publications (Antiquarian)
5. --- BDRB - Bibliographic Description of Rare Books
6. --- outros:-----

Existem obras ainda não catalogadas?

1. --- não
2. --- sim:      3. --- menos de 20% da coleção de obras raras
4. --- de 20% a 40% da coleção de obras raras
5. --- de 40% a 60% da coleção de obras raras
6. --- de 60% a 90% da coleção de obras raras

As fichas catalográficas desta coleção estão arquivadas

- 1. --- no catálogo da coleção geral
- 2. --- em catálogo separado
- 3. --- em sistema computadorizado
- 4. --- outro: \_\_\_\_\_

Qual a forma de acesso do leitor à coleção?

- 1. --- através do catálogo geral
- 2. --- através do catálogo de livros raros
- 3. --- na estante onde se encontram os livros raros
- 4. --- através de bibliografia publicada com as localizações
- 5. --- através de listagem
- 6. --- através do bibliotecário
- 7. --- não há acesso do leitor à coleção
- 8. --- outro: \_\_\_\_\_

-----

Quantos membros do quadro de pessoal trabalhando com acervo raro

|                  | Quantos  | Quantos em tempo integral |
|------------------|----------|---------------------------|
| bibliotecários   | 1. ----- | 2. -----                  |
| pessoal de apoio | 3. ----- | 4. -----                  |

CONSIDERAÇÕES GERAIS

De que forma a automação da catalogação da Seção de Obras da Biblioteca Nacional pode contribuir para o aperfeiçoamento do tratamento técnico de sua coleção?

-----  
-----  
-----  
-----  
-----  
-----

Outras considerações:

-----  
-----  
-----  
-----

DADOS DE QUEM PREENCHEU O QUESTIONÁRIO

Nome: -----  
Instituição: -----  
Cargo: -----  
Profissão: -----

a. Sra. Raquel Sturlina - Diretora  
- Conjunto das Quimicas - Biblioteca

Postal 20.786  
504 - C. Universitaria  
Paulo - SP

a. Sra. Sandra Tokarevicz  
- Comunicacoes e Artes-USP/Biblioteca

Prof. Lucio Martim Rodrigues, 443  
508 - C. Universitaria  
Paulo - SP

a. Sra. Ana Maria de Campos Lamin  
- Educacao Fisica - USP - Biblioteca

Prof. Nello Moraes, 65  
508 - C. Universitaria  
Paulo - SP

a. Sra. Ariene M. Cosmos  
- Enfermagem - Biblioteca - USP

Postal 5751  
403 - C. Universitaria  
Paulo - SP

a. Sra. Dir. Maria Alice F. Carreira  
- Politecnica - Biblioteca - USP

Postal 61.548  
508 - C. Universitaria  
Paulo - SP

a. Sra. Maria Elizabeth de Carvalho  
- Campus USP - Piracicaba/Biblioteca

Padua Dias, 11 - Cx. Postal 9  
1400 - Piracicaba - SP

a. Sra. Eliane de Azevedo Marques  
- Faculdade de Arquitetura Urbana - USP  
- Biblioteca  
- Lago, 876  
1508 - C. Universitaria  
- Santa - SP

a. Sra. Giacomina Faldini  
Bibliotecária do Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Direito - USP - Biblioteca  
Rua de São Francisco, 95/1º andar  
055 - São Paulo - SP

a. Sr. Marina S. Almeida  
Bibliotecária Técnica  
Faculdade de Educação - USP - Biblioteca  
055 - Cx. Postal 30.303  
058 - C. Universitária  
São Paulo - SP

a. Sra. Lucia Kawahara - Biblioteca  
Faculdade de Economia e Administração - USP  
Prof. Luciano Gualberto, 980  
058 - C. Universitária - SP

a. Sra. Eliana Rotolo - Biblioteca  
Faculdade de Filosofia, Letras, C. Humanas - USP  
Faculdade de Administração  
Rua do Lago, 317 - Cx. Postal 8.105  
058 - C. Universitária - SP

a. Sra. Clara Aparecida de A. Poli  
Faculdade de Medicina, Veterinária e Zootecnia  
Biblioteca  
Rua Lucio Martins Rodrigues, 399 Trav. 4  
058 - C. Universitária - A.S.O.  
São Paulo - SP

a. Sra. Regina Celia B. Belluzzo  
Biblioteca  
Faculdade de Odontologia de Bauru - USP  
Cx. Postal 73  
13049 - Bauru - SP

a. Sra. Marly Galves F. da Rocha  
Faculdade de Odontologia - USP - Biblioteca  
Prof. Lineu Prestes, 2.227  
058 - C. Universitária - SP

a. Sra. Maria Teresinha D. de Andrade  
Faculdade de Odontologia - USP - Biblioteca

Dr. Arnaldo, 715  
255 - Sao Paulo - SP

Sra. Irene Ines Pereira  
Biblioteca  
Instituto Astronomico e Geofisico - USP  
Postal 30.627  
051 - Sao Paulo - SP

Sra. Enilda de Andrade  
Instituto de Biociencias - USP  
Biblioteca  
Av. 14, 101  
508 - C. Universitaria - SP

Sr. Olimpio Jorge de Medeiros  
Biblioteca  
Instituto de Ciencias Biomedicas - Bibli.  
Prof. Lineu Prestes, 1524  
508 - C. Universitaria - SP

Sra. Chefe Biblioteca  
Sra. Itlana Causin - Diretora  
Instituto de Estudos Brasileiros - USP  
Prof. Celso Moraes, 1235/B1. D-Bibl  
508 - C. Universitaria - SP

Sra. Thereza Giacoli Quadrelli  
Instituto de Fisica - USP / Biblioteca  
Av. R, 1877 - Ed. Basilio Jafet  
508 - C. Universitaria - SP

Sra. Dulce Erminia W. Tonello  
Instituto de Geociencias - USP  
Biblioteca  
Av. 5, 109 - B1. 19  
508 - C. Universitaria - SP

Sra. Elizabete Vasco Oliveira  
Instituto Matematica e Estatistica - USP  
Biblioteca  
Postal 20.570

a. Sra. Maria Celisa de M. Zapparoli  
stituto Oceanografico - USP  
Biblioteca  
ca do Oceanografico, 191  
508 - C. Universitaria - SP

a. Sra. Oriz Shapiro Kremer  
stituto de Psicologia - USP  
Biblioteca  
Prof. Nello Moraes, 1721 Bl. E  
508 - C. Universitaria - SP

a. Sra. Myrian Petrossi Rosa  
Biblioteca  
stituto de Pre-Historia - USP - Bibl.  
Prof. Nello Moraes, 1235 - Bl. D  
508 - C. Universitaria - SP

a. Sra. Celia Maria de Sant'Anna  
Biblioteca  
Rua Paulista - USP - Biblioteca  
Rua Independencia, s/n.  
299 - Sao Paulo - SP

a. Sra. Maria Regina de M. Ferreira  
Biblioteca  
stituto de Zoologia - USP - Biblioteca  
Rua Nazareth, 481 - Ipiranga  
263 - Sao Paulo - SP

Mo. Sr. diretor - Museu de Literatura  
Fundacao Casa de Rui Barbosa  
Rua Sao Clemente, 134  
2260 - Rio de Janeiro - RJ

a. Sra. M. Amelia Freitas Oliveira  
Fundacao Universidade do Piaui

campus Universitario Ininga - Biblioteca  
1.000 - Teresina - PI

Mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Pública Abdias Neves  
Rua Joao Luis Ferreira, 1373  
020 - Teresina - PI

Mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Jezemo. Cromwell Carvalho  
Rua Demostenes Avelino, 1788  
020 - Teresina - PI

Sra. Sra. Diretora  
Rua Pinheiro de Medeiros  
Biblioteca Publica Camara Cascudo  
1 Potengi, s/n.  
020 - Natal - RN

Mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Publica de Macapa  
Rua Mendoca Furtado, s/n.  
900 - Macapas - AP

Mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Publica Dr. Jose Pontes Pinto  
Rua Farquar, s/n.  
900 - Porto Velho - RO

Mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Municipal Francisco Meireles  
Rua Jose Bonifacio, s/n.  
900 - Porto Velho - RO

Sra. Sra. Diretora  
Rua Turdete de C. Martins  
Biblioteca Publica de Roraima  
Centro Civico Joaquim Nabuco, 202  
9300 - Boa Vista - Roraima

Mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Municipal de Uiteria

Jeronimo Monteiro, 352  
010 - Vitoria - ES

Mo. Sr. Presidente Luis Medeiros Netto  
stituto Historico e Geografico Alagoas

Joao Pessoa, 382/1# andar  
020 - Maceio - AL

Mo. Sr. Diretor Tecnico  
yme L. de Alta Vila  
blioteca Publica Estadual  
a. D. Pedro II - Palacio B. de Jaragua  
000 - Maceio - Al

Mo. Sr. Diretor  
stituto Historico-Geografico Paraibano  
a Barao do Abiay, 44  
020 - Joao Pessoa - PB

Mo. Sr. Diretor  
blioteca Publica do Estado da Paraiba  
a General Osorio, 253  
000 - Joao Pessoa - PB

Sma. Sra. Silvana Maria de C. Pinto  
stituto do Ceara  
a Barao do Rio Branco, 1594  
025 - Fortaleza - CE

Mo. Sr. Diretor  
blioteca Municipal Dolor Barrera  
Duque de Caxias, 508  
035 - Fortaleza - CE

Sma. Sra. Resp. Maria Ligia Vidal Fontenelle  
b. Publica Governador Menezes Fimentel  
y. Presidente Castelo Branco, 255

Mo. Sr. Diretor  
Programa de Obras Raras  
Fundacao Universidade do Acre  
Universitario, BR 364 - Biblioteca  
69000 - Rio Branco - AC

Mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
Fundacao Cultural do Estado do Acre

Rua Rio Grande do Sul, s/n.  
69000 - Rio Branco - AC

Mã. Sra. Diretora  
Rua de Fatima do Nascimento  
Biblioteca Publica do Estado do Acre  
Getulio Vargas, 495  
69000 - Rio Branco - AC

Mã. Sra. Maria de Lourdes O. Mendes  
Arquivo Publico do Estado do Maranhao

Rua de Nazare, 218  
65000 - Sao Luis - MA

Mã. Diretora Maria das Gracas Fontoura  
Universidade Federal Maranhao  
Biblioteca

Campus Universitario do Bacanga  
65000 - Sao Luis - MA

Mã. Sra. Eulina **S**ilva de Souza  
Chefe Secao de Materiais Especiais  
Biblioteca Publica Benedito Leite  
Praça do Panteon, s/n.  
65020 - Sao Luis - MA

Mã. Sra. Helena **A**ngrade da Silveira  
Chefe - Museu Paraense Emilio Goeldi/DOC

Rua Perimetral - Campus de Pesquisa  
66050 - Cx. Postal 399  
Belém - PA

ma. Sra. Angela Maria G. Martins  
Centro Literario e Recreativo Portugues

Senador Manuel Barata, 477/479  
020 - Belem - PA

ma. Carmelinda do Socorro B. da Cruz  
Cafe SOR  
Biblioteca Publica  
Gentil Bittencourt, 650  
040 - Belem - PA

ma. Sra. Zuila Figueiredo de Araujo  
Arquivo Publico Estadual de Pernambuco

Rua do Imperador, 371 - Sto. Antonio  
010 - Recife - PE

mo. Sr. Diretor  
Gabinete Portugues de Leitura

Rua Imperador D. Pedro II, 290  
010 - Recife - PE

ma. Sra. Edilma Coutinho dos Santos  
Colecacao Joaquim Nabuco - Biblioteca

Rua 17 de Agosto, 2187  
050 - Recife - PE

mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
Convento do Carmo

Rua Nossa Senhora do Carmo, s/n.  
010 - Recife - PE

mo. Sr. Diretor  
Biblioteca F. Edelweiss  
Centro de Estudos Baianos - UFBA  
Rua Sete de Setembro, 548  
0130 - Salvador - BA

ma. Sra. Eliece Helena S. Araujo

ca Conselheiro Almeida Couto, 656  
050 - Salvador - BA

mo. Sr. Fr. Bento Viana, OSB  
steiro de Sao Bento da Bahia

rgo de Sao Bento, 1  
000 - Salvador - BA

mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
stituto Historico e Geografico - Bahia

Sete de Setembro, 94 A  
110 - Salvador - BA

mo. Sr. P. Severiano Alves Barbosa  
vento de São Francisco

ca Padre Anchieta, 7  
020 - Salvador - Ba

ma. Sra. Josefa Vieira dos Santos  
blioteca municipal Clodomir Silva

a da Bahia, 611  
050 - Aracaju - SE

iz Fernando R. Soutelo  
retario Geral  
6 - Sergipe  
a Itabaianinha, 41  
010 - Aracaju - SE

ma. Sra. Diretora Maria Lygia de Souza  
blioteca Publica do Estado da Bahia

a General Labatut, 27  
000 - Salvador - BA

ma. Sra. Diretora  
da Maria S. Prazeres  
quivo Publico do Estado De S. Catarina  
a Felipe Schmidt, 119

Mãe. Sra. Dietlinde Cairra Rothert  
Arquivo Hist. Joinville  
Postal D 100  
Rio de Janeiro, s/n.  
200 - Joinville - SC

Mo. Sr. Diretor Arquivo  
José F. da Silva  
Fundação Casa Dr. Blumenau  
Avenida Duque de Caxias, s/n.  
8015 - Blumenau - SC

Mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
Fundação Cultural de Joinville  
Rua Nereu Ramos, s/n.  
200 - Joinville - SC

Mãe. Sra.  
Anta Dolores Poeta F. Pacheco  
Biblioteca Pública Prof. Barreiros Filho  
Rua Coronel Pedro Demoro, s/n.  
1.075 - Florianópolis - SC

Mãe. Sra. Suzette Levy N. Teixeira  
Diretora Biblioteca Pública do Estado  
Rio Grande do Sul  
Rua Riachuelo, 1190  
91050 - Porto Alegre - RS

Mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Publ. do Est. de S. Catarina  
Rua Visconde de Ouro Preto, 42  
8015 - Florianópolis - SC

Departamento de Biblioteconomia e Hist.  
Fundação Universidade do Rio G. do Sul  
Av. Itália, Km. 8 - Campus Carreiros  
91200 - Rio Grande - RS

mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Municipal de Porto Alegre

Av. Mario Cinco Paus, 20/9º andar  
91010 - Porto Alegre - RS

mo. Sr. Padre Candido Stefani S. J.  
Responsavel pela Biblioteca  
Regio Cristo Rei  
Postal 416  
91001 - Sao Leopoldo - RS

mo. Sr. Responsavel - Bibl. Central  
Cidade Marobim  
Av. do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS  
Unisinós, 950 - Cx. Postal 275  
91020 - Sao Leopoldo - RS

ma. Sra. Selecta de Lacerda Gomara  
Biblioteca Publica do Parana  
Rua Candido Lopes, s/n.  
81020 - Curitiba - PR

mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Publica Dr. Martins Fontes  
Rua Jurubatuba, 80  
13035 - Santos - SP

Faculdade de Filosofia - Biblioteca  
Universidade Federal do Parana  
Rua Fernando Simas, s/n.  
81040 - Curitiba - PR

mo. Sr. Diretor - Biblioteca Municipal  
Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza  
Praça 10. de Maio  
86010 - Londrina - PR

ma. Sra. Ana Lucia Corso

mpus Universitario - Cx. Postal 6001  
054 - Londrina - PR

ma. Sra. Maria Regina Dantas Rodrigues  
Mario de Andrade - Obras Raras

a da Consolacao, 194/1º andar  
302 - Sao Paulo - SP

ma. Sra. Resp. Setor de Obras Raras  
ndra Souza Lare  
ICAMP - Biblioteca Central  
ixa Postal 1170  
089 - Campinas - SP

ma. Sra. Diretora  
blioteca Publica Luis de Bessa

ca da Liberdade, 317  
140 - Belo Horizonte - MG

mo. Sr. Diretor  
blioteca Publica de Mato Grosso

aca da Republica, 151  
015 - Curitiba - MT

mo. Sr. Diretor  
blioteca Publica da Fundacao Cultural

v. Pedro Palacios, 76  
015 - Vitoria - ES

ma. Sra. Diretora  
blioteca Publica do Espirito Santo

v. Joao Batista Parra, 165  
050 - Vitoria - ES

ma. Sra. Claudia M. S. Cintra  
blioteca Publica de Campo Grande

ua Barao de Rio Branco, 478

mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Publica Ribeiro das Neves

das Nogueiras, 131  
1.000 - Belo Horizonte - MG

mo. Sr. Diretor  
Biblioteca Publica Manoel C. Proenca

da Barao de Melgaco, 3.410  
1.085 - Cuiaba - MT

ma. Sra. Chefe Eni M. Araujo Serzanink  
Cmara dos Deputados  
Biblioteca - Secao de Col. Especiais  
Boxo II  
1.160 - Brasilia - DF

ma. Sra. Chefe da CAU  
Elizabeth A. Pelicano  
ENAGRI - Centro Nac. Info. Doc. Agricola  
C. Postal 102432  
1.043 - Brasilia - DF

mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
Centro de Estudos da Arquidiocese

da Coronel Mongardim, s/n.  
9.015 - Vitoria - ES

mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
Fundacao Cultural do Mato Grosso do Sul

da 13 de Maio, 2.302  
9.100 - Campo Grande - MS

mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
Fundacao Cultural do Est. Mato Grosso

vacas da Republica, 151  
8.015 - Cuiaba - MT

mo. Dr. Diretor da Biblioteca  
Fundacao Educacional de Goias - FECIGO

ca Bom Pastor, s/n.  
6.600 - Goiania - GO

mo. Sr. diretor da Biblioteca  
Gabinete Literario Goiano

ca 82, no. 455  
5.000 - Goiania - GO

mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
Ministerio da Justica

planada dos Ministerios - Terreo  
0.064 - Brasilia - DF

mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
Museu Solar Monjardim

caixa Postal 408  
9.000 - Vitoria - ES

ma. Sra. Ana Maria Miranda Oliveira  
Arquivo Publico Mineiro

ca Aimores, 1.450  
0.80 - Belo Horizonte - MG

ma. Sra. Maria Eliza N. Loddo  
Senado Federal - Diretora Biblioteca

Palacio do Congresso, Anexo 2 - Terreo  
0.160 - Brasilia - DF

ma. Sra. Helena Maria Antunes  
Biblioteca Central - SOR  
Universidade Fed. do Rio Grande do Sul  
Av. Paulo Gama, s/n. - Cx. Postal 2303  
9.001 - Porto Alegre - RS

ma. Sra. Maria Angela Sa. L. Guimaraes

aca Adolfo Cirne, s/n.  
1.050 - Recife - PE

mo. Sr. Diretor da Biblioteca  
iversidade Federal de Pernambuco

Prof. Moraes Rego, s/n.  
1.739 - C. Universitaria  
Recife - PE

ma. Sra. Chefe  
Biblioteca de Lourdes Uchoa Rezende  
iversidade Federal da Paraiba  
Cidade Universitaria  
5.059 - Joao Pessoa - PB

mo. Sr. diretor da Biblioteca Central  
Pro-Reitoria de Ensino e Pesquisa  
UFORA  
Universitaria - Martelos  
6.100 - Juiz de Fora - MG

mo. Sr. diretor da Biblioteca  
Procuradoria de Fazenda Federal  
Av. Planada dos Ministerios - Bl. 5 Terreo  
0.048 - Brasilia - DF

ma. Sra. Ana Maria de Lima Brandao  
Arquivo Nacional do Rio de Janeiro  
Rua Azeredo Coutinho, 77/406 A  
0.230 - Rio de Janeiro - RJ

ma. Sra. Maria tereza S. Alfonso  
BIBLIEX -Biblioteca do Exercito  
Rua Duque de Caxias - Ala Marcilio Dias  
0.455 - Rio de Janeiro - RJ

ma. Sra. Vera Lucia Guilhon Costa  
Biblioteca da Fazenda Federal

Av. Pres. Antonio Carlos, 375/1238

Srma. Sra. Lucilia Maia Friedman  
IDCRUZ - Fund. Osvaldo Cruz  
Biblioteca  
Av. Brasil, 4365  
20.010 - Rio de Janeiro - RJ

Srma. Sra. Maria Lucia Guilhermino  
Jardim Botânico - Biblioteca  
Rua Jardim Botânico, 1008  
2.460 - Rio de Janeiro - RJ

Srma. Sra. Dayse Lucia Pitta Heliodoro  
Inst. Nacional Meteorologia - Biblioteca  
Praça XV de Novembro, 2/513  
20.010 - Rio de Janeiro - RJ

Ilmo. Sr. diretor da Biblioteca  
Serviço de Documentação Geral da Marinha  
Ilha da Coorás  
20.091 - Rio de Janeiro - RJ

Srma. Sra. Leila Prestes Veloso  
UFRJ - Centro de Tecnologia - Biblioteca  
Setor de Obras Raras  
Ligação ABC s/104  
21.944 - Ilha do Fundão - RJ

Srma. Sra. Eloisa Helena C. Barroso  
Colégio Santo Inácio - Biblioteca  
Rua São Clemente, 226  
22.260 - Rio de Janeiro - RJ

Ilmo. Sr. Diretor da Biblioteca  
FNPM - Museu da República  
Rua do Catete  
22.220 - Rio de Janeiro - RJ

Imo. Sr. Diretor  
Sal. Gabinete Portugues de Leitura

Rua Luis de Camoes, 30  
0.051 - Rio de Janeiro - RJ

Ima. Sra. Elizabeth Bevilacqua  
Biblioteca Publica - RJ  
Praça Guanabarina  
v. Presidente Vargas, 1.261  
0.071 - Rio de Janeiro - RJ

Ima. Sra. Lidia Miranda - Biblioteca  
In. das Relacoes Exteriores - ITAMARATI

v. Marechal Floriano, 196  
0.080 - Rio de Janeiro - RJ

Ima. Sra. Responsavel pela Biblioteca  
Maria Luisa Mery  
FRJ - Escola de Musica - Biblioteca  
Rua do Passeio, 98  
0.021 - Rio de Janeiro - RJ

Ima. Sra. Carmem Dolores P. de Mello  
Biblioteca Cad. Camara - Arquidiocese

Rua da Gloria, 446  
0.000 - Rio de Janeiro - RJ

Ima. Sra. Maura Macedo Correa e Castro  
Inst. Historico e Geografico Brasileiro

v. Augusto Severo, 9/10º andar  
0.021 - Rio de Janeiro - RJ

Ima. Sra. Maria Nazareth Gomes  
IBGE - Subgerente da GEDOC - SG2

Av. Franklin Roosevelt, 166/303 A  
0.021 - Rio de Janeiro - RJ



MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO NACIONAL PRO-LEITURA  
BIBLIOTECA NACIONAL  
COORDENADORIA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO

3

PLANO NACIONAL DE RESTAURAÇÃO DE OBRAS RARAS - PLANOR

PROPOSTA DE TRABALHO

3

Rio de Janeiro - Agosto de 1989



## 1. APRESENTAÇÃO

O PLANOR - Plano Nacional de Restauração de Obras Raras, criado pela Portaria nº 19, da antiga Secretaria da Cultura do Ministério da Educação e Cultura, em 31 de outubro de 1983, vem sendo desenvolvido pela Biblioteca Nacional com a finalidade de identificar, preservar e divulgar os acervos de obras raras existentes em todo o País.

O texto inclui os objetivos gerais e específicos do PLANOR, a estratégia de atuação, as linhas programáticas e as respectivas frentes de trabalho, bem como as diretrizes e pré-requisitos para sua execução.

Trata-se, portanto, de um documento norteado por uma preocupação básica: aprimorar o desempenho de um Plano que envolve atividades técnicas bastante especializadas, cuja abrangência de atuação é de âmbito nacional.



## 2. OBJETIVOS

### 2.1 Objetivos Gerais

- Identificar, preservar e divulgar os acervos de obras raras existentes na Biblioteca Nacional, em instituições públicas e privadas e em coleções particulares de todo o País;
- Orientar sobre os procedimentos técnicos necessários à organização, catalogação, conservação, restauração e encadernação de obras raras existentes no País;
- Definir e coordenar a política nacional de preservação de obras raras.

### 2.2 Objetivos Específicos

- Realizar e divulgar o cadastro nacional das obras raras editadas a partir do século XV até a atualidade;
- Elaborar e divulgar catálogos, bibliografias especializadas, manuais de procedimentos técnicos e outros instrumentos destinados a orientar quanto à identificação, ao processamento técnico e à preservação de acervos de obras raras;
- Prestar assistência técnica para a organização e preservação de obras raras existentes no País e desenvolver programas de formação e aperfeiçoamento de mão-de-obra especializada;
- Promover a capacitação do corpo técnico da Biblioteca Nacional, visando estabelecer padrões técnicos de serviços e de materiais e equipamentos para a organização e preservação de obras raras;

| PARAGRAFO     |     | IND |   | TEXT O  |
|---------------|-----|-----|---|---|
| NOME          | COD | 1   | 2 |   |
| TITULO        | 245 |     |   | <p>Quinti Horatii Flacci venusini, poetae lyrici elegantis Opera: Grammaticorum XL tam antiquiss. quam notericorum partim iustis commentariis, partim succintis annotationibus, singulari studio, &amp; amplissimis sumptibus in unum corpus collectis, illustrata variisque ac vetustissimis exemplaribus collata, &amp; emenda in iisdem sublata quorum auth. nomina &amp; ordinem sequens pagina demonstrabit. —</p>   |
| • SUB-TITULO  |     |     |   |   |
| • AUTORIA     |     |     |   |   |
| • NUMERACAO   |     |     |   |   |
| EDICAO        | 250 |     |   | <p>Jam pridem, in studiosae iuventutis gratiam et utilitatem post herculeos labores edita, cum gemino indice rerum, verborum ac sententiarum locupletissimo / [edidit Nicolaus König]. —</p>  |
| IMPRESSAO     | 260 |     |   | <p>Basilae: per Sebastianum Henricpetri, in. non. martii. 1580 [4 mar. 1580]</p>  |
| COLACAO       | 300 |     |   | <p>[60] p., 2280 ab., [12] p.: il.; 6° (35 cm).</p>   |
| SERIE         |     |     |   |   |
| NOTAS         |     |     |   | <p>"... cette édition, à cause des nombreux et savants commentaires, dont elle est enrichie, mérite certainement d'être distinguée ainsi que celles de 1570 et 1580..." Brunet, t. 3, p. 314.<br/> "... est estimée à cause de la réunion de notes d'un grand nombre de commentateurs..." Nouv. Biog. Gén. n. 25, col. 158.<br/> "il serait impossible de nombrer tous les commentateurs d'Horace. On en compte déjà quarante dans l'édition donnée en Bâle, 1580." Michaud, t. 19, p. 628.<br/> Graesse t., 3, p. 350.<br/> Primeira edição, Basileae: Henri Petrus, 1555.<br/> Editor retirado da "Epistola Nuncupatoria" e da B. N. de Paris, t. 73, col. 631.</p> |
| ASSUNTOS      |     |     |   |   |
| ENTR. SECUND. |     |     |   | <p>König, Nicolaus, in 1598<br/> Titulo</p>   |

| AQUISIÇÃO |                     |
|-----------|---------------------|
| REALIZADO | AUTORIZADO/REVISADO |
| POR: / /  | POR: / /            |
| EM: / /   | EM: / /             |

| CLASSIFICAÇÃO |                     |
|---------------|---------------------|
| PAD           | AUTORIZADO/REVISADO |
| 104184        | POR: 3/09/85        |

Data retinada da "Epistola Nunciatoria."  
Data do "praefatio": 1555.  
Paginação retinada do Graesse, t. 3, p. 350.  
Marca de Sebastianus Henricpetrus na página de rosto.  
Capitais historiadas e ornamentadas.  
Assinaturas: +--+<sup>6</sup>, a-c<sup>6</sup>, A-DDdd<sup>6</sup>.  
Texto sobreposto, em linha tirada, e em 2 colunas.  
Caracteres aldinos e romanos.  
fol. 650 impressa como 659.  
Inclui índice.  
fol. 1021-1024 inseridas fora de seqüência.  
Exemplar incompleto: faltam as p. 11-12 finais.  
Carimbo: Da Real Bibliotheca.

|               |     |  |  |  |                |
|---------------|-----|--|--|--|----------------|
| AUTOR         |     |  |  |  | João           |
| TIT. UNIFORME | 130 |  |  |  | [Obras. Latin] |

| PARÁGRAFO     |                     | IND           |                     | TEXTO  |
|---------------|---------------------|---------------|---------------------|--|
| NOME          | COD                 | 1             | 2                   |  |
| TÍTULO        | 245                 |               |                     | Aristotelis omnia quae extant opera selectis translationibus collatisq; cum graecis emendatissimis, ac vetustissimis exemplaribus, illustrata, praestantissimorumq; aetatis nostrae philosophorum industria diligentissime recognita. Quaevis cordubensis in ea opera, omnes, qui ad haec usq; tempora pervenire commentarij. Nonnulli etiam ipsius in logica, Philosophia et Medicina libri, cum loci Gersonidis in libris logicis annotationibus, quorum plurimi sunt, à Jacobo Martino, in latinum conversi, quorum arabum, & latinorum lucubrationes quaedam ad hoc opus pertinentes. Marcia Antonii Zimarae philosophi in Aristotelis, et Averrois dicta, in philosophia contradictionum, solutiones, proprijs locis anere. Bernardini Tomitani logicae atque philosophiae praestantissimi,   |
| • SUB-TÍTULO  |                     |               |                     |  |
| • AUTORIA     |                     |               |                     |  |
| • NUMERACAO   |                     |               |                     |  |
| EDICAO        | 250                 |               |                     |  |
| IMPRESSAO     | 260                 |               |                     | Venetijs: apud Juntae, 1573-1575.  |
| COLACAO       | 300                 |               |                     | 10 v. em 13 : il.; 8° (13 cm)  |
| SERIE         |                     |               |                     |  |
| NOTAS         |                     |               |                     | <p>Título da lombada: De substantia orbis, n. 9 e 10.<br/> "A data 1575 ocorre no título geral da coleção..."<br/> Cat. Cimelios, p. 91.<br/> Marca de Loucas Antonio Junta na página de rosto e páginas de rosto adicionais.<br/> Capitais ornamentadas.<br/> Assinaturas: v. 1 (pt. 1): +<sup>8</sup>, ++<sup>4</sup>, A-N<sup>8</sup>, O<sup>4</sup>, +<sup>8</sup>, A-X<sup>8</sup>; v. 1, pt. 2: +<sup>4</sup>, A-BBBB<sup>8</sup>; v. 1, pt. 3: A-V<sup>8</sup>; v. 2: A-EE<sup>8</sup>, FF<sup>4</sup>; v. 3: +-+<sup>8</sup>, A-ZZ<sup>8</sup>, AAA<sup>4</sup>; v. 4: +<sup>4</sup>, A-RRR<sup>8</sup>, SSS<sup>4</sup>; v. 5: +<sup>4</sup>, A-QQQ<sup>8</sup>, RRR<sup>3</sup>; v. 6, pt. 1: +<sup>8</sup>, ++<sup>4</sup>, A-CC<sup>8</sup>, DD<sup>4</sup>, +<sup>8</sup>, A-BB<sup>8</sup>, CC<sup>4</sup>; DD-FF<sup>8</sup>; v. 6, pt. 2: a-u<sup>8</sup>; v. 7: +<sup>4</sup>, A-DDD<sup>8</sup>, EE<sup>4</sup>; v. 8: +<sup>4</sup>, A-GGG<sup>8</sup>; v. 9: A-V<sup>8</sup>; v. 10: A-QQ<sup>8</sup>.</p> |
| ASSUNTOS      |                     |               |                     | Aristotelis - Comentários<br>Filosofia   |
| ENTR. SECUND. |                     |               |                     | Aristotelis. Selegões.<br>Martino, Jacob, m. 1549?<br>Bernardino, da Feltria, 1439-1494.<br>Mart. Manuel, 1663-1737.<br>basi ben Gerson, 1288-1344<br>Bellos, Miguel, 1018-1078 ou 1097.<br>Zimara, Marco Antonio, 1460-1523.<br>T. 6  |
| AQUISIÇÃO     |                     | CLASSIFICAÇÃO |                     |  |
| REALIZADO     | AUTORIZADO/REVISADO | REALIZADO     | AUTORIZADO/REVISADO |  |
| POR:          | POR:                | POR:          | POR:                | lo. 6  |
| EM: / /       | EM: / /             | EM: 03/06/85  | EM: 10/06/85        |  |

in Arist. & Aver. dicta in primo libro post. reform.  
 contradictionum, solutiones, necnon eiusdem libri  
 locorum, qui obscuriores habentur conversiones & inquadrationes  
 in Aver. quæsitæ demonstratiua, argumenta, & magnorum  
 commentariorum, quatuor sententia, certo ordine  
 collecta, quæ emendatæ sunt eiusdem Tomitani lectionibus  
 excerpta suere. Superadditæ sunt huic operi Michaelis  
 Poelli metaphasis secundi libri poster. Emmanuelis  
 Margunio interprete, eiusdemq. Samme in eundem  
 annot. Tabula M.A. Zimarae lucidissima, ac  
 auditiissima, . . .

## NOTAS

Texto em 2 e 3 columnas. Commentários em columnell.

Caractères aldines e romanos.

P. 23 impressa como v. 1 [pt. 1]; p. 139 impressa como 339,  
 v. 1, pt. 3; p. 214 impressa como 114, v. 2; p. 298 impressa como  
 98, v. 5.

Emendação em Pergaminho, n. 9 e 10; com lombada  
 em couro, v. 1, pts. v. 2-6, pt. 1 e 2, v. 7 e 8. Lombada gravada  
 em dourado, v. 1, pt. 2; v. 2-6, pt. 1 e 2; v. 7-10. Cortes em  
 azul e natural, v. 1, pt. 1-3; v. 2-6, pt. 1 e 2; v. 7-10.

Selo da off. enc. da Bib. Nac. no verso da capa, v. 9-10.

Amplaxes manuscritas artinte (1,4,35) na página de rosto  
 do v. 1 [pt. 1]; (1,4,37) na página de rosto do v. 1, pt. 2;  
 (1,4,36) na página de rosto do v. 1, pt. 3; (1,4,38)  
 na página de rosto do v. 3; (1,4,39) na página de rosto  
 do v. 4; (1,4,40) na página de rosto do v. 5; (1,4,41) na página  
 de rosto do v. 6; (1,4,42) na página de rosto do v. 6, pt. 2;  
 (1,4,43) na página de rosto do v. 8; (1,4,44) na página de rosto do v. 9.

Carimbo da Biblioteca Nacional e Publica - Rio de Janeiro, v. 1-10.

V. 1, pt. 2 e v. 2 em 1 volume; v. 6, pt. 2 e v. 7 em  
 1 volume; v. 9 e 10 em 1 volume.

v. 1 [pt. 1]: Aristotelis Stagiritæ organum. — 1574. —  
 [20], 106, 168 f.

v. 1, pt. 2: Aristotelis Stagiritæ posteriorum resolutorium  
 — 1574. — [4], 568 f.

v. 1, pt. 3: Aristotelis Stagiritæ topicorum atq; elenchorum. —  
 1574. — [4], 175 f.

v. 2: Aristotelis de rhetorica et poetica. — 1574. —  
 228 f.

v. 3: Aristotelis Stagiritæ libri morales totam philosophiam  
 complectentes. — 1574. — [16], 372 f.

v. 4: Aristotelis de physico auditu. — 1574. — [4], 508 f.

v. 5: Aristotelis de celo, de generatione & corruptione  
 meteorologicorum de plantis. — 1574. —  
 [4], 499 f.

v. 6, pt. 1: Aristotelis libri omnes ad animalium cognitionem  
 — 1574. — [12], 212, [8], 228 f.



Inscrição, t. 5, p. 272.

Tradução de : Os Lusíadas.

Elogios ao tradutor em latim.

Página de rosto adicional gravada.

Capitais ornamentadas. Vinhetas.

"Algumas, mas poucas vezes, o tradutor alterou  
adicionou algumas oitavas do Poema ..., o que  
lugar a inserir a estância XVI do canto III.  
est. 134, cant. X, emendou um erro histórico...  
est. 143 é destinada a preencher o vazio que o  
ductor nota... As ultimas seis estancias da tra-  
ção são igualmente acrescentadas..." Anais da  
v. 2, p. 333, n. 96.

Dedicatória impressa do tradutor ao Papa Alex-  
andro VII.

Encadernação em couro, ex. 3. lombada-grova  
em dourado, ex. 3 e 4. Cortes em dourado, ex. 1.  
em vermelho, ex. 3.

Selo do encadernador no verso da capa, ex. 3



## BIBLIOTECA NACIONAL

Margem do título e do último página.

Capitulos ornamentados. Vinhetas.

Letra do texto e as colunas.

Letras com suas de impressão

Limitadas as p. 551 a 556, 725 a 726 e a paginação de algumas páginas.

Inclui índice.

Conteúdo: *Leges Visigothorum* — *Edictum Theoderici Regis* — *Lex Burgundionum* — *Lex Salica* — *Lex Alamanorum* — *Lex Baiuvariorum* — *Decretum Theodoricus Ducis* — *Lex Ripuariorum* — *Lex Saxonum* — *Anglorum et Werinorum* — *Frisiorum* — *Langobardorum* — *Constitutionis Seculae sive Neapolitanae* — *Capitulare Karoli M. et Ludowici Imp. & c.*

Encadernação em couro, ex. 1 e 2

Página de rosto e as 4 p. preliminares montadas, ex. 1.

Exemplar 1 incompleto: faltam as p. 1565 a 1570 (i.e. 1555 a 1560) e as 6 p. finais.